

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor chefe PAES D'ANDRADE -- Redactor gerente S. SCHELEDER -- Redactor secretario A. PAMPHIRO

REDACÇÃO — Rua da Quitanda, 74

ANNO XII

Rio de Janeiro, Maio e Junho de 1925

Ns. 137—138

Em torno do Serviço Militar

O observador menos perspicaz não se terá desapercebido, d'um certo tempo para cá, do numero elevado de isenções do serviço militar, ocorrido por effeito de *habeas corpus*, Concedidos pelo poder competente.

Si é verdade que taes isenções sempre houve, entre nós, como um recurso, facultado pela lei, aos que, por circunstancias diversas, são sorteados indebitamente, seu numero já-mais se elevou ás cifras impressionantes a que tem attingido ultimamente.

Não é demais accentuar os serios prejuizos que d'ahi decorrem, não só de ordem material como moral, por isso que acarretam embargos á formação annual dos effectivos e, de certo modo, não abonam lisongeiramente o modo como está sendo executado o serviço.

Seria, portanto, de toda vantagem investigar-se seriamente a causa desse phenomeno, afim de serem postas em pratica medidas em condições de remediar efficazmente taes inconvenientes.

Acerca do assumpto, já houve até quem pretendesse incriminar a mocidade brasileira, atribuindo-lhe a causa do mal.

Estamos certos, porém, de que tal observação é superficial e redundante numa sonegação injusta das qualidades moraes de nosso povo.

Isenções justificaveis são previstas nas leis do serviço militar compulsorio de todos os paizes do mundo e, em toda parte, os que se acham amparados por taes dispositivos de excepção pleiteiam e conseguem, como é natural, a observancia de seus direitos.

E não passa disso, no que lhes respeita, no caso, o que fazem tambem os jovens, entre nós, quando se julgam assistidos por dis-

posições expressas do respectivo Regulamento.

Não nos parece lícito, assim, responsabilisar os exclusivamente: o phenomeno é mais complexo.

O *habeas corpus*, em regra, é concedido em virtude de uma irregularidade constatada na execução da lei, na pratica do serviço.

A multiplicação que agora se vê obser-vando de taes recursos pode provir, ou da propria regulamentação da lei, da maneira como vae sendo executada ou ainda da interpretação que lhe esteja a dar o mais alto Tribunal do Paiz.

Como se vê, só um minucioso exame dos motivos que os hajam fundamentado, caso por caso, classificados, em seguida, estatisticamente, poderá caracterisar a natureza das providencias a serem tomadas no sentido de neutralizar a evasão.

E' muito possivel que o mal não seja tão singular como a tantos se afigura e em vez de estar localizado n'uma só d'aquellas espheras, haja attingido á mais de uma, talvez á todas.

Com a maxima sinceridade e animados do melhor sentimento patriotico, d'aqui lançamos nosso appello ás altas autoridades do Exercito, no sentido de ser procedida a rigorosa investigação a que nos referimos e, consequentemente, applicado o conjunto de providencias baseadas nos resultados desse exame.

Ha um factor de que muito depende a bôa marcha desse serviço: é a idoneidade, principalmente moral, dos encarregados de sua execução.

Effectivamente, por mais perfeito que seja a regulamentação de qualquer serviço público, não se conseguirá execução relativamente perfeita, enquanto, á testa de cada um de seus órgãos elementares, não estiverem elementos compenetrados de seus deveres e dos grandes interesses nacionaes que exprimem.

D'ahi a necessidade imperiosa de seleccionar, tanto quanto possível, os candidatos a esses cargos — o que exige remuneração compativel com as exigencias impostas pelo bom desempenho das funcções.

Para compreender-se a magna importancia que reveste esse serviço, basta considerar que, de um lado, toda a renovação annual dos efectivos dos corpos do Exercito é hoje uma função directa do bom andamento do alistamento e sorteio e, de outro, que elle joga com os mais respeitaveis interesses de todos aquelles que attingem á idade prevista em lei.

Si o serviço militar é curto e relativamente brando, entre nós, é preciso lembrarmos que não ha, no Paiz, contribuição obrigatoria menos leve, posto que nenhuma outra se lhe avantage na elevação patriotica e no abnegado espirito do bem publico.

N'estas condições, o arbitrio e as irregularidades praticadas, sejam elles de que natureza forem, por desidia ou por delictos mais graves, assumem o caracter da mais alta gravidade, por importarem em injustiças dignas de clamor, ferindo visceralmente o principio da egualdade de direitos.

Taes considerações, ainda que breves, mostram, todavia, como os interesses collectivos do Exercito, não só dos cidadãos, ficam, a um tempo, á mercê desse serviço e bastam, portanto, para encarecer a rigorosa selecção a que nos referimos, bem como a necessidade de uma fiscalisação, permanentemente organisada, de forma a se poder escoimal-o, até onde seja possível, dos vicios de que se resente.

Este serviço de inspecção, para produzir os fructos que se tem em mira, carece:

- a) ter o caracter de *fiscalisação pessoal*.
- b) ser organizado em cada Região e Circunscripção Militar, sob o controle dos respectivos commandos;
- c) dispôr, em cada uma d'ellas, de numero suficiente de delegados que inspirem a mais absoluta confiança;
- d) ser executado homogeneamente, em todo o Paiz, mediante as mesmas instruções, organisadas pelo E. M. E.

Uma fiscalisação assim organisada deve ter por fim, não só combater e responsabilisar os respectivos encarregados pelos abusos intencionalmente criminosos que porventura pratiquem, como oriental-os, conveniente e uniformemente, para a melhor pratica de serviço.

Parece-nos que assim procedendo ter-se-á encarado de frente as duas valvulas de escape do alistamento e sorteio e de serviço propriamente dito: *alistamento incompleto, vicios para habeas corpus*,

Synthetizando, afinal, o que, a longos traços, expuzemos, afigura-se-nos indispensavel, pois, sem prejuizo de outras medidas sugeridas pelo estudo pormenorizado da questão, promover-se :

A — Investigação profunda e minuciosa, visando determinar a origem dos vicios que hão dado ensejo á alarmante concessão de *habeas corpus*; e, consequentemente;

- a) a revisão do Regulamento ;
- b) a revisão do pessoal ;

B — Criação do serviço de inspecção permanente, tendo em vista :

- a) orientar aos encarregados do serviço por sua melhor e mais uniforme execução ;
- b) responsabilisar aos que incidem criminalmente em infracções da lei.

MAJOR KLINGER

De Campo Grande, onde se acha este illustre camarada nosso, ex-redactor-chefe desta Revista e actualmente seu Presidente de honra, recebemos attenciosa carta, na qual novamente insiste na sua exoneração do elevado posto que occupa nesta redacção e de seu grupo mantenedor, allegando, como já o fizera da primeira vez, não lhe ser lícito occu-

par permanentemente tão elevado quão honroso posto, nem fazer parte do grupo, desde que se acha ausente desta capital, em guaraníção longinqua, d'onde nem siquer lhe é possivel manter o contacto compativel com a situação em que se acha na redacção, como declara.

A primeira vez que esse distinto camarada

fez essa solicitação, achava-se ainda no Perú, em missão militar, conforme se vê de sua carta, que abaixo transcrevemos.

Ouvídos, então, os membros do grupo mantenedor ácerca do assumpto, resolveram todos appellar para seu ex-redactor, no sentido de retirar seu pedido, negando-lhe a exoneração, em virtude dos notórios e relevantes serviços por elle prestados ao Exército, não só através de nossa Revista, como fóra d'ella.

Agora, porém, apezar de todos desta casa continuarem a alimentar os mesmos sentimentos ácerca do illustre camarada, não nos foi possível deixar de attendel-o, em virtude de sua resolução, que sabemos ser absolutamente irrevogável.

Constrangida a assim proceder, a actual Redacção não pôde deixar de lamentar o afastamento de seu ex-redactor, velho e incansável paladino da prosperidade do nosso Exército. Sem desmerecer nos demais camaradas que tanto fizeram pelo brilho e efficiencia de nossa Revista, no seio do Exército e em todo o Paiz, seria clamorosa injustiça sonegar ao denodado camarada a formidável obra que aqui executou, animado por uma Fé inquebrantável, inspirando a mais operosa e constructiva intelligência.

Basta lembrarmos que o renascimento militar do Brasil, constatado nos primórdios de nosso seculo, conjuga-se com o aparecimento de nossa Revista, cujas páginas fizeram-se o echo fecundo e edificador da aurea evangelisação, e que á testa desse movimento, altamente patriótico, collocára-se, como um dos mais sinceros e denodados batalhadores, o bravo companheiro de lucta.

E', portanto, com o maximo pezar que esta Redacção o vê afastar-se de seu seio, pelas razões expostas, que não são della, mas não pôde deixar de acatar, antes de tudo, pelo respeito que lhe merece o fôro da consciencia do Major Klinger, de sua integridade moral, livre de qualquer controvérsia.

Damos, a seguir, as cartas:

«Bordo do Alm. Jaceguay, 18-7-924.

Prezados camaradas !

A singular conjunctura desses dias tristíssimos me impõe que aproveite a oportunidade para renovar o meu velho pedido de suppressão de meu nome do «grupo mantenedor» d'«A Defesa Nacional» e muito especialmente do título de «Presidente de Honra».

Bem imagino que não vos terá faltado a velha confiança em mim deante da gravíssima suspeita que me attingiu ; que, em todo caso, não tereis tido a fraqueza ou levianidade de prejulgar, sem exame, rendendo-vos ao inopinado assalto das apparencias, boatos e accusações vagas.

Mas, a mesma tradicional severidade d'«A Defesa Nacional» exige no momento a providencia que de novo reclamo, a cuja larga protelação só me submetti no proposito, que agora mesmo ainda evidencio, de poder com isso ser útil á nossa revista. Reproduzo, a seguir, a carta que ha mais de 2 annos escrevi ao então redactor-chefe.

Lima (Perú), 9-1-22.

Caro amº Lima e Silva.

Saudações muito cordeas.

Estas linhas são dirigidas á redacção da nossa galharda «A Defesa Nacional», ou, melhor, a todo o grupo mantenedor ; a pontaria, porém, é feita em ti porque presumo que ainda és o redactor-chefe e porque, além das outras facilidades que para mim resultam dessa feliz circunstancia, não me daria tanto geito escrever uma carta sem precisar seu destinatario, sem um centro do alvo.

Trata-se da minha situação de Presidente de Honra, na fachada da nossa amada revista, situação a que já é necessário pôr termo. Desde algum tempo, em momentos de folga, neste meu doce-amargo desterro negro dourado, tenho pensado no caso. Vocês saberão desculpar-me que não me ocorresse ha mais tempo reflectir nesse e que não tivesse mais promptamente a consequencia ora expressa nesta comunicação do meu amadurecido, irrevogável desejo de ser eliminado de tão alto posto.

Não tento renovar agora os meus profundiíssimos agradecimentos pela extraordinaria homenagem que recebi com o acto do grupo mantenedor de investir-me de tal distincção; já vocês sabem que falta-me a capacidade para traduzir em palavras o quanto isso me affecta; o que vocês têm a fazer é admittir que eu sei sentir-o.

Acontece, porém, que evidentemente choca-se com o feitio d'«A Defesa Nacional» o uso permanente desse adorno, num presidente de honra, sem fallar na má figura daquelle a quem coube a inegualável fortuna de ser o primeiro a servir para tal fim.

Já vae para um anno (*) que d'ahi me afastei, e apezar de minha vontade de não cessar na collaboração constante, não me tem sido isso possivel. E aberra de todo o passado de nossa revista que figure alguém á sua frente, no grupo mantenedor, alguém que não esteja mantendo coisa alguma, nem ao menos o tão precioso contacto, capaz de alimentar a comunhão de vistos e de esforços.

Se a conservação desse contacto já é difícil dentro do paiz e é uma das razões porque, muito avisadamente, os nossos estatutos determinam a eliminação dos membros do grupo mantenedor que sahiam do Rio ou Nictheroy, muito mais é para quem esteja no estrangeiro (**).

Demais, concedendo que fique consagrado o generoso precedente do reconhecimento de

(*) Hoje já são quatro annos.

(**) E para quem está em Matto Grosso, a situação sob esse ponto de vista é peior do que no Uruguay, Argentina ou Chile.

um Presidente de Honra, é de esperar que nunca nos faltem companheiros merecedores de identica distinção; seria ridículo, porém, instituir pluralidade de tais titulares, e seria cruel não poder prestar essa homenagem futuramente a outros, porque esteja indefidamente tomado o lugar de honra.

E para o proprio homenageado cessa o estímulo de continuar a bem merecer, si tão alto premio tiver o carácter de ilimitado no tempo. A solução harmonisadora é, pois, fazer limitada a duração da presidente de honra, como o é a da effectiva.

Por fim, vocês acharão ainda outras razões; o essencial é que nos entendamos que é preciso attender ao meu desejo, como já disse, irrevogavel, de não mais figurar o meu nome como Presidente de Honra d'« A Defesa Nacional».

Com affectuoso abraço, o amº, ador. e obrº

KLINGER

Estudo tactico de um contra-ataque do III Btl. do 141 R. I. em 12-IV-1918

HANGARD—SANTERRE

(*Cel. Mangematin*)

I — EXPOSIÇÃO SUMMÁRIA DA SITUAÇÃO GERAL
E DO PAPEL REPRESENTADO PELO III BTL.
DO 141 R. I., DE 29 DE MARÇO A 12 DE ABRIL
DE 1918, NO SECTOR DE HANGARD

Foi na tarde de 29 de março que a 21 D. I. chegou á região de Boves-Longueau: por essa occasião o inimigo que rompera o sistema de defesa, attingira a linha balizada por Marcel - Cave e Moreuil.

O III Btl. do 141 R. I. encontra-se ás 18 hs. em Rougeau e recebe ordem de seguir imediatamente para Hangard, local de particular importancia. Effectivamente, o *La Luce*, que corre ao Sul de Hangard e que limita as zonas de acção das tropas inglesas — que se batem a W. e francesas — engajadas ao S. — constitúe um caminho aberto á infiltração do inimigo e que se faz mister barrar, a todo transe.

Depois de uma penosa marcha de approximação, o III Btl. chega a Hangard, onde encontra os ingleses, com quem o cmt. deste Btl. procura estabelecer estreita ligação.

No dia 5 de abril, o III Btl. ocupa Hangard, apezar da acção violenta da artilharia

alemã e de sério ataque desbordante realizado pelo inimigo ao seu flanco esquerdo.

Ao cahir da tarde de 8 de abril, o 141.º é substituído pelo 165.º R. I. em suas posições apenas organizadas.

Depois de dez dias de fogo, o III Btl. vai acantonar em Fouencamps, onde se conserva até 12 de abril, como reserva da D., enquanto a calma, aos poucos, se restabelece no sector.

II — O ATAQUE ALLEMÃO SOBRE HANGARD, A 12 DE ABRIL

No dia 11 de abril, na previsão de um ataque da D. I., o 141.º R. I. em ligação sobre o *La-Luce*, com o 165.º, ocupa o sector, escalonado em profundidade, conforme a repartição seguinte;

II Btl. no bosque da cota 104 ;

I Btl. na ravina ao W. da cota 86 — reserva da 1. D.

A 12 de abril, ás 6 hs., depois de violento bombardeio por obuzes-fumígenos, o inimigo ataca rigorosamente o bosque, da cota 104, em Hangard, e, esta posição caihe desde logo, apezar de pertinaz defesa das 5.ª e 6.ª cias.

A's 12 horas, o inimigo penetra em Hengard, defendida pelo 165 R. I. : a 7.^a cia. do 141 R. I. ocupa a margem do Luce até Hourgey, enquanto que a orla S. E. desta localidade é mantida por elementos reconstituídos das 5.^a e 6.^a cias.

Em Fouencamps, o III Btl. que se preparava para substituir em Thennes os fuzileiros navares, é alertado, após contra-ordem, e parte às 9 hs. com o Cel., para se conduzir a N. O. da cota 86 (croquis n. 1).

e dá aos seus cmts. de cias. as seguintes instruções de detalhe :

1) Dispositivo de marcha do Btl. :

9.^a cia. à esquerda ;

10.^a cia. no centro ;

11.^a cia. à direita ;

C. m., uma sec. com. cada cia., 4.^a sec. de reserva.

2) Ponto de direcção : Domart :

Os cmts. de cia., desde a sua chegada a essa localidade, procurarão abrigar os seus

homens e ter a sua unidade em condições de executar qualquer movimento.

3) Eixo de marcha das cias. :

9.^a cia. — Estrada de d'Amiens ;

10.^a cia. — Estrada Domart-Berteaucourt ;

11.^a cia. — Caminho ao longo do La Luce, 300 ms. ao S.

4) As cias. marcharão em pequenas colunas muito espaçadas e suficientemente escalonadas em profundidade.

5) Os cmts. de cias. conduzir-se-ão, logo que possível, ao P. C. do Cel. Prunier (croquis n. 2), onde rece-

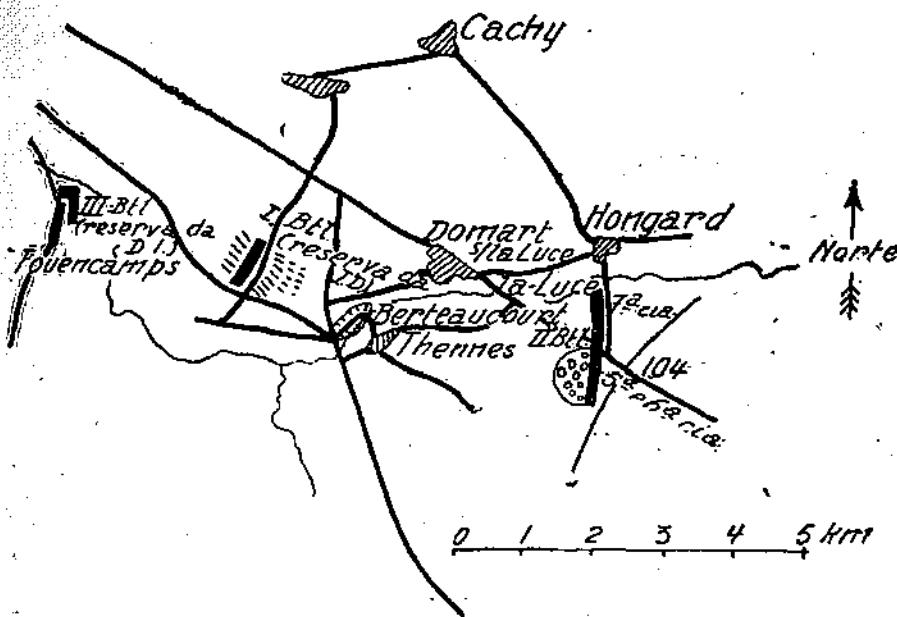
berão novas ordens.

O movimento terminou, sem incidentes, às 14 hs. 15 ms.

Pode, á primeira vista, parecer esquisito ter o cmt. Chevalier dado ordem para abrigar o Btl. na aldeia bombardeada ; na realidade, porém, foi tal medida muito judiciosa, por isso que cumpre considerar ter o cmt. da I. D., máo grado a progressão de ataque alemão, previsto o engajamento imediato do Btl. De mais a mais, a demora nas posições ocupadas contribui para o perfeito conhecimento, por parte de todos os homens, da aldeia e seus cobertos ; consequentemente, o Btl. escapará melhor ás investigações da aviação inimiga, o que não daria se ocupasse as garupas visíveis, preferíveis no caso de reunião precipitada.

IV — A ORDEM DE ATAQUE — OCCUPAÇÃO DA BASE DE PARTIDA

Assim que o cmt. Chevalier chegou ao P.



III — III BTL. RESERVA DA D. I.

Marcha de approximação

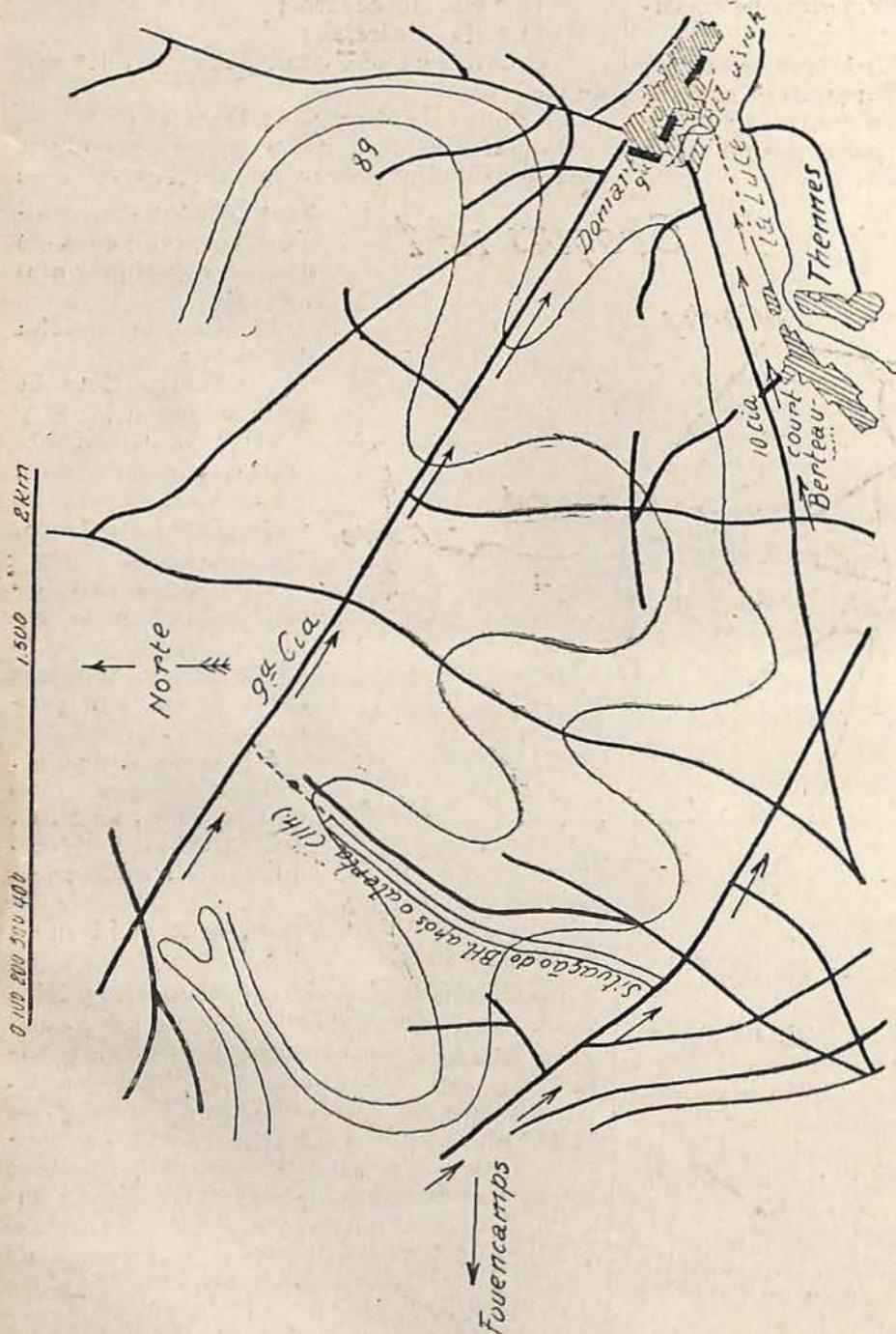
A's 12h30^m, o cmt. do III Btl. recebe da D. I. a seguinte ordem :

« A partir deste momento constitue o vosso Btl. reserva da I. D. Deveis marchar imediatamente, porém sem precipitação, á saída O. de Domart, tomando todas as formações uteis contra a A. e os aviões. »

« O Btl. não se engajará senão em caso de absoluta necessidade e o fará, seja á ordem do cmt. da I. D., seja á ordem do Cel. Prunier. (165 R. I.) »

« O cmt. Chevalier (do III Btl.), collocar-se-á, desde a sua chegada, á disposição do Cel. Prunier, que tem o seu P. C. á saída O. de Domart. »

A partir do momento em que foi transmitida esta ordem, o cmt. do Btl. destaca um agente de ligação junto ao cmt. do 165 R. I.

CROQUIS N^o 2

C. do Cel. Prunier, foi informado terem os alemães ocupado *Hangard*, cuja guarnição, dividida em duas, se encontrava parte no castello (cmt. Delache, do 165 R. I.), parte nas vertentes ao S. da cota 99.

O Cel. Prunier quer restabelecer a situação

e pede autorização para montar, com o Btl. Chevalier, um contra-ataque, tendo *Hangard* como objectivo.

O cmt. da I. D. *retarda a execução desta ordem*, permite, porém, que o Btl. ocupe a base de partida.

Perguntar-se-á por que o Btl. Chevalier não se engajou após a sua chegada a *Dormant*, conforme queria o Cel. Prunier. A espera a descoberto que se ia impor á tropa por algumas horas, abalaria o moral dos homens e cada vez mais crítica tornaria a situação dos elementos que resistiam, em vista da ocupação de *Hangard* por necessidade.

A extrema escassez das tropas de reserva obrigou, não ha negalo, o Cel cmt. da I. D. a não empenhar o Btl. *senão no caso de absoluta necessidade*, apôs á queda das ultimas resistencias; acresce ainda que o ataque devia ser conduzido em colaboração com as forças inglesas, cuja demora mais retardou a hora da acção.

A's 16 hs., o Btl. Chevalier ocupou posição na ravina ao N. de *Dormant*.

A's cias. foi determinado que se instalassem nos declives a O. da ravina; os declives de E. por muito

abruptos, prestar-se-iam mal á defesa no caso de novo avanço do inimigo, o qual obrigaria o Btl. a bater-se, tendo uma ravina pela retaguarda.

No fim do movimento, o dispositivo do Btl. é o seguinte :

9.^a cia. nas alturas de Domart ;
 10.^a cia. na cota 89 ;
 11.^a cia. 500 ms. á retaguarda da 9.^a, como apoio.

Cada cia. dispõe de uma sec. mtr.; a sec. de reserva da cia. mtr. marcha com a 11.^a cia.

As cias. alcançaram as suas posições de espera, em pequenas columnas, com largos intervallos e escalonadas, dispositivo já utilizado na marcha de approximação sobre Domart.

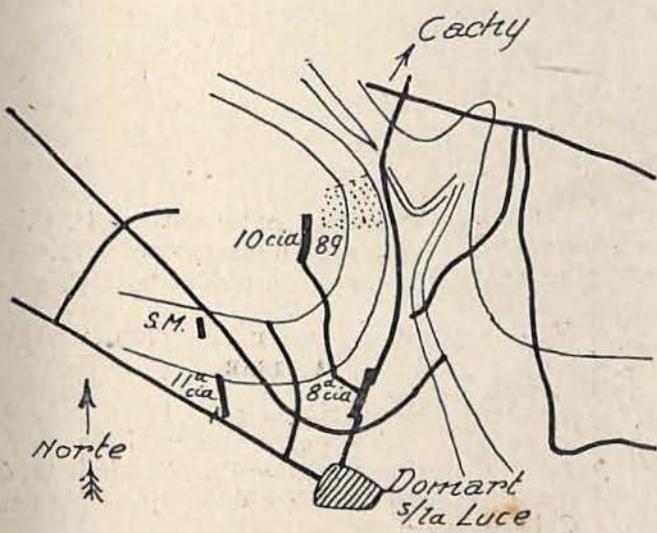
V — A ACÇÃO OFFENSIVA

A's 17 hs., o Cel. Prunier obtém permissão para empenhar o 3.^º Btl., objectivando retomar Hangard; o ataque, porém, deve ser conduzido em combinação com as tropas inglesas e o cmt. Chevalier é avisado ás 18 hs. 15 ms., de que o seu Btl. só deverá transpor a estrada Domart—Cachy, depois que aquelas se encontrarem nas suas posições. O comando inglez prevê — 18 hs. 45 ms. — como hora provável da chegada das suas primeiras unidades.

Além disso, o Cel. Prunier recomenda ao cmt. Chevalier actuar sobre as vertentes S. da cota 99, afim de ter facilidade de manobra pela esquerda da aldeia.

Após o recebimento da ordem de ataque, o cmt. Chevalier reúne os seus cmts. de cias. e lhes dá as seguintes instruções (croquis n.º 3):

CROQUIS N.º 3.



0 100 200 300

2 Km

a) 9.^a cia.—eixo de marcha—Estrada Domart—Hangard. Missão : atacar a aldeia de frente, com duas secções ao N. da estrada. Esta cia. cobrir-se-á á direita com uma sec., a qual marchará ao S. da estrada rumo ao castello ;

b) 10.^a cia.—prolongará á esq. a acção da 9.^a com duas sec. em 1.^º escalão e uma sec. de reserva ;

c) 11.^a cia. — marchará á retaguarda do centro do dispositivo como apoio ;

d) As cias. conservarão as suas sec. de mtrs., a 4.^a marchará com a 11.^a cia.

Conforme as previsões, ás 19 hs. 55 ms. as cias. transpõem a estrada Domart—Cachy em ligação com os ingleses — chegados ás posições que deviam ocupar — e se conduzem vigorosamente no ataque.

A cia. Casalta (3.^a cia.), bem unida á baragem rolante e precedida do fogo dos F.M. magnificamente conduzida por seu cap., surprehende as metralhadoras inimigas em posição nas orlas O. da aldeia, as quais se entregam sem ter tido tempo para nenhuma resistência. Em meia hora a aldeia é, completamente, transposta, os alemães fogem em desordem ou se escondem nas cavas cuja limpeza é, ao mesmo tempo, emprehendida.

O ataque propriamente dito durou trinta minutos. Durante este tempo :

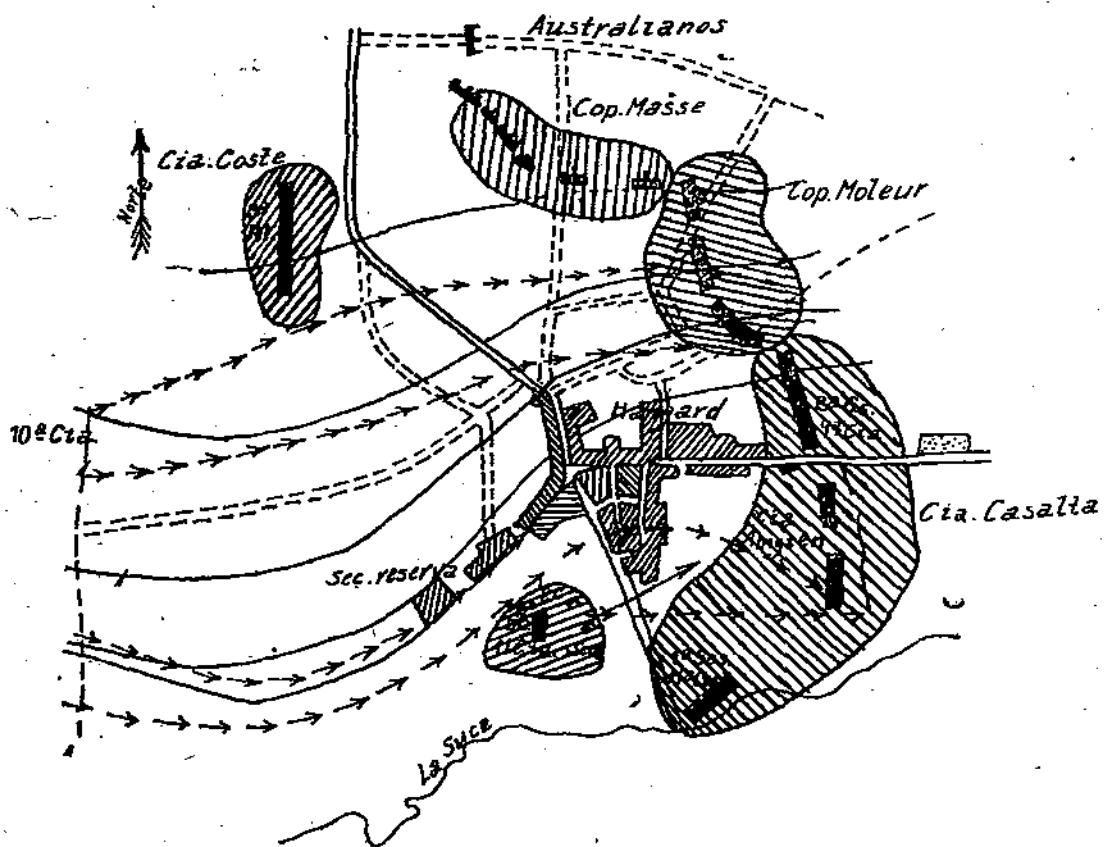
1.) a 1.^a cia., actuando ao longo da orla N., repeliu os elementos alemães que se lhe oppunham e foi installar-se á saída E. de Hangard. Para conservar a ligação com

os ingleses, a sec. de reserva estabeleceu-se no prolongamento das secções de 1.^º escalão face a N. E.

2.) a sec. da direita da cia. Casalta, progredindo ao S. da estrada, foi a princípio detida deante do castello, porém o ten. Ferrandi, cmt. da sec. mtr. á disposição da 9.^a cia., em um rasgo de admirável audacia, apoderouse, com alguns homens, do castello, dá liberdade aos últimos defensores de Hangard — 3 officiaes e 50 praças dos 141 e 165 R. I. — que haviam resistido até ás 16 hs. e aprisiona a escolta que os guardava.

A's 21 hs., a situação está completamente restabelecida. As perdas foram sensíveis, principalmente para a 9.^a cia.

Em vista do fraco efectivo e extrema fadiga de seu Btl., o cmt. Chevalier insiste em ser — sem demora — reforçado. O Cel. Prunier põe á sua

Croquis n^o 4.

LEGENDA

E Ingleses

→ Itinerario das tropas
de ataqueCollocação no fim do
combate

disposição, durante a noite, primeiramente uma cia. do 3.^º R. I. (cia. Rougier), em seguida mais duas cias. do mesmo Regimento (cias. Massé e Costa).

Duas secs. da cia. Rougier foram enviadas em apoio da 10.^ª cia. As outras duas reforçam a 9.^ª, que recebe, além disso, uma sec. da 11.^ª para barrar o La Luce e manter a ligação com os elementos do Regimento mais avançados em Hourges.

As cias. Massé e Costa ficam de reserva ao sub-sector, respectivamente a E. e a O. da estrada Hangard-Cachy (croquis 3).

O cmt. Chevalier instala o seu P. C. no castello, onde mantém em reserva a 11.^ª cia. reduzida a duas secs. e duas secs. de mtrs.

VI — RESULTADOS OBTIDOS — ENSINAMENTOS
A TIRAR

A operação decidida pelo commando foi coroada de exito, por isso que Hangard foi retomada pelo Btl. Chevalier, tres horas após o recebimento da ordem de ataque dada pelo Cel. Prunier.

Ficaram em nossas mãos, além de importantes material, onde se encontravam dezenas

mtrs., cem prisioneiros alemães, dos quais faziam parte tres officiaes; foram, nessa mesma occasião, postos em liberdade os officiaes capturados pelos alemães na tomada de Hangard, pertencentes ao 141 e ao 165 R. I.

As judiciosas disposições tomadas pelo cmt. Chevalier, a partir do momento em que seu Btl. foi alertado (8 hs. da manhã) até o momento em que elle se engajou (20 hs.) lhe permittiram effectuar sua marcha de approximação em *tres tempos*, sem despertar a atenção do inimigo e sem sofrer perdas.

E' indiscutivel ter o contra-ataque francez acarretado a derrota completa dos alemães, em vista do vigor e rapidez com que foi conduzido. A resistencia, relativamente fraca, opposta pelas tropas alemães na aldeia de Hangard; a imprecisão da barragem de sua A., demonstraram, á saciedade, que elles não esperavam o contra-ataque immediato dos francezes, já por julgarem muito reduzidas as nossas forças—dadas as grandes baixas do dia — já porque a falta de tempo não permitira as mesmas que se organizassem e fossem restabelecidas as suas ligações em face á contra offensiva que o commando alemão deveria prevêr.

O commando francez conduziu-se com perfeito conhecimento da situação não temendo contra atacar para restabelecel-a; são perfeitamente justificaveis as suas hesitações iniciaes desde qus se considere ser o Btl. Chevalier a unica reserva de que elle dispunha: não convinha então engajar-o senão na certeza absoluta do successo.

Objectar-se-á talvez fôsse preferivel, nestas condições, desencadear o contra ataque imediatamente, sem fazer estacionar o Btl. Chevalier toda a tarde, primeiramente em Domart e na ravina da cota 99 em seguida; mas, como já foi precedentemente observado, o Cel. cmt. da I. D. devia contar com as tropas inglezas que deveriam agir em ligação com as suas, demais, era de esperar, neste caso particular, melhor resultado de uma operação conduzida á noite.)

Effectivamente, além de contar-se com o

factor *surpresa*, este ataque ia ser montado por tropas conhecedoras do terreno, as quias, consequentemente, se podiam engajar á noite sem grande risco.

Por essa razão, inuteis se tornam os reconhecimentos prévios, tendo sido as cias. facilmente orientadas para os seus objectivos, perfeitamente conhecidos.

O Cel. Prunier prescrevera ao cmt. Chevalier atacar a aldeia pela esquerda.

E' tolerando julgar que o cmt. Chevalier houvesse colocado a cia. de reserva á esquerda do dispositivo, attingiria mais facilmente, por um movimento desbordante, as saídas E. de Hangard e, sem dúvida, teria assim conseguido aprisionado maior numero de alemães.

De qualquer modo, accentuando abertamente a ameaça de envolvimento, não faria seu esforço principal segundo o eixo Domart — Hangard. Duas constatações, efectivamente, se impõem:

a) As perdas do Btl. derivaram sobretudo das mtrs. em posição no castello e na orla O. da aldeia junto á egreja: foi a 9.^a cia. (cia. da direita) que mais sofreu a accão do fogo inimigo;

b) O movimento da 10.^a cia. á esquerda, ainda que fracamente esboçado, foi um grande auxilio para a 9.^a cia., que em 30 minutos atravessou completamente a aldeia e attingiu a sua saída de E., havendo conduzido o ataque de frente.

A surpresa foi completa.

E', por certo, muito honroso o bellissimo resultado obtido pelo Btl. Chevalier, não só por se haver mantido em constante alerta, prompto a intervir a cada momento, como tambem por se encontrarem as suas cias. reduzidas a tres secs. tambem, por sua vez, desfalcadas em seus effectivos.

A accão terminou ás 22 hs. Chevalier reforça as sub-unidades do seu Btl., reune as suas forças e dá ordens para organizar o terreno conquistado, restabelecer as ligações e deter fraudamente um retorno eventual do inimigo.

Algumas reflexões artilheiras

Em uma revista militar sul-americana encontrámos, sob o título acima, um interessante artigo, onde se abrem algumas interrogações relativas ás novas idéas sobre o emprego da artilharia no combate. Lendo-o, veio o desejo de esmiuçarmos também o assunto, não com o intuito de esclarecermos o illustre articulista, por nos faltar competência para tanto, e sim com a intenção de exercitarmos um pouco a doutrina que aqui praticamos, já que tales interrogações são dirigidas aos que estudam a arma.

Embora sejam exactos, em qualquer parte, os principios geraes sobre o emprego da artilharia, não é menos verdade que a concepção adoptada em cada paiz é variada, segundo multiplas causas, entre as quaes sobrepõe a diversidade de materia; dahi serem discordantes muitos pontos dos respectivos regulamentos da arma. Por isso, o que se segue deve ser recebido como idéas que tem a pretenção de estar no ponto de vista puramente brasileiro, e que se não enquadram talvez nos methodos de combate em uso no paiz vizinho.

A primeira pergunta é a seguinte:

«a) — Convém que o destacamento de ligação, que o grupo de artilharia deve organicamente dispor para a sua ligação com a infantaria, marche com o regimento de infantaria, ou tome contacto com elle por occasião do desdobramento?»

O illustre articulista faz ver que, em guerra de movimento, essa união desde a marcha pode tornar-se prematura, pois que antes do desdobramento não se pôde assegurar onde serão empenhadas as unidades.

Antes de mais nada, é preciso definir as condições em que a artilharia marcha em uma columna: ou ella é empregada, toda ou em parte, no apoio da fracção de infantaria que marcha na vanguarda, flanqueando a vanguarda ou retaguarda; ou então vai incorporada no grosso, aguardando emprego ulterior, de accôrdo com os acontecimentos.

No primeiro caso, vemos *a priori* que não ha inconveniente algum em fazer marchar com a infantaria os destacamentos da artilharia que lhe é antecipadamente destinada, pois onde quer que tal infantaria se empe-

nhe, será ahí que a respectiva artilharia terá de actuar.

No caso segundo, ao contrario, nada ha que destacar, visto como ainda não foi precisada missão alguma á infantaria e artilharia do grosso da columna.

Detalhando mais o assumpto, tomemos o primeiro caso definido por uma vanguarda, que tenha como infantaria um regimento, e para artilharia um grupo.

Em quanto não houver o desdobramento, essa vanguarda marcha necessariamente com um elemento *testa* (possivelmente um batalhão) e com um elemento *corpo* (ou dois outros batalhões, por exemplo). A ligação entre o regimento e o grupo é estabelecida directamente, marchando o cmt. do grupo junto ao do regimento de infantaria (supposto igualmente cmt. da vanguarda). Mas, em caso de encontro com o adversario, a unidade que primeiro se engaja é forçosamente o elemento *testa*, porque é esta quem se interpõe entre o corpo da vanguarda e o inimigo; e si o grupo tiver de agir, fal-o-á, com muita probabilidade, em beneficio desse batalhão — testa. Por isso, mesmo antes do desdobramento, o cmt. do grupo não deve ter duvidas em destacar, junto ao batalhão-testa, os necessarios elementos de ligação.

O encontro com o adversario pôde acarretar o emprego de um dos batalhões do *corpo* fóra do eixo de marcha do batalhão-testa, e talvez venha aquelle a reclamar a intervenção do grupo; para atender a essa eventualidade, o chefe do grupo, tendo destacado junto á testa parte dos seus elementos de ligação, deve reservar junto a si uma outra parte, reforçada pelos meios que puder tirar das baterias.

Si a vanguarda tiver de orientar ainda o terceiro batalhão em um novo eixo de marcha (caso, por exemplo, de um inimigo desenvolvido em uma frente muito larga), o grupo não poderá sosinho attender a tal desenvolvimento; o cmt. da vanguarda, de accôrdo com a sua *idéa de manobra*, saberá distinguir a zona de preferencia para o emprego de sua pouca artilharia; e como essas causas não se passam com rapidez vertiginosa, haverá tempo bastante para reunir elementos de ligação de artilharia na orientação desejada, si por ventura já não houver ahí.

O caso em questão encara a hypothese mais desfavorável, da existencia de um único grupo para o apoio do regimento de infantaria; si nessa missão forem empregados mais de um grupo, o comt. da artilharia da vanguarda encontrará maiores facilidades nas ligações com a infantaria, pela pluralidade de destacamentos de ligação disponíveis.

Concluimos d'ahi que o destacamento de ligação do grupo não deve ser composto de elementos *exstrictamente necessarios* a uma ligação com a infantaria; a sua composição deve permitir o desdobramento em duas missões simultaneas de ligação (sargento adjunto do official, 2 esclarecedores de objectivo), reforçando-o com pessoal tirado das bacias.

Outra interrogação do referido artigo é a seguinte:

«b) — Convém que regulamentarmente o pessoal e elementos que acompanham o capitão, para o reconhecimento da posição, sejam fixados rigidamente, ou que este o empregue de acordo com o terreno e situação tática?»

Diz o illustre articulista que o regulamento brasileiro designa um sargento e um soldado para acompanharem o capitão. Deve haver engano: não sómente o regulamento provisório de 1920, como também o definitivo de 1922, ambos no mesmo parágrafo 369, assignalam o sequito do capitão com a composição seguinte: 1 sargento servente de luneta, 1 ordenança porta-luneta, 2 clarins, 2 telephonistas (signaleiros). A isto devem-se addicionar os esclarecedores de itinerario, a que se refere a letra C do appendice (annexo) final do mesmo regulamento.

Mais adiante é lembrado que uma rápida abertura do fogo pôde reclamar o avanço de todo o pessoal, e que uma entrada em ação cautelosa pode exigir o adiantamento de mui pouca gente.

Cuidamos que a resposta está contida na propria phrase interrogativa, transformando-a em afirmativa: o sequito do capitão deve ser regulamentarmente definido, para que elle saiba com que pessoal pôde contar; todavia, esse pessoal, por mais numeroso que seja, deve ser empregado na medida das ne-

cessidades, escalonando para a retaguarda — e ao alcance de um gesto de chamada ou da chamaada rápida por um ordenanç — os homens que não tiverem emprego imediato.

De qualquer forma, o capitão precisa sempre de todo o pessoal do seu sequito, mas inuito pouco desses chegam até ao seu observatorio: as funcções dos seus diferentes elementos nem sempre reclamam *vistos* sobre á zona de ação.

Não seria possível fixar uma conducta uniforme para os elementos do sequito. Tratando-se por exemplo, de levar o material da estrada de marcha para a posição de bateria, a urgencia da ocupação reclama o *balisamento* do itinerario pelos esclarecedores; mas, si o material demora porque se acha atrasado na columba, o balisamento já realizado será substituído, com vantagem, por um guia que, voltando do local dos reconhecimentos, aguardará na entrada a passagem das peças. Sabendo-se com antecedência qua o material levará algum tempo a chegar, o balisamento não será feito: o reconhecimento do itinerario pelo guia será mais economico em pessoal, libertando os esclarecedores que seguirão o capitão para o local de acciouamento. Ahi se vê um mesmo problema com soluções variadas mesmo no ambito de um grupo, aumentando ou diminuindo o numero de homens que avançam com os capitães para o reconhecimento.

Em geral, em guerra de movimento, o capitão avança ao reconhecimento sempre pre-occupied com a ocupação *rapida* da posição de bateria; as suas operações preliminares são conduzidas nesse sentido, embora o terreno reclame toda a *cautela*; elles serão melhoradas á medida que o tempo o permitir; e não será difícil que, durante toda a jornada, a bateria não tenha occasião de fazer um unico disparo. Por isso, elementos do sequito não podem ser dispensados; a sua reducção deliberada antes do reconhecimento pode redundar em atraços ou deficiencias perigosas.

Mais adiante:

«c) — Convém contar com um bom carro-observatorio na bateria, ou eliminá-lo?».

A principal vantagem do carro-observatorio residia na faculdade, que proporcionava, da observação approximada ao material da bateria. Com o material de alcance

reduzido de que dispunham os exercitos antes de 1914, os observatorios junto ás baterias apresentavam condições favoraveis á condução do fogo, pela simplicidade dos methodos de tiro d'ahi resultantes. Mas, cedo, os exercitos em luta na guerra europeia começaram a tirar partido das maiores alças dos seus materiaes e foram introduzindo modificações no canhão, nas cargas e nos projectis para conseguir, com um mesmo calibre, alcances cada vez maiores; na situação actual chegou-se a obter, com canhões de campanha, alcances maiores que o dobro dos que se contentavam os artilheiros de antes de 1914.

De tal vantagem resultou a impossibilidade de observação junto á bateria, ou porque o artilheiro começou a atirar mui profundamente na zona inimiga, ou porque as suas posições foram se afastando da frente de contacto. De feito, é sabido que já é muito precária a observação de um tiro de 75 a 5.000 m. de distancia, com os instrumentos de uso corrente na guerra de movimento; a solução que naturalmente se impôz foi avançar com os observatorios na direcção do inimigo, deixando o material para a retaguarda; os methodos de tiro e os meios de transmissão foram orientados nesse sentido. Antes de 1914, um observatorio distante 500 m. do material, já constituía um afastamento notável; as baterias dispunham, em media, de 500 m. de fio telephonico para a ligação observatorio-material. Hoje em dia, um posto de observação distante 1.000 m. da posição de bateria é tido como approximado, mesmo em guerra de movimento.

Ora, desde que se não está adstricto a procurar pontos de observação na proximidade do material, é sempre possível encontrar os com certa facilidade a 1, 2, 3 e mais kilometros de distancia: d'ahi a queda do carro-observatorio.

Lembra o distinto articulista que haverá certa vantagem no uso de tal carro, para absorver a atenção do adversario, obrigando-o a dedicar certas unidade á sua destruição, gastando com isso munições. Creemos que não seria uma razão bastante para a sua adopção, pois que um observatorio ficticio (bonecos de panno) produziria o mesmo efecto.

Quanto á facilidade de condução do fogo e a consequente economia de munições, resultantes da visinhança entre o capitão e a sua bateria, collocando a questão no ponto de vista que expuzemos, conclue-se que —

pelo contrario — com os grandes alcances do material, ter-se-ão dificuldades e dispêndio de munições, si observarmos tal visinhança. Mesmo com o 75 modelo 1909 em uso no paiz vizinho, quantos disparos serão precisos para ser observado o sentido de um tiro a cerca de 7.000 m., alcance de que é capaz o referido material?

Continuando, interroga-se ainda:

«d) — Deve-se eliminar o shrapnel?»

O illustre articulista parece ter em grande conta o emprego do shrapnel-tempo contra pessoal não protegido. De accôrdo; mas, é preciso que tal genero de tiro seja utilizado nas melhores condições de efficiencia, o que não será muito commum no campo de batalha.

Primeiramente, é preciso que tal alvo esteja inteiramente desabrigado, pois a mais leve protecção será bastante para deter os ballins de shrapnel; chega-se mesmo ao exagero de attribuir grandes qualidades protectoras contra tales ballins, ao equipamento do soldado. Em muitos casos, a leve protecção será efficazmente vencida com a granada em *ricochete*, que é um tiro de facil realização, por não depender de regulação em altura.

Ademais, deve-se, ainda uma vez, levar em conta a questão dos alcances; mesmo as excellentes espoletas de tempo Krupp, de fabricação em *tempo de paz*, dão uma forte dispersão nas grandes distâncias, produzindo ora tiros percutentes, ora tiros muito altos, ao que se deve juntar a variação dos intervallos de arrebentamento. Nesses casos, ainda a granada percutente com espoleta *instantanea alongada* terá vantagens sobre o shrapnel-tempo, pela produção de grande numero de estilhaços rasantes ao solo, além da facilidade de regulação por não depender também de regulação em altura.

Todavia, pensamos que o shrapnel não deve desaparecer dos cofres de munição, pelos casos favoraveis que ainda reclamam o seu emprego; a sua proporção, porém, deve ser diminuta em relação á granada, devido á maior applicação que encontra. Creemos que a dotação de shrapnel não deve exceder a 1/3 ou mesmo 1/4 do total das munições.

Mais uma ultima interrogação:

«e) — Em regra geral deve empregar-se a artilharia para bater o terreno onde

pode encontrar-se o adversario, ou para bater este? »

É, nas reflexões que seguem, faz-se notar que, não dispondo de grande quantidade de projectis, fabricas, nem matéria prima, fica-se na obrigação de ser mui parco no consumo de projectis, efectuando disparos sobre tropas com uma justa e segura observação.

Evidentemente, todo artilheiro que puder atirar contra uma tropa visivel, não irá cobrir com kilogrammas de ferro uma faixa do terreno onde ella não está.

Mas, inumeras são as vezes em que, não sendo essa observação possivel, a artilharia faltaria á sua missão si ficasse silenciosa.

No caso de uma situação defensiva, por exemplo, os fogos de artilharia são preparados de accordo com a concepção que se tem da defesa. Si o ataque do adversario parte em pleno dia, com excellentes condições de visibilidade, a instantaneidade da reacção defensiva reclama o *immediato* desencadeamento de certos systemas de fogos tal como foram preparados, pois a demora de poucos minutos pode deixar que escape a oportunidade de deter o inimigo em certas zonas de passagem forçada. Sem embargo, isto não quer dizer que se continue indefinidamente a atirar sem observação: logo que esta for possível minutos depois, cada chefe artilheiro deve procurar ajustar os seus fogos á manobra já então percebida, do adversario.

E no caso de um ataque á noite? A artilharia da defesa abandonará a acção porque não vê cousa alguma?

Mesmo em um ataque durante o dia, as condições atmosphericas podem não ser favoraveis; em nosso continente é em certa fracção do anno, é muito commun a *cercação* na primeira parte das manhãs, ao menos nos territorios do sul do tropico. Que fará, então, a artilharia da defesa que, em tais condições, nada vê do ataque?

O exame de uma situação defensiva leva os delelosores a determinar, de modo bastante verosímil, os pontos da zona adversa onde o inimigo reunirá suas tropas para partir ao ataque; são geralmente dobrás do terreno, sobre as quaes a defesa não tem vista (por isso mesmo é que são zonas de reunião). Contra esses locaes são preparados os tiros de contra-preparação pela artilharia da defesa. Ora, si tem indícios vehelementes de que o ataque vne partir, si se sabe (por um meio qualquer) a hora exacta do seu desencadeamento, não seria um crime — para a artilharia da defesa — ficar calada, sob fundamento de não dispor de uma justa e segura observação sobre o elemento *tropa adversaria*?

Cremos que esses casos, nada excepcionaes em uma guerra, serão bastantes para mostrar que é forçoso muitas vezes bater o terreno, mesmo não dispondo de grandes stockes de munições.

SILIO PORTELLA
Major.

O Exercito Suisso

(Pelo commandante Pierre Besiers La Fosse, um dos membros da commissão nomeada pelo governo da França para estudar na Suissa a organização do Exercito dessa nação e actualmente distinto director de estudos da nossa Escola Militar).

A Suissa não entretem exercito permanente. Possue apenas um exercito de milicias, tal exercito (à excepção dos instrutores permanentes) não comportando nenhum militar profissional.

Elle é formado unicamente de *cidadãos suíssos*, desde o simples soldado até o chefe mais graduado.

O exercito suíssio não tem, pois, efectivo de paz. Quando a Confederação precisa de tropas, ella convoca o numero de unidades necessarias,

I — Comando

Em tempo de paz, os negocios militares da Confederação são dirigidos pelo departamento militar federal, cujo presidente é um dos membros do conselho federal. Em tempo de guerra, ou mesmo no caso de mobilisação, o comando supremo é confiado a um dos três coronéis-comandantes de corpo de exercito escolhido pelo conselho federal, esse oficial tomando, então, — titulo de general, que conservará mesmo depois da guerra ou da mobilisação terminada.

II — Recrutamento —

(Lei de 12 de Abril de 1907 — ordenança de 16 de Outubro de 1911).

Todo cidadão suíço valido está sujeito ao serviço militar; só são isentos os funcionários indispensáveis da Confederação e dos Cantões e os inaptos para o serviço, sendo que estes, em compensação, são obrigados a pagar um imposto especial á Confederação.

Os trabalhos do recrutamento começam no anno em que o jovem completa 20 annos; o serviço militar começa no anno em que o soldado completa 21 annos de edade.

vallaria). Como serviço efectivo, faz seu curso de recrutas de 2 a 3 meses, segundo a arma, e um certo numero de cursos de repetição de 11 a 14 dias. O detalhe disso virá no paragrapho *Instrucção*.

b) *Landwehr* — E' de 8 annos o serviço na landwehr (10 para a cavallaria).

Como serviço efectivo, ahí se contam um curso de repetição de 11 dias e 7 revistas annuaes de armamento, de um dia em cada uma.

c) *Landsturm* — E' de 8 annos o serviço na landsturm. Como serviço efectivo, ahí



O contingente annual é proximamente de 23.000 homens.

O serviço activo consiste, para cada homem, em uma primeira passagem pelas tropas, chamada *escola de recrutas*, seguida de varias outras, chamadas *escolas de repetição*, fazendo parte dellas a participação nas manobras de outono.

Os homens sujeitos ao serviço são repartidos, segundo a edade, em duas categorias geraes, sendo uma denominada *a elite*, comprehendendo os de 20 a 32 annos, e a outra *a landwehr*, comprehendendo os de 33 a 40 annos.

Emfim, além da *elite* e da *landwehr*, o exercito federal conta um terceiro elemento: a *landsturm*, em que deve servir até 48 annos todo cidadão suíço que não pertença nem á *elite* nem á *landwehr*.

Duração do serviço —

a) *Elite* — O cidadão suíço presta 12 annos de serviço na *elite* (10 para a ca-

se contam 8 revistas annuaes de armamento, de um dia cada uma.

III — Mobilização.

Esta organisação deve permittir theoricamente mobilizarem-se forças cujos totaes se elevam para a *elite* a 150.000 homens, para a *landwehr* 90.000 homens, mais ou menos.

Na realidade, porém, o numero maximo de 180.000 homens nunca foi ultrapassado no decorrer da ultima guerra, durante a qual o exercito suíço esteve mobilizado.

O plano suíssio.

O plano suíssio consistia em barrar, sobre a linha *Torrentruy — Berne*, a passagem pelo territorio da Confederação de um exercito allemão que teria violado sua neutralidade e se dirigia para a França.

O exercito suíssio seria, então, a vanguarda de um exercito francez, de 5 divisões, destinado a essa eventualidade.



O plano inverso existia evidentemente.

A mobilização opera da seguinte maneira: em caso de tensão política, o conselho federal põe «em guarda os homens e os cavalos» e fixa o 1.º dia da mobilização. Cada um se farda se equipa, searma e se dirige individualmente ao local da reunião que lhe foi fixado desde o tempo de paz.

No quarto dia, os corpos são conduzidos, cada um por seu respectivo chefe; às posições chamadas de reunião de mobilização. E' aí que se constituem as divisões e os corpos de exercito.

IV — Composição do exercito.

a) tropas de campanha

As tropas de campanha se compõem da elite e da infantaria da landwehr do 1.º bando, essa elite e essa landwehr formando cada uma unidades especiaes.

E' assim que são constituidos os tres corpos de exercito, formando seis divisões.

A titulo de informação, vêr a ordem de batalha da 5.ª Divisão de Infantaria (anexo I).

b) Tropas de fortaleza e guarnições de segurança.

Ellas comprehendem: 1.º o corpo de Saint Gothard, 2.º — o corpo de Saint Maurice, compostos ambos de destacamentos de todas as armas.

c) Tropas fóra das grandes formações.

Ellas são destinadas, quer a reforçarem, sendo preciso, os corpos do exercito de campanha, quer ao ataque e defesa das posições fortificadas, quer como tropas de ataque.

Comprehendem na élite:

Como artilharia

1 reg. de montanha a 4 baterias de 4 columnas fronteiras, mais 4 grupos de artilharia de posição, contendo ao todo 18 baterias.

1 batalhão ferro-viario, 9 regimentos, formando 27 batalhões, 4 batalhões de caçadores, pertencentes ao 2.º bando.

24 esquadrões de dragões.

12 companhias de batedores, não montadas.

4 parques de deposito 9 companhias 8 destacamentos

11 companhias de sapadores

2 secções de pontes 2 companhias telegraphistas

4 companhias ferrováriias, etc.

Como cavallaria

Como trem

Como engenharia

d) Landsturm

E' organisada em landsturm armada e não armada. A 1.ª é constituída em companhias e batalhões de infantaria e grupos de artilharia. A 2.ª comprehende logo companhias e batalhões de pioneiros, destinados á execução dos trabalhos de defesa. O resto

do pessoal se destina a fornecer auxiliares aos serviços de saúde, de transporte, de víveres, de administração, etc.

Numero e composição das unidades

Não ha exercito do tempo de paz. Ha um exercito suíço que se constitue integralmente na mobilização.

Corpo de exercito — Não ha C. E. orgânico. Ha apenas previstos grupamentos eventuais de divisões, em vista do que são constituídos 3 E. M. de C. E.

Divisões de infantaria — Cada D. I. se compõe de 3 brigadas e cada brigada da elite tem 2 regimentos de infantaria.

Landwehr — Ha 7 brigadas de infantaria, de 2 R. I. cada uma (2 brigadas têm tres R. I.).

a) Infantaria

Um regimento tem tres batalhões a 4 companhias e uma companhia de metralhadoras.

Os numeros dos batalhões são independentes dos numeros dos regimentos. Por exemplo: o R. I. n. 29 é composto dos batalhões 47, 72 e 86 e companhias de metralhadoras I/29, II/29, III/29.

Cada companhia tem 4 secções, a companhia de metralhadoras tendo tres secções de 2 peças cada uma.

Ha, além disso: 8 companhias de cyclistas e 8 batalhões de carabineiros, um por D. I. A 3.º D. I. tem tres. Esses batalhões são a 4 companhias e 1 companhia de metralhadoras.

b) Cavallaria

1 — *Elite* — Ha 4 brigadas de dragões no exercito suíço. Cada brigada tem 2 regimentos a 4 esquadrões de 130 sabres e 1 esquadrão de metralhadoras (Seis peças e 1 em reserva). Cada esquadrão tem 3 pelotões.

Cada divisão de infantaria tem um grupo de dois esquadrões de batedores.

2 — *Landwehr* — 24 esquadrões de dragões, 11 esquadrões de batedores.

3 — *Landsturm* — Os cavalleiros da Landsturm, em caso de chamada, não levam seus cavallos; deixam-nos em casa delles.

c) Artilharia

Artilharia de campanha: 1) 1 brigada de artilharia por divisão de infantaria.

Cada brigada comprehende 2 regimentos de artilharia, cada regimento 2 grupos a 3 baterias de 4 peças.

2) Seis grupos de obuzeiros de 105 (T. R.) 1 por D. I.

Artilharia, a pé: 4 grupos de 2 baterias.

d) Engenharia

a — Elite: seis batalhões

b — Landwehr: seis batalhões

c — Landsturm: seis batalhões

Ha, além disso, 3 batalhões de pontoneiros, que são elementos do exercito, 8 companhias de telegraphistas e 3 de aeração.

e) Aviação

O grupo de aviação se compõe de 1 estandarte maior, de 5 esquadrilhas, do corpo de aviadores, do corpo de observadores, da companhia do parque de aviação.

Pessoal — Em sua passagem na landwehr, os homens do grupo de aviação são incorporados na companhia do parque de aviação e os homens da landsturm são reunidos em um destacamento de pioneiros-aviadores de landsturm.

Os homens do grupo de aviação são recrutados e depois instruidos como pioneiros-aviadores pela direcção do aerodromo.

O numero de recrutas a instruir annualmente é fixado provisoriamente em 110. Elles são em seguida repartidos em *aviadores de mez* e *aviadores de reserva*,

Os primeiros fazem duas horas de vôo em média e vinte aterrissagens por mez, devendo apresentar-se uniformizados mensalmente, em dia fixado, para tomarem partenos exercícios militares e reabrirem assim, uma parte das horas de vôos annuaes.

Os aviadores de reserva ficam classificados no corpo de aviadores e conservam a insignia de aviadores. Pódem ser admittidos pela direcção do aerodromo a exercícios voluntarios o numero de horas de vôo por mez sendo fixado, em cada caso particular, pela direcção do aerodromo, segundo as circunstancias.

Todos os aviadores militares da Elite são sujeitos aos cursos de repetição.

Para serein promovidos a officiaes, os sub-officiaes aviadores devem fazer um estagio em uma escola de officiaes.

Os officiaes observadores recebem instrucção em um curso de observação de dois meses.

Depois de passarem pelo exame de observadores, são elles destacados pelo serviço de Estado-Maior-General para o corpo de observadores da tropa de aviação. Devem realizar mensalmente, uniformisados, dois dias de exercicio, comportando uma média de 3 horas de vôo por mez.

Material — A aviação suíça possue 130 apparelhos; possuia 5 em 1914. Cada esquadilha comprehende 10 a 15 apparelhos.

Os apparelhos usados são: os Fokker

para a caça, os Zeppelin Henriot para os reconhecimentos longínquos, os Haefeli (construídos em Thun) para os reconhecimentos proximos.

Commando — A aviação militar fica sob as ordens do serviço do Estado-Maior-General, á sua frente achando-se um corônel. A testa do aerodromo de Dübendorf está um major, que é chefe da aviação e que tem ás suas ordens 4 officiaes instructores de aviação, 4 funcionários technicos e 4 funcionários administrativos.

(Continua)

O AVIÃO SEM MOTOR

Pelo Professor Dr. em Engenharia A. Proell, da Escola Technica Superior de Hanover

(Trad. da Revista del Ejercito y de la Marina de Mexico, setembro de 1924)

Com assombro e entusiasmo nos lebramos dos primeiros surtos da aviação, orgulhando-nos de sermos contemporaneos de um invento tão trascendente.

Com razão comprehendemos que se debuxava a aurora de uma nova era: o homem vencera a terceira dimensão, o mar aereo.

Çabe, porém, perguntar: Effectivamente foi o homem ou de facto a sua machina, o motor, que permitiu a conquista?

Dá no mesmo, o engenho humano creou o motôr, que triumphou dos elementos.

E os acontecimentos nos montes de Rhoen parecem-se para nós com os de 1909, quer por considerarmos as proezas dos aviadores, quer por poder incluir-nos entre os felizes mortaes que viram, no céu vespertino, as grandes aves de madeira e tela traçando sileuciosamente seus circulos sobre o cume da « Vasserkuppe » e participaram do entusiasmo que a todos invadio.

Muitos perguntaram então e até hoje ainda o fazem: Como foi possível este milagre?

Os aviadores, elevados no ar a alturas vertiginosas, fizeram em rigor o mesmo que nos dias de nossa infancia vimos fazer as grandes aves de rapina: tambem estas vôam sem mover suas azas e sempre se levantam descrevendo, porém, grandes circulos.

Seu motôr é o vento e é sómente o vento e é seu effeito ascensional que os aviadores

utilisam com uma destreza, que, devido ao exercicio continuo, transformou-se em instinto, o qual permittio a nossos campeões, os Hentzen, Martens, Hackmack e todos os outros fazerem o que fizeram.

Como se pôde explicar isto?

Para responder a esta pergunta recuemos 40 annos no tempo, ás origens da aviação, quando o mestre dos aviadores modernos, Otto Lilienthal emprehendeu os primeiros vôos resvaladiços de um cerro de 15 metros de altura, construído artificialmente no Campo de Tempelhof, proximo a Berlim.

Os successos de Rhoen baseiam-se até certo ponto naquelles primeiros ensaios de Lilienthal, que conseguiu effectuar vôos de algumas centenas de metros, pagando alias com a vida o seu arrojo.

O vôo rapido com motôr, que desde então foi possível realizar-se pela invenção e aperfeiçoamento do motôr leve d'gasolina, deu lugar ao vôo demorado, que durante a guerra mundial foi aperfeiçoado a resultados inauditos, que com razão admiramos.

Entretanto, é preciso desenganar-se; este desenvolvimento era unilaterial, era a evolução do « motôr volante de algumas centenas de cavallos », que finalmente corta os ares com uma velocidade louca (até 350 km's. pór hora), quasi sem que as correntes de ar possam estorval-o: mas, ao mesmo tempo, sem aproveitá-las. Isto, porém, é apenas « vôar pela força bruta ».

Em contraposição a esta maneira de vôar, os aviadores de Rhoen sabem tratar com um tino mais fino, mais racional as propriedades características das correntes aéreas, aproveitando-as para a produção de um efeito útil.

Não ha dúvida, mais aos aviadores de Rhoen do que aos outros cabe o título de « dominadores do ar », por isto que, para os segundos, a maior parte do trabalho é desempenhada pelo « rei-motor ».

Para melhor se comprehender os exitos obtidos com o vôo sem motor, é preciso considerar-se as condições em que elle se realiza.

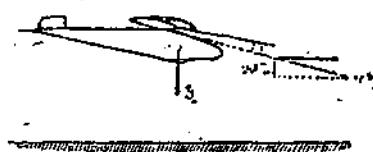


Fig. 1—Vôo resvalador com ar em repouso

No simples vôo resvaladiço (*resbaladizo*), um plano que forma um ângulo muito pequeno com a direcção do vôo, baixa paulatinamente para a terra, com velocidade relativamente pequena, descrevendo uma trajectória muito pouco inclinada (fig. 1) e perdendo em cada segundo muito pouca altura, por exemplo, um metro a meio.

Esta perda de altura por segundo, a velocidade de queda, ha de ser muito pequena; quanto menor fôr, mais tempo precisará o apparelho para percorrer uma diferença existente de alturas — desde o cimo até ao pé da collina, — quanto mais tempo se mantiver no ar, maior será a trajectória descripta.

Além disso para o avião ser um bom resvalador precisa ser pequeno o ângulo resvaladiço, que resulta da combinação da velocidade de queda com a velocidade horizontal de vôo, que é muito maior alcançando até 20 metros.

Um bom resvalador é capaz de deslizar de declives suaves ou escarpados em trajectória muito pouco inclinada até chegar ao valle; concursos de vôos resvaladiços foram já realizados em Rhoen antes de 1920.

O problema consistia portanto em construir aviões leves que tivessem o minimum da velocidade de queda e de ângulo resvaladiço. Para solucioná-lo foram feitos muitos cálculos e ensaios preparatórios, por isto que os aviões com motor preenchiam estas condições de uma maneira insuficiente; quasi todos principalmente os aviões rápidos de combate eram máus resvaladores.

Em quanto estes, com motor parado, ti-

nham velocidades verticais de queda, no mínimo, de 3 a 4 metros por segundo e ao mesmo tempo uma grande velocidade resvaladiça horizontal de mais de 30 metros por segundo, pelos esforços de construir aviões resvaladores foi possível *crear systematicamente* machines que tinham ângulos resvaladiços de $1/12$ a $1/15$ e velocidades de queda de uns 0,8m. por segundo.

Que significa uma velocidade de queda tão reduzida? Si se partisse com um destes aviões do cimo de um cerro apenas de 70 metros de altura, seriam precisos cerca de 100 segundos para chegar á planicie; ao mesmo tempo o avião percorreria horizontalmente uma trajectória 12 a 26 vezes maior, isto é, affastar-se-hia approximadamente um kilometro do ponto de partida, supposto sempre o ar calmo.

Diferentes e quasi sempre mais favoráveis são as circunstâncias, se sopra o vento.

Na fralda de uma montanha (fig. 2) o vento quasi sempre sóbe (quando ha vento Sul se observa, em troca, uma direcção para

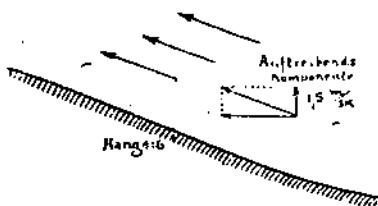


Fig. 2—Vôo de declive

baixo da corrente do ar) e este movimento ascensional pôde ser tão grande de que sua componente vertical equi-

valha á supramencionada velocidade de queda dos aviões resvaladores ou mesmo poderá sobrepujá-la. Neste caso si o avião encontra o vento de declive (*pendiente*) (porque sopra pela fralda da montanha), já não poderá baixar, ao contrario manter-se-ha sempre na mesma altura ou até subirá: o resvalador transforma-se em avião planador (fig. 3).

Nos ensaios anteriores em Rhoen já se havia observado que os apparelhos se mantinham no ar sem bairar, quando o vento soprava

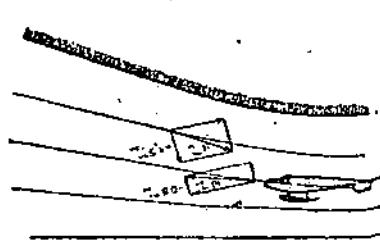


Fig. 3—Vôo com vento de declive

com força; porém, sómente os novos aviões planadores com seus dispositivos de governo aperfeiçoados, deram a possibilidade de aproveitar-se effectivamente o vento de declive

Esta corrente ascendente só opera com toda a força na proximidade da fralda da montanha e o aviador tem que volver sempre de novo a ella por meio de manobras habeis. Como uma grande ave de rapina, que da mesma forma aproveita o vento de declive, o aviador que governa um avião planador terá sempre que voltar á vertente descrevendo grandes arcos e circulos.

Assim observou-se durante os bellos vôos effectuados em Rhoen, que muitas vezes dous aviões ao mesmo tempo rodavam o cume, ás vezes á mesma altura, outras vezes não.

Outras occasiões pareciam estar parados sobre o mesmo ponto (até 350 metros acima do ponto de partida), ou se moviam para traz.

Não se deve esquecer — repetimos ainda — que os aviões baixam constantemente, e que o vento soprando para cima, equipara aquele efecto. O segredo do vôo planador está assim revelado em seu conceito principal.

Em geral se comprehende que o vôo planado só é possível si a corrente aerea tiver uma componente ascensional de suficiente velocidade.

Tambem será possível si o vento mudar sua força ou sua direcção de ponto a ponto ou de momento a momento. Esta ultima circunstancia dá logar especialmente ao vôo planado dynamico, de que posteriormente nos occuparemos; entretanto os grandes sucessos de Rhoen foram devidos, em primeiro logar, aos vôos planados estaticos.

Houve, porém, intervenção de varias circumstancias favoraveis. Antes de tudo influíram as condições metereologicas, que foram excellentes (vento constante de 8 a 10 metros por segundo, subindo pela vertente escarpada occidental da *Wasserkuppe*); em seguida temos a considerar a notavel instrucção e a habilidade dos pilotos, que já sentiam de um modo muito particular — quasi instinctivo — as correntes aereas e suas variações e sabiam transformar este sentimento em manobras adequadas com o apparelho de governo.

Não ha duvida — no avião sem motôr este é substituido pela vontade bem dirigida e o trabalho energetico do aviador.

Um terceiro factor do successo foi a maneira como as máquinas, sobre que foram effectuados os vôos nota-

veis, foram projectadas, levando-se systematicamente em consideração a velocidade de queda mais favoravel e a facilidade de manobra.

Os projectos, que em parte representam trabalhos de estudantes das Escolas Técnicas Superiores, foram executados com o maior cuidado. Assim os aviões da Escola Técnica Superior de Hanover, *Vampyr* e *Greif* (fig. 4) foram feitos pela Fabrica de Vagões de Hanover (*Hannoversche Waggonfabrik*) que os ceiou gratuitamente à Escola para seus ensaios, o que favoreceu

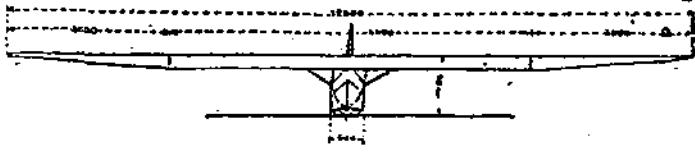


Fig. 4—Corte longitudinal do avião sem motor *Vampyr* da Escola Técnica Superior de Hanover

trabalho commun e a ligação entre a theoría e a practica.

Outros aviões, até seus minimos detalhes, foram feitos pelos propios estudantes, como os das Escolas de Darmstadt e Dresden. Sobre os problemas e o futuro da aviação planada pôde dizer-se o seguinte:

Tres pontos principaes orientarão seu desenvolvimento.

Em primeiro logar a aviação sem motôr se propagará como novo e emocionante desporto, que terá grande valor para a educação da habilidade, decisão e energia.

Segundo o facto de ser muito facil a aprendizagem da aviação sem motôr e de o seu conhecimento facilitar o da aviação com motôr e de ser menos cara a instrucção com a primeira. Aviadores do Rhoen demonstraram com efecto, que um aviador, treinado na aviação planada, pôde conduzir apóz pequeno periodo de practica, tambem aviões com motôr.

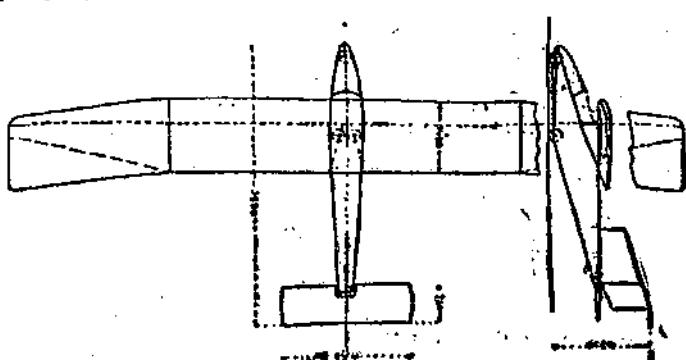


Fig. 5—Corte transversal e projeção horizontal do avião *Vampyr*

Finalmente — o que é mais importante — o moderno avião sem motor representa a realização de um grande passo para a realização do avião leve com motor, o avião do futuro.

A aviação com motor forte, até então em uso, não só representa um excesso de trabalho como um desperdício da custosa energia dos combustíveis. Si por um lado alcançarmos uma grande velocidade, por outro ella nos é muito dispendiosa.

E' interessante observar que para os accrescimos das velocidades pequenas os gastos crescem muito pouco; passado, porém, certo limite a aviação se torna rapidamente mais cara, em proporção maior que a correspondente ao aumento de velocidade. D'ahi a regra:

Escolher uma velocidade que, embora económica, nos permitta viajar de um lugar a outro por meio de um motor leve e barato e com gastos reduzidos. Os aeronaves actuais não preenchem estas condições, pesam muito e por isso necessitam mover-se com excessiva velocidade; suas resistências obrigam a consumir muito combustível. Em comparação

com elles o avião sem motor pôde alcançar uma velocidade de 60 a 80 km. por hora, gastando pouca energia, que ainda permite o equilíbrio ao efectuar-se o voo resvaladiço.

Um cálculo superficial demonstra que para o voo horizontal é necessário um impulso de 7 a 9 cavalos para um avião do tipo do *Vampyr*. Embora estabelecendo uma velocidade de 100 km., levando em consideração ventos contrários e transportando duas pessoas, apenas se precisa de um motor de 15 a 18 cavalos. Esta máquina seria o tipo do avião sem motor evoluído ao futuro avião leve com motor; este aeronave com motor de grande velocidade e sua hélice na forma usual, não será capaz de voar favoravelmente sem motor. O problema da aviação planada sem motor auxiliar não se solucionava por este caminho e ainda se farão muitos trabalhos de construção e muitos ensaios, para decidir a questão do impulso e da forma mais favorável das asas ou planos para este caso. Outros problemas, porém, mais prementes



Fig. 6—O avião *Vampyr* com o qual os aviadores Martins e Hentzen, fizeram os vôos de 1923

e importantes temos primeiro que resolver. Entre estes se destaca a aviação sem motor, em qualquer terreno e sobretudo nas planícies.

Os progressos alcançados na Inglaterra, onde os records dos campeões alemães já foram batidos, demonstraram também que outros aviadores habilidosos pôdem alcançar sucessos, desde que disponham de circunstâncias exteriores favoráveis, embora variadas, ainda que tivessem sido os aviadores alemães os iniciadores destas provas.

Os ingleses e franceses compreenderam bem o problema e quem contemplar as fotografias de seus concursos compreenderá porque as revistas técnicas inglesas salientam as vantagens e sucessos obtidos com as máquinas tipo *Vampyr*.

Em Inglaterra foi plenamente reconhecida a importância fundamental do novo modo de voar e grandes esforços foram feitos para tomar-se a frente da Alemanha.

Sendo esta a situação, os aviadores alemães tratam de exercitá-los em muitos aero-dromos no voo resvaladiço com vento de



Fig. 7—O avião *Dessaquer* voando em Rhœn em 1923.
Piloto Tomsen

declive; já existem alguns campos de adestramento, como o *Erzgebirge*, onde trabalham os incansáveis estudantes da Escola Técnica Superior de Dresden e outros mais.

Uma conclusão se deduz da observação dos vôos executados: sendo o vento de declive bastante forte e existindo as circunstâncias favoráveis atraç descriptas, será possível manter-se no ar por um tempo ilimitado, isto é, enquanto durar o vento. Por isso já não se organizam concursos com prêmios para vôos de longa duração; em troca, prêmios para vôos a longas distâncias prometem novas competições muito interessantes.

Claro é que para estes últimos ensaios os cerros de partida perdem sua importância especial, porque quanto mais o avião se afastar de sua fralda, tanto menor será a componente ascendente do vôo de declive.

Esta questão está portanto em íntima relação com o novo problema, muito mais difícil, de voar sem motor por cima das planícies ou de grandes superfícies de água. Seguramente neste caso se poderão aproveitar correntes de ar de origem térmica, onde existam;

de muito maior e mais fundamental importância seria o caso de se poder aproveitar a turbulência das correntes de vento, realizando assim o chamado vôo de rajadas (*vuelo de ráfagas*).

Compreende-se por turbulência a inconsistência do vento, caracterizada pelas rajadas, que se exprimem por oscilações rápidas, mais ou menos periódicas, do vento quanto à força e à direção.

Ensaios feitos com tipos de aviões em rajadas artificiais de ar demonstraram com efeito que seria possível, por meio de habilis manobras com o leme, produzindo modificação exata e a tempo do chamado ângulo de ajustagem (ajuste), contrabalançar as irregularidades do vento.

Deste modo se extrae do vento energia ascensional que se poderá empregar diretamente para manter o avião no ar.

Este é o verdadeiro vôo planado (*velociación*), que observamos nas grandes aves de rapina e marinhas. Sobretudo estas últimas podem seguir os navios durante horas inteiras, sem que suas asas se movam, suspensas unicamente pelo vento, cuja energia sabem transformar em forças ascensionais e transportadoras de uma maneira maravilhosa por meio de umas longas e estreitas asas de construção especial.

Esta espécie de aviação (chamada dinâmica) não se verificou até agora nem sequer pelos aviadores mais notáveis, a não ser por casualidade.

Para voar assim durante muito tempo necessita-se de uma espécie de «presentimento da rajada» que até agora ainda nos falta, para contrabalançá-la a tempo, isto é, quando se forma e para aproveitá-la. Além

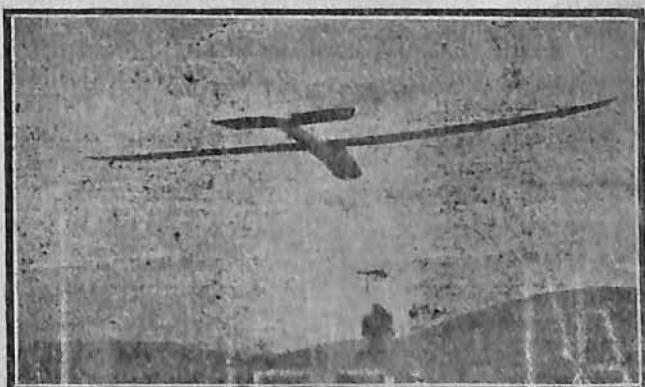


Fig. 8—O avião *Konsul* da Escola Técnica Superior de Darmstadt.
Vôos em Rhœn 1923. Piloto Botsch.

disso ainda não construimos planos de sustentação suficientemente elásticos para poderem ser adaptados tão perfeitamente às correntes do ar como o faz a ave com suas asas.

Finalmente surge a pergunta: Poder-se-á voar sem motor em todos os lugares e que condições deve oferecer o terreno?

Para o voo puramente resvaladiço só servem declives de altura no mínimo de 80 a 100 metros, que tenham uma inclinação no mínimo de 1 a 6, e cujos arredores ofereçam aterrissage em um grande número de locaes.

Devem existir portanto, ao redor da colina de partida, grandes planícies sem árvores nem pedras. Para poder voar se precisa em primeiro lugar de vento, bem aproveitável e constante e um declive ou vertente, de pouca altura. Ela deve ser extensa não interrompida por barrancos, valles, etc.

Melhor seria uma vertente situada na direcção do vento predominante, porque neste caso pôde-se contar com muitos dias, em que os vôos são possíveis.

Também neste caso o terreno para aterrizar tem importância e nos países marítimos

deve estudar-se a questão de ver si o mar pôde servir como superfície de aterrissagem.

Um avião sem motor não pôde levar fluíctuadores porque estes oferecem demasiada resistência; pôde-se, porém, imaginar um bote-avião muito leve com rodas para a demarrage em terra. Os factores principaes de tales ensaios serão sempre aviadores bem instruidos, que trabalhem com entusiasmo e que saibam solucionar também os trabalhos de organização, que não são fáceis e que aparecem sempre com a instalação de um campo para aviação sem motor.

Em geral, uma das mais importantes tarefas para o futuro será conquistar um numero sempre maior de amigos para esta especie de aviação.

Muitos e mui habeis individuos têm que sentir-se bastante valentes para aprender a nova maneira de voar, tão formosa. Só da massa de tantos successos equivalentes se destacará um gráu mais alto de perfeição. Só o vôo pelo vento de declive, que crêa records, e a habilidade de muitos aviadores, permitirão com machinas de construção especial, dar mais um passo na aviação, para alcançar o modelo, com que a Natureza nos brinda.

THEMAS TÁTICOS DE INFANTARIA

No interesse dos nossos camaradas obtivemos acquieciação para dar publicidade aos *Themas de Infantaria* organizados para o exame da turma de officiaes alunos da E. A. O. em 1924.

Calcados, como elles foram, nos trabalhos realizados durante o anno no terreno e na sala, torna-se imprescindivel primeiramente um resumo das situações exploradas no *thema de conjunto* que serviu como directiva principal ao curso naquelle anno.

Aos officiaes que ainda não cursaram a E. A. O., estas diferentes situações particulares de infantaria, engendradas dentro de situações geraes n'um tema unico, talvez possam despertar algum interesse, permitindo-lhes raciocinar acerca dos principios relativos ao emprego táctico da arma.

Servir-nos-emos a miude de ensinamentos dos distintos mestres Cmto, Corbé e Dumay, para completarem a publicação, acrescentando-lhe estudos e soluções relativos a algumas das situações propostas.

Ao que nos parece, entretanto, conviria ampliar a esphera tactica aqui abordada; sobretudo, é indispensavel que dentro mesmo destas simples situações de infantaria, appareça a cooperação da artilharia como um cōroamento essencial ao raciocínio táctico do infante. A isto accederam gentilmente o Cmto. Portella e o Cap. Scheleider, os quaes tomaram parte, aquelle como membro da comissão examinadora do fim de anno e este como adjunto do instructor de artilharia.

NOTA DA REDACÇÃO — Chamamos muito particularmente a atenção de nossos leitores para esta collectanea de 30 themes, que foram estudados na carta e no terreno pelos officiaes alunos da E. A. O. sob a direcção dos instructores da M. M. F.

Constitue a mesma uma valiosa fonte de ensinamentos, muito util não só para os candidatos à matrícula e actuaes alumnos daquella escola, como para todo o oficial ciôso de seu preparo profissional.

A operosidade e o criterio do Cap. Derineval Pêixoto, bem conhecido escriptor militar, dão a segurança do valor do trabalho.

— Resumo de algumas situações e missões dos elementos dos dois partidos (Vermelho e Verde) estudadas, ora mais ora menos detalhadamente, dentro do THEMA DE CONJUNTO e que serviram de base aos trabalhos e exercícios de Tática de Infantaria, durante o segundo período de 1924.

Cartas: D. F. 1/50.000 - V. M. 1/20.000

SITUAÇÃO GERAL DOS PARTIDOS (*)

1.º — Dois Exercitos encontram-se em operações, defrontados na região ao N. da Serra de Madureira, no Estado do Rio de Janeiro.

2.º — O PARTIDO VERDE (de O.) parecia decidido a deter, sobre o rio Guandú e ao N., a progressão do PARTIDO VERMELHO (de E.) esperando-se uma importante batalha dentro de alguns dias.

3.º — Uma D. I. vermelha, desembarcando por via marítima na região da Penha, tem a missão de:

« pronunciar, pelo S. das montanhas e pelo valle do Guandú, um movimento desbordante sobre a direita do partido verde. »

Os desembarques se iniciariam sob a protecção de uma Bda. de C. que já estava na região de Deodoro.

4.º — O Cmt. do Exercito Verde, tendo conhecimento dos desembarques na região da Penha, resolveu transportar uma D. I. verde para a região de Santa Cruz, com a missão de:

1.º - impedir, ou pelo menos perturbar, os desembarques inimigos assinalados;
2.º - cobrir em qualquer caso, diante dessa ameaça eventual, o flanco direito do Exercito Verde.

Esta D. I. seria reforçada por uma Bda. de C., um G. A. C. e uma Esquadrilha de Observação.

A COBERTURA DE AMBOS OS PARTIDOS

5.º — O Cmt. da D. I. vermelha, tendo informações deste movimento de forças do partido Verde para Santa Cruz, e não esperando ter toda a sua tropa desembarcada

antes de três semanas, resolveu constituir imediatamente, com seus elementos já desembarcados, um *destacamento de cobertura*, sob o commando do Gen. Cmt. da 1.ª Bda. de I., com a missão de:

« interdictar ao inimigo as alturas ao N. da via-férrea (Ramal de Santa Cruz), estradas e aglomerações de casas vizinhas inclusive. »

O Destacamento ficou organizado do seguinte modo

Um R. I.;
Uma Bia. A. Mtl.;
Um G. A. M.;
Um R. C. D.;
Uma Cia. Sap. Min.

A Bda. de C. e o seu G. A. C. que já se achavam na região, defenderiam o terreno cobrindo apenas o S. da via-férrea, continuando a C. com a missão de lançar reconhecimentos sobre os movimentos das forças verdes, uma vez que a D. I. vermelha não dispunha de aviação.

6.º — O R. I. do Destacamento de Cobertura recebeu a missão de instalar-se, com dois Btl. em 1.º escalão e um Btl. reservado, em P. A. Posição de Cobertura n'uma larga frente comprendendo a linha geral: Col. do Cabral — M^o do Periquito — Fazenda do Eng. Novo — Villa Nova.

Uma linha de vigilância constituída de Pequenos Postos de Cavalaria a O. do campo de instrução e morro de S. Bento asseguraría, de dia, a protecção daquella Posição de Cobertura.

Aquele R. I. (1.º R. I. vermelho) marchou da Penha para tomar posição por Deodoro — Ricardo de Albuquerque e estabeleceu-se em dois quartéis sensivelmente separados pela linha ferrea de Garicinó, de seguinte modo:

I 1.º - R. I., quartelão do N;
II 1.º - R. I., quartelão do S;
III 1.º - R. I., reserva, em Bebedouro;

I.ª Cia. Mtr. P. cooperando na defesa com o Btl. do S.

7.º — Por outra parte o Cmt. da D. I. verde, assim de cobrir os seus desembarques por via-férrea na região de Itaguáhy e a sua concentração na região de Santa Cruz, enviaria ao Gen. Cmt. da Bda. de C. verde,

(*) A numeração vai servir para evitar as repeticões de factos, situações e missões já explanados.

quando ainda se achava em *Santa Cruz*, as instruções seguintes:

« Tenho intenção de levar mais á frente possível desembarques e concentração D. I. Conduzi cobertura para E., tão longe quanto possível, mantendo, no minímo, as alturas que commandam a O. de *Campo Grande* desfileiro entre *Serra Madureira* e *Serra Inhoahyba*. Por outro lado, procurar recolher máximo de informações sobre desembarques inimigos assignalados região *Bahia Guanabara*, proximo *Ilha Governador*. Primeiros elementos de Infantaria chegarão dia 24. Meu Q. G. em *Itaguahy*, dia 26. Aviação não chegará antes dia 30. »

A DEFENSIVA DAS FÓRÇAS VERMELHAS

8.º — O Gen. Cmt. da D. I. vermelha, prevendo que o inimigo podia atacar a sua D. I. antes que esta estivesse prompta para executar a sua offensiva (movimento desbordante pelo S. sobre a aja direita das forças verdes), decidiu:

« Organizar, atraç de sua Cobertura actual, um Campo de Batalha Defensivo, sobre o qual podesse aceitar um encontro com o inimigo em condições favoráveis; ».

Esta deliberação fôrta tomada em vista das informações colhidas acerca das intenções do inimigo e da impossibilidade de movimentar-se imediatamente a D. I. vermelha, devido aos serviços e material que não estavam desembarcados totalmente.

Como se vê, a D. I. verde, que inicialmente parecia apenas ter uma missão de defesa no vale do *Guandu*, está agora caracteristicamente n'uma missão offensiva bem definida.

9.º — Por outro lado a D. I. vermelha que desembarcava afim de iniciar uma manobra offensiva pelo flanco do inimigo, é impellida a aceitar a situação defensiva momentaneamente imposta pelas circunstâncias imprevistas.

A D. I. vermelha organizou, em consequencia, a defesa da frente nas seguintes condições:

10.º — Uma Posição de Resistência, balizada na sua frente pelos morros do *Nascimento* - *Bôa Vista* - *Dendê* - *Jaqueira* - *Jaqueira* - *Monte Alegre* - *Capão* e do *Ten. Ac-*

cacio; foi organisada em profundidade, nas condições de poder restabelecer-se noutras linhas previstas atraç. (Apoio e Reductos) caso o inimigo obtivesse sucesso, fosse sobre o saliente S. O de *Monte Alegre* ou sobre o saliente N. de *Bôa Vista*, ou sobre ambos simultaneamente na linha de resistência.

Uma posição de postos avançados com o Escalão de vigilância avançada em *Col. do Trem* - *Capão Redondo* - *Torre* e *Mº de S. Bento* e com o Escalão de Combate sobre *Col. do Cabral* - *Mº Periquito* - *Faz. Engenho Novo* e cota 40 a E. de *Villa Nova*.

— A frente de defesa da D. I. vermelha foi repartida em tres Sectores:

Sector Norte — affecto á 2.ª Bda. de I. (3.º R. I., 1.º, 2.º e 3.º B. C.) entre o Vale do Pavuna e a via ferrea de Gericinó, exclusive.

Sector do Centro — affecto á 1.ª Bda. (menos o 1.º R. I., que estava na Posição de Cobertura e, depois de substituido, iria constituir a reserva da D. I.) entre a via ferrea de Gericinó e o Ramal de Santa Cruz, exclusive.

Sector do Sul — affecto á Bda. de C. (reforçada por um Btl. destacado do R. I. reservado) entre o Ramal Santa Cruz e a Estrada Real.

O R. C. D. cobriria o flanco direito da organisação defensiva, na região *Faz. do Cabral*.

11.º — Os postos avançados da defesa teriam recebido as missões seguintes:

a) — No Sector Norte: a) - Sub-Sector da direita (morro do Periquito) executar o retrahimento, em caso de ataque e combater em retirada até a posição de resistência onde se acolheria;

b) — o Sub-Sector da esquerda (*Faz. Eng. Novo*) resistir, no caso de ataque, até uma hora determinada e depois retrair-se para a Posição de Resistência;

c) — No Sector do centro (*Monte Alegre*) em toda a sua frente resistir, custe o que custar, na propria Posição dos Postos Avançados.

As tres diferentes missões essenciais que podem receber os postos avançados para o caso de ataque, foram assim nitidamente especificadas no caso presente.

A OFFENSIVA DAS FORÇAS VERDES

12.^º — O Cmt. da D. I. verde baseando-se no seu serviço de informações (especialmente na Aviação) ficou conhecedor dos trabalhos de organização acima e dos movimentos de tropa e viaturas das forças vermelhas atraçadas suas posições defensivas. Concluindo que ao inimigo fallavam recursos para passar á offensiva, pois, estava organizando-se defensivamente, entendeu, o Cmt. da D. I. verde aproveitar as vantagens de tomar a iniciativa da offensiva e resolveu:

«cumprir a primeira parte de sua missão — perturbar os desembarques inimigos, sem perder tempo, para aproveitar-se de sua provável superioridade que poderia ter agora sobre o inimigo.» isto é, decidiu marchar para o inimigo com toda a D. I., atacal-o e repelil-o até à Linha Ferrea Auxiliar, para dahi alcançar a Penha com tiros de seus canhões.

As informações mais recentes anunciam, portanto, á D. I. verde organizações da Infantaria (vermelha), nas alturas a E. do Campo de Instrução e do Realengo, cobertas que estavam porém por uma activa rede de cavalaria, difícil de ser atravessada além de Bangú.

(1.^º) A APPROXIMAÇÃO

13.^º — A D. I. verde realizou a sua Marcha de Approximação em duas columnas, cobertas por uma Vg. commandada pelo Gen. Cmt. da 1.^a Bda. I. e constituída de:

- um R. I. (1.^º R. I. Verde);
- um G. A. Mtl.;
- dois G. A. M.;
- dois Pel. do R. C. D.

Esta Vg. marchou igualmente em duas columnas para attingir até a sua ultima linha sucessiva que fôra balisada pela colina do Macegal - Laguna (a 1 k.m. N. O. do M^º do Periquito) - encostas da cota 30 (a 400ms. a O. do mesmo morro) - Faz. do Engenho Novo - caminhos a E. da cota 60 ao S. da Faz. E. de Villa Nova - Realengo.

O gresso do R. C. D. agiu na frente com a missão de esclarecer a marcha da Vg.,

procurar e assegurar contacto até a sua substituição por elementos adeantados da Vg. com a qual manteria ligação.

O ENGAJAMENTO

14.^º — Com os primeiros elementos avançados das forças verdes os contactos começaram a ser tomados pela Vg. do S., nas saídas de Bangú e no Morro S. Bento; pela Vg. do N., nas orlas O. do Campo de Instrução - Col. do Capão Redondo - Col. do Trem, sendo aquelles elementos inimigos impelidos a abandonar as resistências locaes e a retrahir-se para E. sem oferecer grande resistencia.

15.^º — O Cmt. da Vg. teve dois Btl. empenhados em 1.^º escalão, e attingiu facilmente, ao fim da jornada, as orlas dos bosques a O. do Morro do Periquito e da Faz. do Eng. Novo, da Villa Nova e do Realengo. Resolveu, de acordo com o Cmt. da D. I., engajar ainda um Btl. de I. que estava em 2.^º escalão, afim de tomar o Morro do Periquito e as duas alturas de cota 60 logo a O. da Faz. do Eng. Novo, convenientes que eram estas elevações como observatórios para a continuidade da acção da D. I.

A TOMADA DE CONTACTO

16.^º — Esse ataque local, corôado de exito, terminou pelo contacto estreitamente tomado ás continuas resistencias inimigas situadas no Morro da Boa Vista. Os postos avançados de combate ficaram estabelecidos para a noite nas encostas E. do Morro do Eng. Novo e encostas E. das cotas 60. Em outros pontos da frente o contacto ficou tomado apenas com os postos avançados vermelhos.

17.^º — A situação dos elementos de Infantaria da D. I. verde, após este Período de Engajamento dos elementos da Vg., era o seguinte:

- P. C. do Cmt. da D. I. em Bangú;
- P. C. do Cmt. 1.^a Bda. de I. (Cmt. da Vg.) Col. da Torre;
- P. C. do Cmt. 1.^º R. I. Serraria (Antiga);
 - I/^º R. I. - P. A. a O. de V. Nova;
 - II/^º R. I. - Periquito e Faz. Eng. Novo;
 - III/^º R. I. - P. A. a E. das cotas 60 e Morro Eng. Novo;

P. C. do Cmt. 2.º R. I. — Arredores de Bangú;

P. C. do Cmt. 2.º Bda. de I. Mº de S. Bento;

P. C. do Cmt. 3.º R. I. — Arredores do Mº de S. Bento;

P. C. do Cmt. 4.º R. I.: Col. da Torre;
— I/4º R. I. — Col. Capão Redondo;

— II/4º R. I. — Cancellaria Preta;

— III/4º R. I. Col. da Torre.

18.º — Após as operações de engajamento para a tomada de contacto, os elementos avançados da D. I. verde estão, por conseguinte, em contactos estreitamente tomados com a linha de resistência das forças vermelhas, em quasi toda a frente.

As linhas mais avançadas do inimigo, as posições de alguns dos seus órgãos de fogo (mtr. e bias) foram assinaladas por meio de photographias aéreas e os seus fogos de destruir parecem estar ajustados para cerca de 50 ms. na frente da linha attingida pelos elementos avançados das forças atacantes.

O ATAQUE

19.º — O Cmt. da D. I. verde, de posse de todas as informações, decidiu atacar por surpresa, no dia imediato, às 6 horas, desencadeando um ataque de conjunto, em toda a frente, ao N. do Realengo;

A D. I. verde, irá, portanto, atacar na direcção de O. para E., empregando tres R. I. juxtapostos em 1.º Escalão e um R. I. em 2.º Escalão.

20.º — O 4.º R. I. que se achava em bivacque na região Col. da Torre - Col. Capão Redondo - Col. do Trem, receberá ordem de agir pela esquerda do dispositivo de ataque da D. I. com a seguinte missão:

«apoderar-se da posição de Resistência do inimigo sobre a frente Morro do

Nascimento - Morro da Bôa Vista; pro seguir depois seu movimento, na direcção geral do Morro de S. Bernardo-Ricardo de Albuquerque - Morro da Santinha, procurando desbordar pelo N. as resistencias que forem oppostas á progressão do R. I. do centro. »

O 4.º R. I. por ordem superior irá empregar dois Btl. em 1.º escalão e terá para limites da zona de ataque: ao S. a linha: Morros Eng. Novo - Bôa Vista - Jovino - Est. Ricardo de Albuquerque e Arrôio Merity (toda inclusive) e ao N.-do Nascimento e Romão e o flanco coberto pelo R. C. D. que se acha na Faz. do Bananal.

21.º — O 3.º R. I. atacará pelo centro sobre a cortina reentrante de Dêdê e Jaqueira, igualmente com dois Btl. em 1.º escalão.

22.º — O 2º R. I. atacará pelo S. do dispositivo na direcção Monte Alegre e Jacques, procurando realizar um desbordamento pelo S. de Monte Alegre, si a frente não ceder.

23.º — O 1º R. I. que se acha em P. A. se reconstituirá na Faz. do Eng. Novo para marchar em 2º escalão no eixo de ataque do 4º R. I.

24.º — O apoio do ataque do 4º R. I. será realizado por um agrupamento de apoio directo constituído de

Um R. A. M. de 75;

Um G. A. Mth.;

Um G. A. P. C. 155.

Passada assim uma revista nos acontecimentos que se teriam desenrolado, nas operações entre os dois partidos, estamos em condições de comprehender e iniciar a publicação dos ensinamentos de tactica de infantaria ministrados pelos instructores franceses na E. A. O. em 1924.

Pontes de circunstância

Quando parti d'ahi, do nosso Rio de Janeiro, com 25 fortes pontoneiros, fazendo parte da Companhia Mixta creada, como se um batalhão em miniatura fosse; senti-me um inútil com tão pouco gente.

Pensei que só concertos ou serviços de pouca monta para mim fossem reservados: — enganei-me.

Esses 25 valentes servidores da pátria representavam sobejamente a briosa companhia de pontoneiros: — o homem, em certos momentos, é a unica machina que nos dá o redimento que queremos.

No dia 5 de Setembro do anno passado, estávamos acampados na Fazenda Bôa Esperança que fica distante de Arapuá (estaçao da E. E. N.) 12 leguas, as quaes foram vencidas a pé, sob um sól causticante que nos atordoava e n'um areião que nos obrigava andar outras para tráz.

Nesse dia, recebi do meu capitão, uma ordem para estabelecer passagens nos rios Taquarussú e S. Pedro, com urgencia.

Preparei o material e o meu pessoal n'um caminhão Ford-auto que muito se adapta ao nosso sertão.

Meio dia já havia soado quando dessa belíssima e pittoresca fazenda, cujo nome nos enche de coragem e de fé, partimos.

Ainda não havíamos acabado de chegar ás margens do Taquarussú, quando de um auto vejo descer o Coronel Malan, nosso valoroso commandante.

Perguntou-me: — Quando nos dá a ponte prompta?

Dentro de 48 horas, meu commandante (respondi-lhe).

Conversou mais um, pouco e partiu deixando-me preso a um compromisso que eu teria que cumprir custasse o que custasse.

A natureza teria que ser vencida, pelos braços fortes dos 25 briosos camaradas.

Comecei o reconhecimentos ás 13h. 30 mais ou menos, acompanhado do meu sargento e mais duas praças.

A configuração do terreno era a seguinte: — uma larga campina que vinha a pouco e pouco se estreitando; até que ficava reduzida a uma unica faixa, tendo de um lado, espesso e secular bosque e do outro um car-

rascal negro pela queimada e que nos dava uma impressão tetrica e dolorosa.

O rio circundava o bosque para um pouco mais abaixo de sua órla ir receber, pela sua direita, as aguas do S. Pedro, e continuar com mais velocidade, visto não só ter aumentado o seu volume d'agua como também por ser o terreno dahi para a foz mais inclinado.

Abaixo da confluencia existia um vão, que era vencido com muita dificuldade, por ser necessário se passar por um estreito lagedo que unia as duas margens. De noite era perigosa a vadeação.

Na segunda margem havia um segundo bosque. Parecia que a acção acida das aguas sobre o terreno dividira o bosque em dois e que o rio cavara o seu proprio leito.

Resolvi que teria que fazer a ponte sobre o Taquarussú, acima da confluencia e que aproveitaria, como um bom supporte o terreno existente entre os dois rios,

O Taquarussú no logar escolhido tem: 26 metros de largura, a velocidade de 1m,30 por segundo, a profundidade média de 1m,50, as margens consistentes e o fundo de seixos rolados.

O S. Pedro tem: 18 metros de largura, a velocidade de 1m,10 por segundo, a profundidade média de 0m,80, margens em rampa e o mesmo fundo.

Pela natureza do fundo fui levado adoptar o emprego do cavallete de quatro pés.

O vão da ponte ficou com 28 metros, visto ser a margem consistente:

A via de 4 metros para dar passagem á qualquer viatura, á artilharia a aós caminhões Ford.

Decidi que os lances teriam 5m,60, para o que seriam necessárias vigotas de 5m,80 a 6m,00. Para o lance escolhido, vi no R. P. C. que seriam necessárias 6 vigotas de 0m,25 de diâmetro, afim de que a ponte suportasse 3.500 kilos.

Para a ponte do S. Pedro dei o vão de 20 metros e os lances de 5 metros e vi no regulamento serem necessárias 5 vigotas de 0m,18 de diâmetro para cada lance, afim de que a ponte suportasse a tonelagem necessaria.

O reconhecimento e esses trabalhos elementares terminaram ás 15 horas.

A madeira que devíamos cortar era a seguinte:

- 6 tóras de 4^m,60 de comprimento e 0^m,99 de circunferência, sendo 4 para os chapéos e duas para os encontros.
- 16 tóras de 3^m,50 de comprimento por 0^m,50 de circunferência para pernas dos cavaletes.
- 24 tóras de 1^m,50 de comprimento por 0^m,25 de circunferência para travessas e contraventos.
- 30 vigotas com mais de 5^m,80 de comprimento e 0^m,23 de diâmetro.
- 5 tóras de 4^m,60 de comprimento por 0^m,90 de circunferência, sendo 3 para os chapéos e 2 para os encontros.
- 12 tóras de 2^m,00 × 0^m,50 de circunferência para pernas dos cavaletes.
- 18 tóras de 1^m,50 de comprimento por 0,25 de circunferência para travessas e contraventos.
- 20 vigotas com mais de 5^m,20 de comprimento e 0^m,18 de diâmetro.

Resolvi fazer o taboleiro com coqueiros rachados ao meio.

Cada coqueiro cobria 0^m,35 em média, seriam necessários 138 coqueiros.

Feito esse cálculo preliminar enviei o meu sargento acompanhado de um bom cabo para a segunda margem, marcar a madeira necessária para o S. Pedro.

Fiquei no bosque da primeira margem com outro cabo e duas praias, marcando com signaes convencionados as árvores que serviriam para chapéos e para vigotas, para pernas ou para contraventos.

Essa marcação foi feita com um facão e uma machadinha:—toda árvore com uma cruz devia ser cortada para vigota, com um só talho para contravento, com dous talhos para chapéo, com um para as pernas.

A's 17 horas terminei o serviço visto existir uma enorme quantidade de madeira. Parecia que tudo vinha a calhar.

Suspendi o serviço nessa hora:—o canto do inhambú já havia anunciado evidentemente a noite...

Durante a noite fiz a divisão do pessoal em turmas:

Corte de madeira—1 cabo e 2 lenhadores.

Transporte—1 cabo e 15 homens.

Confecção dos cavaletes—1 sargento e 5 carpinteiros.

Resolvi, visto a exiguidade de pessoal, confeccionar todos os cavaletes primeiramente; depois prepararia as vigotas e os pranchões simultaneamente na construção da ponte.

O serviço foi começado às 5 horas, do dia 6 do mês da nossa independência.

Formei minha secção, convenci aos homens de que o serviço ia ser puchado, mas que contava com o auxílio de todos e rumo ao trabalho.

Os lenhadores eram tão habéis que a turma de transporte não dava dava vazão à madeira cortada,

Em quanto o meu sargento apertava a turma de transporte nesse inicio, eu e os carpinteiros fomos fazer a sondagem.

Esticamos um cordel aferido de lado a lado do rio e no logar exacto medimos a altura exacta das pernas de cada cavallete.

Por não existir barco, lancei mão de um expediente muito interessante: amarrei, pelo busto um bom nadador, com duas cordas manejadas de uma e de outra margem. Puchando uma ou outra corda o homem boiando de ventre ia ter ao logar designado pelo cordel esticado.

Quando acabamos de fazer as sondagens ja havia madeira para começar o serviço.

O R. P. C. marca o tempo de 1 h 1/2 ou 2 horas para a confecção de um cavallete apparelhado com 12 homens.

Com 5 habéis carpinteiros e um bom sargento fiz um cavallete por hora, em média.

Ao meio dia, hora do almoço, estava com os 4 cavaletes prompts e com o encontro da primeira margem preparado.

A's 13 horas encetamos novamente o serviço, assim:

2 carpinteiros, preparando as vigotas.

1 cabo e 10 homens transportando madeira.

1 sargento e 9 homens na armação da ponte.

1 cabo e 2 lenhadores cortando coqueiros para o taboleiro.

Foi assentado o primeiro cavallete, pelo methodo das longarinas, as quaes foram improvisadas aproveitando-se duas vigotas e sendo necessário que 3 homens calissem n'água, para que mais firme e mais alinhado ficasse o cavallete.

Essa mesma turma fez o assentamento das vigotas do lance, a respectiva amarração e um taboleiro provisório.

Pelo mesmo processo assentamos os outros tres cavaletes e as repectivas vigotas.

Às 16 horas e 30 minutos já se transpunha, a pé enxuto, o Taquarussú.

Dei um descanso para o jantar e às 18 horas começamos o taboleiro da ponte que foi feito com coqueiros rachados e presos com arame.

Para a amarração eram necessarios 6 homens, um para cada vigota; 6 homens transportavam os coqueiros e o resto da turma os fachavam.

Assentou-se o rodapé, aproveitando-se 4 enormes tóras de vinhatico que perto se achavam, tapou-se com a palma dos coqueiros as fendas que existiam no taboleiro e cobriu-se em seguida com terra.

Eram 23 horas...

A hora que faltava para ver nascer o dia da nossa independencia foi esperada fazendo uma corsa ou outra:—arremates que sempre existem.

Com um viva de satisfação e de orgulho, com esses bravos patriotas e humildes servidores da nossa pátria, commemorei tão faustoso dia.

Vi atravez daquellas physionomias cançadas pelo trabalho, abatidas pela fadiga, um contentamento, um que de tão sobrenatural quē me julguei feliz no meio de tão boa gente em pleno sertão brasileiro.

Era uma noite de prenilunio, fresca, agradável... parecia que Deus compartilhava da nossa alegria e do nosso orgulho de brasileiros.

No dia seguinte iniciamos a ponte do S. Pedro muito mais facil, por ser o rio mais razo e por isso permitir o assentamento do cavallete a braços, entrando n'agua.

O serviço correu bem, às 16 horas de 7, estávamos com a segunda ponte prompta.

Comecei então o preparo das rampas de acesso que durou duas horas.

Na manhã de 8 passou o 15 B C, forte e luzidia unidade de escol do nosso Exercito e logo em seguida um comboio com 15 caminhões.

Alguns desses caminhões levavam dentro o armão e à munição de artilharia e de reboque um canhão 75.

Mandei reforçar, por dois carpinteiros, collocando no meio de cada lance, por baixo das vigotas uma forte travessa que se apoia em dois chapuzes collocados em duas estacas fincadas, a pique, em cada lado da via.

Forte amarração de arame completava o dispositivo, que funcionou como se fosse um cavallete de estacas.

Com esse novo dispositivo essa ponte suportaria facilmente 6.000 kilos, pois os lances ficaram reduzidos á 2^m,80.

Foi com prazer que recebi um forte abraço do meu querido chefe que até hoje o sinto, como recordação inapagavel daquelles dias felizes que trabalhei com elle, com vontade e com ardor.

Pensando em ser util aos meus camaradas aproveito a oportunidade para transcrever alguns dados de regulamentos franceses.

Esses dados sobre ponte de cavaletes de 4 pés, feitos com madeira apparelhada e se utilizando vigotas e pranchões tambem apparelhados, para um lance de 4 metros, são os seguintes :

Construir um cavallete rapido..... 1h30'

Conduzir o cavallete (do logar em que foi feito ao que deve ser colocado n'agua)..... 10'

Assentar o cavallete :

methodo das longarinas..... 30'

com barco de manobra..... 30'

com portada de manobra 30'

a braços, entrando n'agua..... 15'

methodo das cordas e croques..... 40'

com uma rampa de vigotas..... 35'

com um barco com contrapeso..... 30'

com um barco trazendo um cavallete com chapéo móvel 30'

Construir o taboleiro d'um lance

Construcción d'uma ponte de n cavaletes :

Construir o 1º cavallete

Conduzir o cavallete

Assentar n cavaletes

Construir (n-1) lances ... (n-1)X30'

Terminar a guindagem depois da construção do ultimo lance

T=1h 30'-+10'-+nX30'-+(n-1) 30'-+10' ou T=2h 20'-+ n horas.

Formulas que podemos aplicar quando tivermos o pessoal e o material regulamentar em campanha.

Lima Figueiredo.

1º Tenente

Aquidauana, 6-3-925

Instrução de combate do grupo e do pelotão ⁽¹⁾

(Traducção adaptada de «Instruction de combat du group et de la section» do commandante Roger - Revue d'Infanterie, Mars-Juin - 1924)

III — EXERCÍCIO



Situação inicial. — Seu pelotão progride na approximação, em direcção ao Monro do Paiol Pequeno (apontando). Você comanda este grupo, o do centro.

2.º Situação — Continue a progressão.

Nota — No terreno há, á esquerda, uma serie de cobertas e cortaduras que podem constituir um itinerario desenfiado para o grupo.

Pede-se :

1.º — Quais são os processos que empregará para, nesse terreno, progredir com o seu grupo?

2.^o — *Ordens de execução?* (R. E. C. I., 2.^a parte, n. 340 § 4.^º; CONSELHOS, 2.^a parte, n. 124 § 5.^º, 127 e 132).

SOLUÇÃO

Situação inicial — O grupo está em coluna por um ou por dois, com a arma em bandoleira ou na mão.

O comandante do grupo, à frente, aproveita rigorosamente o terreno e conduz o seu grupo de coberta a coberta.

Processos de progressão e ordens de execução:

a) « Alto ! Deitar ! »

b) « Homero (volteador, homem de transmissão, ligação e protecção) commigo! Câbo Gentil, você conduzirá o grupo, logo que eu fizer o sinal de avançar. Irei para aquellas moitas em frente. »

c) O comandante do grupo parte, aproveitando o terreno com o volteador Homero e chegado ás moitas faz o signal de avancar.

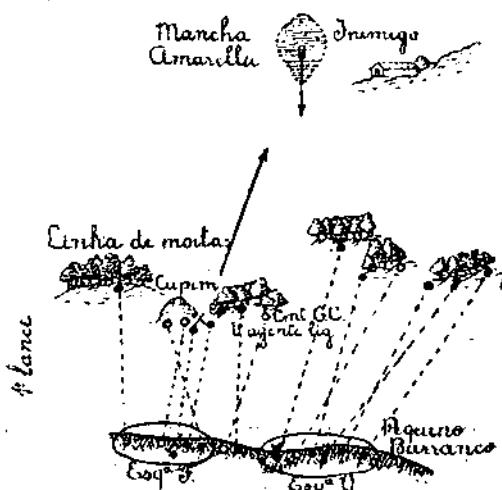
A esse gesto o cabo Gentil conduz o grupo, aproveitando o itinerario seguido pelo seu commandante.

d) A mesma operação para o segundo lance e attingindo este um grupo de arvores, junto as ruinas de uma casa, o comandante do grupo diz:

e) «Homero, vá procurar um caminho para atravessarmos aquella faixa muito coberta ali em frente; faça signal quando encontrar.»

A progressão continua por lances, de coberta a coberta, de cortadura a cortadura.

IV — EXERCICIO



Nota 2 mui aux. está
combinando com os dos ou-
tros (lo a eng. de res-
oluç. pol.)

Situação inicial — Seu pelotão tendo dois grupos em primeiro escalão e dois em segundo, progride, no ataque, contra a resistência assinalada por aquella mancha amarella e que se distingue a cerca de 500 mts daqui.

Devido ao tiro da infantaria inimiga, a progressão de «todo o grupo por lances» parece não ser mais possível e, todas as vezes que seu grupo tenta partir, abre-se uma fuzilaria intensa do inimigo.

(I) Ver a Defesa Nacional, 133 — 134 — Janeiro — Fevereiro 1925.

Pede-se :

Ordens e providencias para continuar sua progressão e facilitar tambem a do vizinho que está á sua direita. (R. E. C. I., 2.^a parte, n. 344 § 2.^o CONSELHOS, 2.^a parte, ns. 140 a 147).

SOLUÇÃO

Situação inicial — O grupo vinha progredindo em uma formação da ataque e, por elance de todo o grupo, tinha attingido o pequeno barranco.

Ordens e providencias para continuar a progressão — «Ao cabo fuzileiro,... Fogo de rajada! — Alça 500!» — Objectivo: em frente, quatro dedos a esquerda e a 500 mts, junto á mancha amarela, um grupo de homens — «Começar o fogo!»

«Atenção! — Vamos progredir por lances de esquadras.»

«Primeiro ponto a attingir: a linha de moitas a 50 mts á frente.»

«A esquadra de volteadores partirá em primeiro lugar commigo. Direcção ao arbusto mais alto á direita. Abertura do fogo logo que lá chegar.»

«A esquadra de fuzileiros avançará depois para o pequeno cupim á esquerda.»

Logo que o commandante do grupo percebeu serem os effeitos do fogo satisfatórios, commandou:

«Esquadra de volteadores.... a meu comando! — Preparar para partir. «Por lance — Ma...rche-Marche!»

Os volteadores alcançam a linha de moitas e abrem o fogo (ou fazem o signal — a esquadra está prompta para apoiar o movimento — esperando, neste caso, que o inimigo se manifeste para abrir o fogo).

O cabo fuzileiro aproveita o momento favorável para «levar o seu fogo para a frente» e commanda:

«Cessar fogo! — Preparar para partir! — Direcção ao cupim. — «Por lance. — Ma...rche — Marche!»

Chegado a este ultimo ponto, o F. M. abre o fogo imediatamente e assim se executarão os outros lances.

V — EXERCÍCIO



Situação inicial — Seu grupo progride, em formação de ataque, no escalão de fogo, contra uma resistencia que se revela nas imediações daquella arvore. Neste momento é batido por fogos muito violentos do adversario. (O terreno apresenta á frente uma serie de pequenas cobertas esparsas). Continue a progressão.

Se o commandante do grupo tentar progredir por lances de esquadra ou de todo o grupo, acrescentar: logo que os homens se preparam para partir, o fogo do inimigo se intensifica e as esquadras não conseguem levantar-se. Continue a progressão (1) (R. E. C. I., 2.^a parte ns. 340 a 342 e 344 § 2.^o; CONSELHOS, 1.^a parte, n. 18 e 2.^a parte, ns. 143 a 147, 152 e 153.

SOLUÇÃO

Situação inicial. — O grupo está em uma formação de ataque, já tendo aberto o fogo.

Ordens e providencias. — a) «Vamos progredir por pequenos grupos, apoiados pelo fogo dos que estiverem parados. Ponto a

(1) Se o commandante do grupo adoptar outra solução que não a visada pelo instrutor, esta pode crear um novo incidente que torne irrealizável a solução tomada, conforme está exemplificada no n.º 108 da 1.^a Parte dos CONSELHOS. Convém sempre forçar o homem a adoptar a solução desejada, não só pelo processo indicado, isto é, fazendo o inimigo intervir para anularizar ou se opor aos movimentos tentados. (Ve tradutor).

attingir: a estrada em frente, do barranco para a direita.»

«...o F. M., fogo de rajada! Mesma alça e mesmo objectivo.»

«A todos outros homens, fogo á vontade. Começar o fogo!»

b) «Valois, Talthibio e Rego iniciarião o movimento para a pequena moita escura, á direita do barranco. Por lance....Ma...rche — Marche!»

c) «O cabo fuzileiro partirá com o 2.º municiador e Sisenando, logo que eu tiver atingido o barranco.»

«O cabo volteador completará o movimento acompanhado pelos homens restan-

tes, depois que o cabo fuzileiro tiver alcançado seu destino.»

d) «Fuzileiro metralhador e 1.º municiador partirão commigo. Ponto a attingir: o barranco da estrada, á esquerda do moitão preto. Por lance....Mar...che — Marche!»

O movimento foi executado por lances de pequenos grupos, mesmo homem a homem, alguns na carreira, mas outros curvados, de gatinhas ou rastejando, cobertos pelas moitas.

T. A. ARARIPE.
1.º Ten.

(Continua)

A technologia militar e os gallicismos (1)

No rol das coisas que merecem a nossa veneração está, por sem dúvida, a língua patria. Defendê-la contra a solerte infiltração dos estrangeirismos não é empresa menos nobilitante do que defender a integridade do territorio nacional.

No momento em que philologos daquem e dalém mar despendem alentados esforços em prol do aformoseamento da língua portuguesa, delindo as nodoas que a desfeiam, expungindo as excrescencias que lhe depreciavam a linhagem; no momento em que esses puristas desencravam os monumentos literarios jacentes sob o pó dos tempos e os restituem, brunitidos, cinzelados, na plenitude de sua primitiva belleza, ao património vernaculo, será desacertado nós, os militares, permanecermos apathicamente em terreno opposto.

Desde muito tempo se voltou a minha atenção para um enxame de palavras exóticas, que arrastam para a categoria das coisas ridículas a nossa technologia, velhacoito onde se homiziam livremente rebarbativos gallicismos. Verdade é que muitas vezes lhes dei guarida, mas só pelos não considerar termos espúrios. Quem sabe mesmo se os leitores, mais perspicuos, não os encontrarão neste desprencioso artiguelho?

Os francesismos que aponto á execração dos que se diligenciam aproximar-se (2) da bona linguagem, extravasam, na sua maioria, das lições que ao nosso exercito ministra a M. M. F.; sobre esta, porém, diga-se de passagem, não devem pesar as culpas dos erros que perpetramos.

Mas é tempo de entrar no assunto que me não parece despiciendo.

1. Engajar. Este vocabulo está na lista negra dos desabonados pelos puristas: «Usado com a significação de assalar, assoldadar, ajustar, contractar, etc., é gallicismo grosseiro e intoleravel». (3)

Mas nós ainda lhe emprestamos outras accepções:

a) Engajar — começar. Ex.: «As tropas engajaram o combate»;

b) Engajar — lançar no combate — empenhar: «Uma vez submettidas ao fogo da infantaria inimiga e empenhadas no combate, as unidades engajadas só podem actuar em frente».

Desappareça engajadas que, sobre ser gallicismo, é palavra redundante, e o periodo lucratá muito.

A traducção de engajar neste caso, geralmente adoptada em os nossos regulamentos, é empenhar: «As companhias de segundo escalão, durante o tempo em que se não tiverem ainda empenhado»...

2. Engajamento. Com quanto eu visse engajar rejeitado pelos paladinos da bona linguagem, nada encontrei relativamente a este termo, o qual, sobre exprimir actos de assoldadar, vale tambem combate de vanguarda (R. S. C., definições).

O uso desta palavra e das duas que se lhe seguem já foi objurgado nesta revista por um seu illustre collaborador, o sur. capitão Francisco de Paula Cidade, (4) em artigo que collimava o mesmo fim visado por mim, o que não obsta eu as reponha na berlinda.

3. *Desbordar*. Com a significação de transbordar, já o vi; no domínio da tática, porém, exprime contornar, ladear: «A 1.ª D. C., procurando desbordar pelo N. as cristas successivas que separam os affluentes do Parahyba»...

4. *Desbordamento*. Como as supra enunciadas, sabe o francês. Significa acto de contornar: «O desbordamento transforma-se então em envolvimento».

Antes do tratado de Versalhes o mosino desbordamento não se havia incorporado, ainda, à nossa terminologia militar e, se o houvesse, a sua accepção se ajustaria inteiramente á do vocabulo envolvimento: «É condição preliminar para o envolvimento fixar o inimigo na sua frente». (5) Quem hoje ha que ignore seja esta a condição indispensável para se executar, com probabilidades de exito, um ataque de flanco?

5. *Desbordante*. Encontradiço em documentos militares, merece igualmente releggido do convívio dos termos puros. Contornante é que se deve dizer, apesar de toparmos a cada passo phrases do jaez destas «... a idéa de manobra desbordante em proveito do grosso da D. I.»...

6. *Estabilizada, estabilização*. Alistou-os o notável Cândido de Figueiredo em o «Novo diccionario da língua portugueza», tacando-os, porém, de brasileirismos. A meu ver, julgo que os vocabulos paralysada e paralysação sobrelevam aqueles. O art. 1.º do R. O. T. reza: «A organização do terreno atinge seu mais amplo desenvolvimento na defensiva, no decurso de uma estabilização prolongada». No entanto o R. E. C. I. propende mais para a sã linguagem quando diz: «No caso de estada prolongada»...

7. *Detalhe, detalhar*, etc. São termos de emprego corrente na vida militar. Outrora detalhe significava o nosso boletim de hoje, que o destronou. Parecia destarte estar detalhe circumscreto á gíria dos galicópias, quando, ex-abrupto, passou a figurar em tudo que é escrito militar.

Pormenor, pormenorizar, etc., exigem o logar que lhes compete.

8. *Cmt. em chefe, gen. em chefe*. Não me recordo onde li sentença condenatoria da expressão redactor em chefe e quejandas. Entretanto, os austeros juizes que preferiram tal decisão, foram accordes em despronunciar redactor-chefe, expressão justificada pela indole da língua.

9. *Em primeira urgencia, em segunda urgencia*, etc. Não sei de quem haja encontrado nos documentos literários semelhantes fórmulas. Eu cá declaro que as vim encontrar pela primeira vez em trabalhos da E. A. O.; como duvide de sua legitimidade, passarei a substituir-as por em primeiro logar, em segundo logar, etc.

10. *Quinconcio*, por quincunce, tem saibô galiciano: «E' o suposto quinconcio, importado directamente do francês quinconce» «... a forma portuguesa deve ser quincunce, do latim quincuncem».

11. *Barricada*. «E' traducção do francês barricade. Temos trincheira ou fortificação provisória, de momento». (3) Igualmente rejeitável é barricar por improvisar trincheira.

12. *Golpe de mão*. «Traducção francesa perfeitamente dispensável. Deve dizer-se lance arrojado, assalto imprevisto, golpe certeiro». (3) Assim se expressa um dos muitos vernaculistas que puseram ambos á empreitada de eliminar os gallicismos de que está inquinada a linguagem de hoje.

Operação de arrojo parece-me não ir mal em vez de golpe de mão.

13. *Terreno de aterrissagem, Terreno de aterragem*. Para que a periphrase se os lexicos já registam aeródromo?

14. *Pioneiro*. Abramos o «Novo diccionario da língua portuguesa»: Pioneiro. Gallicismo dispensável. Melhor seria deanteiro. Para nós, porém, deanteiro não serve: os regimentos de infantes pioneiros que entram na composição da tropa dum D. I. raramente são deanteiros.

Bacoreja-me que mais avisados seremos se trocarmos esta expressão por trabalhadores, que aliás já conta com a sympathia de muita gente.

15. *Rocada*. Afigura-se-me neologismo no sentido que lhe attribuímos. A meu ver, não devemos incluir rocada na relação das estrangeirices; antes obremos por lhe dar fóros de cidade. Não se trata de um intruso, senão de um convidado, que se apresenta vestido a caracter.

Da «Manobra de quadros do exercito» (1920), pag. 90: «Procurou-se, na delimitação da rede dos exercitos, assegurar uma linha de rocada continua e suficientemente afastada das zonas de operações activas, permitindo passar da linha de comunicação de cada exercito ás dos outros». Mas a interpretação que se deve dar a esse vocabulo resalta mais claramente do seguinte período,

extracto dum artigo de Raoul Haff, publicado em «L'illustration», de 11 de Novembro de 1922 : «Les cinq voies suivantes, dites de rocade, car elles étaient parallèles au front, lui permettaient d'engager rapidement ses réserves sur un point quelconque de la ligne de bataille».

16. *Successo.* — exito não é vocabulo lidamente português. No entanto, vem o tão corriqueiro como detalhe e seus affins.

17. *Terreno livre* será fórmula tão defensível como o é campo aberto? O dicionario de Moraes diz : «Campo aberto ou campanha aberta : raso, não cerrado com obras de fortificação».

18. *Bateria.* O grosso das expressões afrancesadas terminadas em eria desde muito foi repelido do territorio patrio. A sua retaguarda, porém, composta de alguns vocabulos importunos, ainda resiste. Apoiada por uma bateria, desalojou a nossa vernalissima bateria, que se retirou completamente desmoralizada.

19. *Garupa. Ravina.* Não tivemos já lombada e barranco e eu provavelmente

nada teria a dizer contra a importação de garupa e ravina.

Estou cansado de perlongar o pintresco panorama gallicano ; cansado e receoso de me embrenhar em seus traiçoeiros meandros que, infelizmente, assaz de força attractive possuem, segundo afirmam os que falam português... *comme une vache française.*

OSMAN MEDEIROS
1.º Tenente

NOTAS — (1) Todos os nomes dos que escreveram os trechos entre aspas são propósitadamente omitidos sempre que a sua divulgação os possa melindrar.

(2) Escrevo aproximar, com um só p, como escrevo aproximação, por virtude do que sentenceia Cândido de Figueiredo : ... «de proximo com o mesmo prefixo (a) formamos aproximar com um só p». (Problema da Linguagem, v. 1.º, p. 266).

(3) «Galicismos», do Dr. Laudelino Freire.

(4) Artigo subordinado ao título «Em defesa de nossa língua» («A Defesa Nacional», n. 108).

(5) R. E. I. 1918. art. 428.

Notas sobre a Instrução do cavalleiro no serviço de campanha

(CONTINUAÇÃO)

GRUPOS DE EXPLORADORES (1)

154. *Princípios gerais.*

1.º Os exploradores que constituem o grupo devem, antes de tudo, estar perfeitamente compenetrados de sua missão e exactamente orientados.

2.º Conservando uma certa independência na marcha, devem, contudo, vigiar-se mutuamente, de tal sorte que estejam sempre em condições de se apoiarem.

3.º Grupar os exploradores dois a dois — o que não implica no bota a bota — quando as circunstâncias o permittirem (effectivo, frente suficientemente extensa).

155. *Grupo de exploradores enviado para esquadriñar uma coberta.*

Dirigir-se para a coberta com intervallos variáveis, de modo a bater toda a sua extensão. Associar os cavalleiros dois a dois; será bom que um dos cavalleiros conduza a arma prompta para atirar.

156. *Reconhecimento de uma posição.*

Dirigir-se ao galope largo para a posição a reconhecer, com intervallos variáveis segundo o effectivo, o terreno e a extensão da posição. Dois exploradores marcharão ás vezes a 15 metros um do outro — conforme os desenfiamentos do terreno — ao passo que outras vezes uma centena de metros os separará.

O essencial é que toda a posição seja reconhecida : os exploradores das aias tomarão, pois, como direcção, as extremidades da posição.

DOIS CASOS

1.º *Posição desocupada.* — Attingindo a posição, os exploradores, segundo as ordens ou sinalaes do chefe, estacionam ou se reúnem a elle.

2.º *Posição ocupada.* — Os exploradores que cahirem sob o fogo, escapar-se-ão rapidamente e obliquarão para a coberta mais proxima. Aquelles que não sofrerem o fogo inimigo, avançarão o mais possível em direcção á povoação. Com effeito, acontecerá algumas vezes que certos pontos de uma posi-

(1) Lieutenant Navarre. — Eclaireurs de cavalerie.

ão estarão mantidos, ao passo que outros estarão desprovidos de defensores.

157. Reconhecimento de um bosque de pequena extensão.

Dois grupos de dois exploradores serão suficientes. Os 4 exploradores se dirigem com intervallos suficientemente grandes para o bosque. Chegados á orla, um grupo faz á esquerda, o outro á direita e os dois grupos percorrem as orlas oppostas; os cavaleiros em fila, á distancia variavel, uns quinze passos mais ou menos, distancia suficiente para que, se o primeiro cahir em uma emboscada, o segundo possa escapar-se para ir informar. O segundo explorador terá a arma prompta para fazer fogo.

158. Reconhecimento de um bosque de extensão.

a) A estrada de marcha atravessa o bosque. — Se é sómente uma patrulha que deve atravessar o bosque, enviar dois exploradores, que se dirigem para os salientes a 300 — 600 metros mais ou menos da estrada de marcha; depois se reunem sobre esta, acompanhando a orla.

Se é uma pura ponta de vanguarda (alguns cavaleiros para um esquadrão isolado), a frente a explorar é variavel: 500 a 1.000 metros (isto depende dos salientes e dos reentrantes do bosque); neste caso, a ponta será muitas vezes obrigada a pedir cavaleiros de reforço.

Se a tropa que segue é considerável, é preciso por vezes empregar um efectivo muito maior, um pelotão por exemplo, porque é preciso extender bastante a exploração.

Deve-se, antes de partir:

1.^º Combinar um lugar de reunião, uma vez a operação terminada, ordinariamente sobre a estrada, eixo de marcha.

2.^º Combinar um outro ponto de reunião geral se o grupo cahir sob o fogo do inimigo, mas, nesse caso, os exploradores ganharão primeiro, a coberta mais proxima delles, donde examinarão o itinerario a seguir para attingir o ponto de reunião geral.

b) O bosque está no flanco de estrada de marcha.

Neste caso, e se a tropa é uma columna, enviar bem cedo um forte grupo de exploradores associados dois a dois, sobre a orla designada. Se nesse bosque, ha caminhos transversaes com relação á linha de marcha, os grupos de exploradores darão golpes de sonda e, estabelecendo-se nas alamedas e salientes do bosque, ahí estacionarão,

segundo as ordens dadas, todo o tempo do escoamento da columna.

Em todos esses reconhecimentos, não ha schemas. A utilisação do terreno e das cobertas que confinam com o bosque tem toda a sua importancia.

159. Reconhecimento de um bosque que se sabe estar ocupado.

a) O bosque é de pequenas dimensões. — Dois grupos de exploradores associados ganham um ponto de observação conveniente nos flancos; procuram, depois, ver a retaguarda. Esse reconhecimento dos flancos e da retaguarda dará o meio de informar a respeito da importancia da tropa que ocupa esse bosque.

b) O bosque é de grandes dimensões. — O interesse é saber se toda a orla está ocupada e se o está fraca ou fortemente.

Para tanto, dois exploradores se destacam e vão percorrer a galope largo uma linha parallela á orla do bosque, a 400 — 600 metros desta, attrahindo sobre si o fogo dos fuzis inimigos.

Durante a corrida, os exploradores verificam a parte do bosque de onde partem os tiros. Mas, graças á velocidade do cavallo, elles terão probabilidades minimas de serem attingidos. Terminado o seu reconhecimento, retirar-seão obliquamente em relação á linha de tiro, ou, se houver, logar, utilizando os desenfiamentos e cobertas do terreno.

Durante esse reconhecimento, o chefe, com os outros exploradores, conserva-se atraç de uma coberta, em observação.

160. Reconhecimento de povoações.

Princípio geral. — Antes de chegar ao alcance efficaz do fuzil: 500 a 800 metros, o grupo de exploradores faz alto atraç de uma coberta (monte de capim, arvores) para observar a orla; este reconhecimento primeiro pelos olhos é indispensavel; elle não provará que o inimigo não está na povoação, mas poderá, por vezes, permitir reconhecer que o mesmo nella se encontrará; em seguida dará meio de ver como a povoação pôde ser abordada. Com effeito, a configuração dá logar a diversas maneiras de proceder.

1.^º A ORLA NÃO PARECE OCCUPADA

Os exploradores lançam-se sobre a povoação por 3 grupos de dois cavaleiros associados: um grupo na direcção da marcha, dois outros sobre os flancos. Estes ultimos marcham sensivelmente na frente do grupo

central e partem sufficientemente cêdo. Ao entrar na povoação, o primeiro explorador de cada grupo conduz o mosquetão na coxa, pronto para atirar. Seguem-se ao alcance da voz: 15 a 25 metros. Os grupos de exploradores se reunem na orla opposta da localidade ou ocupam, segundo o terreno, as posições de observação.

Antes de partir, o chefe indica aos seus exploradores pontos de referencia para o reconhecimento da povoação e o sentido do ponto de reunião geral após á operação. Habitualmente, a torre da igreja será o melhor ponto de referencia.

Se a povoação não pode ser percorrida sobre um dos seus flancos pelo processo indicado e se o terreno que confina com a orla lateral é um terreno impraticável para cavaleiros (cercas de arame, pantanos...), será comtudo, conveniente executar golpes de sonda sobre uma ou duas ruas lateraes (golpes de sonda interiores). Esse sistema de golpes de sonda poderá ser empregado quando a povoação está em um flanco da estrada de marcha e a uma certa distancia (golpes de sonda exteriores).

A mesma cousa quando o grupo de exploradores encarregado do reconhecimento só comportar 3 ou 4 cavaleiros: operar por golpes de sonda, interiores ou exteriores, segundo o caso.

O cavalleiro designado para fazer o golpe de sonda destaca-se ao galope, vâe até uma rua transversal, se houver logar, e reune-se ao grosso que continua ao trote. Esse processo tem a vantagem da patrulha não se deslocar e do intinerario, sendo sendo simples e curto, o explorador não se desgarrar.

O caso que acabamos de estudar é o de uma patrulha que faz o reconhecimento de uma povoação para uma tropa que a segue (patrulha de ponta), porque uma patrulha isolada era sempre interesse em evitar uma povoação, logo que presentir, por qualquer indício, a approximação do inimigo, ou quando estiver em paiz inimigo. Se ella deve executar o reconhecimento, procurar pontos de observação e, se necessário fôr, operar por golpes de sonda exteriores.

• HA INDICIOS SOBRE OCCUPAÇÃO DA POVOAÇÃO PELO INIMIGO

a) *Povoação de pequenas dimensões:* — Operar como no paragrapho 1.º de um bosque ocupado.

b) *Orla extensa.* — Operar como para o

reconhecimento de uma orla de grande bosque ocupado; mas se nas estradas da povoação se encontram cobertas, fazendas, chacaras, etc., fazer primeiramente o reconhecimento d'essas cobertas, etc. Podem ser encontradas algumas desoccupadas que oferecerão excellentes pontos de observação.

c) *Povoações offerecendo, nos flancos, pontos de observação.* — Ir até esses pontos, utilizando sempre o terreno. Se, de um desses pontos de observação, nada se notar de suspeito, operar, desse ponto, por golpes de sonda exteriores e por meio de cavaleiros associados, dois a dois, quando o efectivo permitir. Se a povoação é bastante extensa, recomeçar essa operação por fuma ou duas outras. Esse processo é assás longo, mas será, muitas vezes, o unico utilisavel.

d) *Todos os lados da povoação, assim como os pontos de observação nas proximidades, estão occupados.* — Segundo as ordens, a menos que a patrulha não esteja isolada, procurar uma brecha por onde se possa infiltrar para ir vér. Em todos os casos, será sempre util verificar as forças que se acham á retaguarda da povoação, porque é onde o inimigo collocará, muitas vezes, as suas reservas. E, pois, lá que é necessário esforçar-se de ir ver.

Se, pela natureza dos tiros ou pela observação, verificar-se que se trata apenas de uma patrulha de cavallaria que apeou, ou uma fraca fracção de cavallaria que, muitas vezes, estará sem rerserva a cavallo, então o grupo de exploradores não hesitará em lançar-se sobre os cavalleiros a pé, e, em particular, sobre os cavallos de mão. Um pelotão combatendo a pé surprehendido nestas condições, poderá ser muito facilmente colhido por alguns exploradores decididos.

Na guerra essa oportunidade poderá ainda apresentar-se frequentemente.

Em todo o caso, quando um grupo de exploradores contornar uma povoação pelos seus flancos, o chefe terá o cuidado de bem escolher o itinerario que lhe permitirá o melhor desenfiamento, assim como o terreno mais praticavel.

Se, ao chegar á proximidade de uma povoação, o grupo de exploradores perceber uma patrulha inimiga que della sae, deve lançar-se imediatamente em cima, desorganizando-a, e levando-a de encontro á povoação, o que será, por vezes, o melhor

meio de vêr, e rapidamente, se ha alguma cousa atraç della. Na guerra não é necessário cahir em uma prudencia extrema, que só pode conduzir á irresolução e, portanto, a resultados nulos; ha sempre um risco a correr: são os imprevistos da guerra.

ANNEXO N.º 1

VELOCIDADE DE MARCHA

a) Cavallaria. — (1). — 1) Ao passo. — 6.500 á hora

2) Prolongando-se os tempos de trote em cada hora de marcha, obtém-se o resultado indicado no quadro abaixo:

Trotan-	$\left\{ \begin{array}{l} \frac{1}{4} \text{ do tempo} \\ \frac{1}{3} \text{ do tempo} \\ \frac{1}{2} \text{ do tempo} \\ \frac{2}{3} \text{ do tempo} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} 15 \text{ minutos} \\ 20 \text{ minutos} \\ 30 \text{ minutos} \\ 40 \text{ minutos} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} 8.500 \text{ m.} \\ 9.400 \text{ m.} \\ 10.500 \text{ m.} \\ 12.000 \text{ m.} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} 6 \text{ hora} \\ 5 \text{ hora} \\ 4 \text{ hora} \\ 3 \text{ hora} \end{array} \right\}$
---------	--	--	--	--

{ 3 Ao trote	— 15.000 m.	{		
{ 4 Ao galope (2)	—	{	á hora	
	20.000 m.			

b) Infantaria. — 1) Durante o dia e nas estradas — 4 km. á hora

2) A noite e nas estradas — 3,5 km. ou 3 km. á hora.

3) Através dos campos pode descer em um ou outro caso, a 1 km. á hora

c) Artilharia. — O quadro abaixo (3) nos fornece as indicações necessárias.

Materiaes	Velocidade a passo	horaria alternado pa- so e trote
A. leve e obuz de 105	5 a 6 kms.	7 km.
A. C.	6 »	8 »
A. P. (155 C e 120 L hipomovel) outros materiaes	5 »	—
A Mth.	4 »	—
	5 »	—

d) Columna de todas as armas. — Regula-se a marcha pela da infantaria, que é o elemento estavel da columna» (4)

(1) Instruction pratique sur le service de la cavalerie en campagne.

(2) As marchas a galope são exceções.

(3) R. E. A. (13), Titulo II.

(4) Von Kleist.

ANNEXO N. 2

PROFOUNDIDADE DAS COLUMNAS

T. E. de R. I.	500
» » » B. C.	150
» » » R. C.	150
» » » G. A.	150
R. I. com T. C.	3350
R. I. P.	2000
B. C. com T. C.	1100
R. C. » » »	1300

G. A. M. com col. lig.	1000
G. A. Mth. » » »	600
G. 155 curto » »	1500
» 120 longo » »	1000
D. D.	1500
I S. M. I.	600
I S. M. A.	450
I S. M. A. P.	300
G. R. D.	150
Pq. E.	200
Equipagem de pontes	600
I Secção Cb. AD.	3000
D. R. M.	300
G. P. D.	400
Columna evacuação { secção animaes carga..	200
	700
1 Amb. O.	500
1 » C.	500

ANNEXO N. 3

RECONHECIMENTO DA ESPECIE DAS FORÇAS INIMIGAS

1) Pela simples observação a olho nu ou a binocolo. — Processo facil desde o momento que se consiga chegar á distancia suficiente — de modo que se possa distinguir pela simples observação, a olho ou a binocolo, a natureza ou especie da tropa que temos diante dos olhos, — isto é, se se trata de inf., de cav. ou de art.

a) Pelo seu aspecto no terreno.

a) Inf. — sob o aspecto de uma faixa regular e baixa.

b) C. — sob o aspecto de uma faixa alta, espessa e dentada.

c) Art. — sob um aspecto muito irregular.

3) Pelas nuvens de poeira — Vide «Indicações» (1)

ANNEXO N. 4

AVALIAÇÃO DO EFFECTIVO DE UMA TROPA

Avalia-se o effectivo de uma tropa pelos seguintes processos:

a) Pela contagem das suas bandeiras e estados-maiores montados;

b) Pela contagem das diversas unidades;

c) Com o auxilio da carta;

d) Pelo tempo do escoamento por um ponto;

e) Pelo emprego de regras praticas (1)

(1) Manual do chefe da patrulha. Cap. Orozimbo.

(1) Este processo resume-se na applicação das formulas $E = PX^2$ (para a inf.), $E = P$ (para a cav.), $V = P$ (para a art.) em que $E =$ efectivo, $P =$ profundidade e $V =$ numero de viaturas.

f) Pelo reconhecimento dos P. A. (se a tropa estiver estacionada).

Considerando o processo mais interessante — o processo d) — tomemos o seguinte exemplo:

Um observador colocado em . . . vê passar por um reparo fixo — uma arvore isolada, por exemplo — uma tropa de inf. que se escôa durante 42 minutos.

A questão se reduz a uma simples porporção como se vê:

$$50 : 4000 :: 42 : X$$

Dondé:

$$50X = 4000 \times 42$$

$$X = \frac{168.000}{50} = 3.360$$

Ora o quadro das profundidades das colunas — anexo n. 2 — nos dá, para um R. I., P = 3.350.

Portanto, traça-se, approximadamente, de um R. I.

Rio, 18—6—924

ARTHUR CARNAÚBA
1.º Ten.

Critica a um projecto de regulamento

(Ainda de interesse actual)

Por se reconhecerem, hoje, as «bases do ensino militar», fixadas pela lei n. 13.551, de 10 de janeiro de 1919, incompletas, pois que não prevêm o ensino da artilharia de costa em separado, como se faz nos países que cuidam acertadamente de sua defesa, e por estarem as fabricas militares *a bont de ressources*, em matéria de officiaes com cursos technicos que os habilitem a bem encaminhar industrias, trata-se agora de fazer um regulamento para a Escola Militar, em que tudo isto fique sanado provisoriamente, a titulo de obstar-se o mal maior de não se ter, de todo, officiaes para desempenharem essas funções (officiaes de artilharia de costa e officiaes para technicos de fabricas).

N'este presuposto, está em vias de elaboração na Escola Militar e no Estado Maior um regulamento para essa escola, em que se quer conciliar tudo, incluindo n'ella o que está previsto em lei dever se conter em tres, além do assumpto que se deve conter em uma outra escola que a lei não previo, mas que se impõe a todos os espíritos que acompanham a evolução das cousas militares — a de «Artilharia de Costa» —. Quer-se, portanto, na realidade, colocar em uma só escola o que só ficaria bem distribuido em quatro, como a lei basica do ensino militar manda (uma escola de armas e duas de technicos de artilharia e engenharia) e é exigido, hoje, pela lei de divisão do trabalho e que a propria commissão elaboradora do novo regulamento achou de necessidade, querendo encaixal-a, em embrião apenas, no mesmo regulamento, segundo se vê do projecto elaborado que nos foi presente para criticar.

O resultado será a criação de uma obra confusa (quando já temos evoluido tanto n'essas mesmas bases de ensino de 1919!), incapaz de preencher seus fins, cheia de deficiencias, *maxime* quando, como é, preoccupação metter em poucas cadeiras, todo o vasto assumpto que devia ser ensinado em quatro escolas que se reconheceu deverem existir *separadamente*, mas que se deseja comprimir em uma só agora.

Evidentemente não é solução esta que se dê por premencias quaesquer.

Mil vezes deixe-se o que está feito por mais um anno e, com calma e tempo, modifiquem-se as «bases do ensino», no Congresso, vendendo-se mais a «Escola de Artilharia de Costa»; mandem-se os officiaes com os antigos cursos technicos (que já tenham dado provas de o serem) por commissões e trabalhos desempenhados) ás grandes escolas e fabricas estrangeiras, afim de cumprir-se a lei n'este ponto (ella é ahi bem clara), depois então creem-se *separadamente* as quatro escolas (de campanha, de technicos de artilharia, de technicos de engenharia e de artilharia de costa).

Este parece que é o unico caminho a seguir, tudo mais só podendo gerar desordem e confusão.

Será possivel que se considerem as escolas technicas e de artilharia de costa como de importancia secundaria, pois que outras foram montadas com todo conforto e até lucro, em edificios e condições proprias e *separadamente*, até mesmo á escola de ferradores, ao passo que regateia-se a criação dessas outras, pretendendo-se arranjar as quatro n'um só amontoado?

^(*) Por estar sem solução ainda o assumpto, é de toda a oportunidade a publicação desta critica.

Não ! Não é possível que isto se dê. Os nossos dirigentes e nós sabemos que as escolas de armas e de técnicos constituem o arcabouço dos exercitos nacionais, pois que é em torno das *armas* que se reúne a Nação para aprender a defender-se e para lutar, quando é necessário, e é em torno dos técnicos militares que as indústrias nacionais organizadas vêm reunir-se para, normalmente, fornecerem as armas e o mais que lhe é necessário para combater eficientemente, defendendo-se, na hora do perigo.

Todas as demais escolas são acessórias a estas, que não podem admitir soluções provisórias e comissões ; sua organização tem que ser integral ou falhará o edifício todo e ruirá tragicamente quando d'ele se exigir um esforço.

Acho-me em condições favoráveis para bem observar os factos e saber da necessidade da preemcia da criação de escolas de técnicos e de artilharia de costa e da relativa condição de folga com que funcionam as das armas quanto ás fontes de seus elementos essenciais — os officiaes do primeiro posto.

Lecciono na Escola Militar e d'ahi vejo saírem officiaes bem orientados para as quatro armas : e isto todo o Exercito é unanime em afirmar ; servindo em uma fabrica militar e tendo occasião de desempenhar comissões importantes, como a de apresentação de tipos de apparelhos de comunicações para o Exercito e de meios de desenvolver esta produção, a de inspecção dos recursos de energia, etc., dos fortés e fortalezas e outros, tenho tido occasião de observar as mais dolorosas anomalias, a superfectação a mais gloriosa escondendo a miseria mais real, só deixando prever o que realmente se constata, isto é, a fatal, consequente insuficiencia a mais absoluta na actividade fabril militar e na defesa de costa do Brasil.

Nas fabricas até bem pouco tempo reinava o mais absoluto empyrismo, synthetizado por uma expressão bem característica : os instrumentos de medidas ahi se resumiam no — *olhometro* — (avaliação a olho).

A organização económica das indústrias (teoria completa em que o *taylorismo* é uma das escolas mais avançadas e perfeitamente assentada em bases mathematicas sem a qual não ha industria prospeta), não tem sido nem vislumbrada na regulamentação das fabricas do Estado ; isso, a par das deficiencias de conhecimentos theorico-práticos dos officiaes que têm ahi servido (pois que os antigos cur-

sos tecnicos que todos nós temos, eram puramente theoricos e incompletos, como todos nós, a cada passo, afirmamos) tem dado em resultado a desmoralisação da actividade industrial fabril do Estado, tudo provindo, em ultima analyse, da falta de ensinamentos theorico praticos systematicos, administrados em escolas tecnicas funcionando n'essas mesmas fabricas, em que o alumno aprenda, produzindo logo, *de facto*.

Creio não mais ser preciso esclarecer quanto se impõe a criação do quadro de tecnicos e, portanto, das escolas tecnicas.

Quanto á artilharia de costa, em relatórios que apresentei, o ultimo dos quaes é um apanhado é a apreciação completa dos recursos em energia e comunicações d'essa arma, em relação ao 1.º Distrito de Artilharia de Costa, vê-se bem o estado em que estamos sómente quanto á energia disponível e comunicações *intra e entre* as obras fortes do mesmo. A triangulada de tiro, o preparo prévio do campo de minas, a telemetria, etc., para não fallar no maravilhoso recurso (inteiramente ausente ahi) do *fire-controllable*, resentem-se muito da falta de uma Escola de Artilharia de Costa, que deve ahi mesmo ser localizada e contar com instructores naturalmente apontados : — americanos.

Tudo isso parece bem aconselhar que se criem essas escolas, mas *separadamente*, dividindo-se bem o trabalho, não se confundindo fabrico com funcionamento tactico ; que não se faça obra de afogadilho e com resultados innocuos, comprimindo-se todas essas escolas em uma só, onde se formarão individuos com conhecimentos superficiais e principalmente lastimável, apenas theoricos.

E' preferivel esperar mais um pouco e fazer-se obra completa, ampla e não um arremedo de resolução de problema, como será fatalmente o que concluiremos de afogadilho e premidos pela idéa preconcebida de fazer *pequeno*, de fazer obra...barata.

Estas minhas palavras não significam mais que a sincera vontade de collaborar para a consecução de uma obra solida.

Capital Federal, 16—11—1922.

FLAVIO QUEIROZ NASCIMENTO
Capitão

Nota — Podemos, com prazer, declarar que o alvitre foi o de se adiar a criação das escolas tecnicas, inclusive a de Artilharia de Costa, ficando só instituído, por ora, a escola de armas.

Muito teremos a lutar, se a instituição das demais não tardar.

(Do Autor)

Vocabulario militar

(TRANSCRIÇÃO)

Da camaradagem dos exercitos aliados na grande guerra resultou, para a França, alas-trante e viçoso anglicismo, contra o qual, alarmado, clarinou a rebate o professor J. Truffier.

Distincto colaborador da selecta revista «A Defesa Nacional», sr. capitão F. Paula Cidade, a exemplo do purista gaulez, mas abrindo fogo em direcção oposita, verberou, «em defesa de nossa língua», a invasão de gallicismos lexicos e syntacticos de que está sendo vítima o vernaculo, militarmente.

E' um bello gesto, mas entendamo-nos: bello pelo repulsar destemperadas suprefluidades obtusas...

Nós, brasileiros, em verdade, não estamos na obrigação de quebrar lanças pela intangibilidade do portuguez, desejando-o immaculo e fiel aos classicos padrões. Em nossa Patria elle tem que ser ductil, receptivo, vulneravel e quebradiço, submettido como se acha a incoercivel processo de differenciação, do qual, cedo ou tarde, ha de resplandecer o idioma brasileiro.

E porque não? Se um esgalho do velho tronco latino, evolvendo, conseguiu por sua vez fazer-se arvore, por que desta não ha de nascer, egualmente, ramo vidente que, ao influxo de determinadas condições mesologicas, se avigore e torne tambem arvore pu-jante, coroada de flores e fructos e gorgeios?

Nem haverá primasia: os rebentos da cepa luza na Galliza e Africa frondejam em dialetos perfeitamente caracterizados. Parece que, por certa subserviencia mental, neste ponto estamos sotopostos aos gallegos e africanos.

Diz-se-á que o nosso dialecto já se encontra claramente delineado. Sem duvida. Seria extraordinario que o organismo vivo de uma língua, transplantado de seu habitat para outro inteiramente diverso, não se resentisse das modificações impostas pelo clima, pelos costumes, elementos complexos da lucta pela vida, pela concurrenceia racial, influencias telluricas, pelas necessidades e relações de toda sorte, emfim por todo o conjunto de circumstancias ambientes.

Mas, o vezo do respeito fetichista pelos canones linguisticos da ex-metropole tem retardado enormemente a eclosão da nossa

propria língua, que dess'arte ainda não conquistou o seu 7 de Setembro para integrar o Brasil na independencia completa.

Com desorientado patriotismo expungimos de nossa escripta todas as divergencias morphologicas e syntacticas, as palavras, phrases e peculiaridades de nossa gente, os bizarros modismos, toda a nossa magnifica floração vocabular, tudo emfim que apresente cunho nacional, embora na linguagem falada façamos frequente e tranquillo uso deses preciosos cabedaes.

Fazemol-o naturalmente, pelo habito, que uma segunda natureza, consoante o ensinou Pascal, e mesmo escrevendo não raro lá nos deixamos trahir. O illustre capitão Cidade, verbi gratia, apesar de traquejado na famosa disciplina pronominal, não se forrou — commettendo-a em passo onde o lusitano não a tolera — á irresistivel tendencia brasileira para a enclise, excepção já se vê, da não menos irresistivel tendencia proclitica com alguns casos obliquos no inicio das sentenças.

E' incoherencia que se observa em todas as espheras sociaes, sendo que na militar existe uma linguagem typica, opulenta de termos creôlos e pittorescas expressões da invectiva popular, a qual não se reflecte nos regulamentos, ou outros papeis, onde por sinal nunca lemos a palavra *bóia*.

Haverá moeda de timbre mais genuino, de mais vasta e velha circulação?

Em nosso tempo da Escola Militar existia outra igualmente de geral abuso: *tróco*. Era indefinivel e indefinida: servia para tudo, para quaesquer apertos ou desapertos.

Em douta dissertação, o professor J. Alexandre explica que o inglez tem no verbo *to do* «um pausinho para toda obra».

Pois o *tróco* não lhe ficava a dever. Não sabemos se ainda perdura; quanto á *bóia*, se acaso amanhã apparecer em algum regulamento estrangeiro, logo lhe garatujaremos fóros de cidadania.

Temos que importar, desde que não podemos permitir como o praticam os demais povos; ahí não é que o mal se enraiza, sim no desdem imbecil com que ferreteamos, achincalhamos e negamos o que é nosso, engrossando ás cegas, e ás tontas o que é de fóra.

Não é de hoje que, no terreno idiomático, recebemos subsídios externos, sendo que na terminologia militar, além do latim que lhe forma o grosso da columna, ha contingentes de muitas línguas, com especialidade a alemã, italiana e a francesa, que nos deu, conforme annotou o sr. capitão Cidade, os termos : pret, comboio, bonet, tambor, coronel.

Afigura-se-nos que os dois ultimos abhi estão deslocados : tambor, segundo João Ribeiro, vem do persa, accrescentando «Sheler opina pela origem românica do tap, tab, batter, ferir» e coronel, coin quanto alguns philologos emeritos, como o dr. E. Carneiro, lhe dêem passaporte hespanhol, está líquido que nos veiu do italiano, bem como cavalaria, esgrima, alarme (all-arme, ás armas !), brigada, parapeito, calibre, escaramuça, alerta (all-erta, ao alto !), cartucho, soldado, reducto, escala, medalha, sentinelha, anspeçada, aliás vindo por intermedio do frances, que fundiu lancia-spezata em anspezzade.

O ligéiro pano de amostra dos vocabulos franceses, offerecido pelo referido oficial, pôde desdobrar-se : kepi, blusa, fuzil, avançada, manobra, corneta, capote, bayoneta, patrulha, general, mosquetão, recruta, metralha e seus derivados, destacamento, grupo, que outros descendem do italiano (groppo).

O contingente alemão exhibe á sua frente, como é de direito, o marechal, seguido de guerra, marchar, bandeira, elmo, baluarte, bloqueio, guante, forragem, obuz, etc.

O antigo alferes era o alfaraz, do arabe, que nos forneceu tambem almirante, arsenal, tarimba e xadrez.

Em menor escala concorreram para o nosso material bellico : o hespanhol com granada, guerrilha, galão, etc. ; o hungaro com o sabre ; o grego com apreciavel copia, inclusive tactica ; o céltico com ataque e bagagem ; o inglez com revolver, etc. ; até os turcos nos emprestaram o dolman.

Muitos vocabulos não os obtivemos de fonte nativa, directamente, mas de segunda mão ; d'ahi lapsos na classificação, como sucedeu ao distinto collaborador da «A Defesa» e talvez nos aconteça. Além disso, ás vezes, duvidas ensombram as origens, do que dão testemunho algumas das palavras citadas, junto ás quaes se perfila «sargento», para uns do latim, produzindo «sargent» no italiano e «sergent» no frances, em ambos significando subdito, criado ; para outros do persa sarjauk «cabo de guerra», hypothese mais razoável, ao menos por certa analogia

de funcções e ser a analogia «ultima ratio philologiae».

A mesma possibilidade de lapsos quanto á orthographia, nem sempre etymologica, «aquella em que pôde haver menos questões, schismas e heresias», no opinar de Garret.

E' bem de ver : nem por sombra nos anima a pretenção de uma revista ao glosario marcial ; a motriz deste devaneio é o desejo de largo aplauso ao sr. capitão Cidade pela iniciativa de apontar e condenmar, gallicismos absolutamente inadmissíveis, por desnecessarios, da laia de «engajamento» por combate de vanguarda ou preparatorio, e o pavoroso «desbordar» (déborder) por torcear, contornar.

Só por milagre não se adoptou recentemente mais um gallicismo, ao «volteador», preferindo-se «voiteur» de «voltigeur», o lepido soldado com que Napoleão enriqueceu a infantaria francesa, convindo notar que as centurias da antiga Roma já tinham os seus «volteadores», ou *flexentes*.

Se o brilhante escriptor houvesse respigado mais a eito, armazenaria opipera messe, como «batalhão a 3 companhias», belleza que velho mestre dos cursos gymnasiales, Julio Ribeiro, desconhecia quando prelecccionava : «esquadra de 40 vasos; corpo de 20 soldados».

Armazenara tambem, e agora a sete chaves, aquelle airoso e fluente hybridismo regulamentar : columbophilos...

Os povos, sob o ponto de vista linguistico permitem de acordo com as necessidades que o progresso lhes impõe ; mas, em havendo abuso, para logo assumem energica defensiva, da qual, no caso ocorrência, é significativo eco o protesto indignado do professor frances J. Truffier.

A grande guerra foi, sob varias faces, tremenda licção desdobrada em multiphas consequencias, algumas imprevistas ; sob o aspecto militar, se não subverteu a tactica, cujos principios persistiram, evidenciou a intima correspondencia entre o combate e a evolução dos materiaes nelle empregados.

Exercito moderno, o nosso, não se pôde furtar, pois, aos neologismos relativos ao aperfeiçoamento da arte da guerra, mas dahi atravancadores, de todo inuteis, vai um abyssmo, que devemos evitar cautelosa e patrioticamente.

Curityba.

EUCLIDES BANDEIRA
Tte-Cel. da E. Líbia

O 52º BATALHÃO DE CAÇADORES

(UMA PAGINA DE SAUDADES)

(Ao General Francisco Flarys)

Foi em fins de 1910, ao terminar o curso preparatorio que cheguei ao 52.º de Caçadores, que estava então aquatelado no velho edificio da rua do Areal, afim de assentar praça; porém só em príncipios de 1911 é que fui encorporado ao mesmo batalhão.

Era então esse corpo comandado pelo coronel Francisco Flarys, e tido como o melhor do Brazil quanto ao ponto de vista de disciplina e o grão de instrucción.

O 52.º de Caçadores foi, em virtude da reorganisação do Marechal Hermes, criado em fins de 1908, servindo de nucleo creador o antigo 23.º de Infantaria.

Como o 23.º Batalhão de Infantaria, teve commandantes de reputado valor, taes como os coronéis Ferraz, Salustiano Reis e Nelson Nascimento.

Em 1919, com a nova Organização do Exército, foi extinto o já tradicional 52.º de Caçadores, que passou a formar junto com o 57.º tambem de Caçadores o 10.º Regimento de Infantaria, com parada em Juiz de Fóra.

Durante o commando do Coronel Flarys, que foi longo, esteve o 52.º em seu periodo aureo; era delle que sahiam as guardas de honra para os embaixadores e diplomatas estrangeiros, para o palacio presidencial, etc. Durante as revistas e paradas, era então o 52.º o corpo que melhor se apresentava, recebendo sempre os mais bellos aplausos da população carioca; realmente era o mais instruido e disciplinado do Brasil.

Em 1911 foi o 52.º que forneceu um destacamento de 50 soldados para tomar parte na trasladação do ataúde da nossa primeira Imperatriz, D. Leopoldina, assim como de mais duas príncezas brasileiras, do antigo convento da Ajuda, que ia então ser demolido, porque o progresso assim exigia, para o dito de Santo Antonio, sendo um daquelles soldados quem estas linhas escreve. Essa cerimonia foi feita com grande solemnidade, graças á iniciativa do General Agostinho Raymundo Gomes de Castro.

Prestou o 52.º durante as revoltas dos marinheiros e do Batalhão Naval assignados serviços tendo elle sido, encarregado da guarda do Palacio do Cattete; destaca-

mentos delle guarneceram a ilha do Viana, outro repelliu uma tentativa de ataque de revoltosos na praia do Cattete.

Durante os 15 mezes em que fui praça de pret do 52.º teve o mesmo como fiscaes os maiores Waldomiro Cabral e Raul Estillac Leal e o capitão Edgard Eurico Daemon.

Em 1911, estava ainda em vigor a instrução antiga, tendo então occasião de muitas vezes tomarmos parte em formações antigas, tâes como: o QUADRADO.

Nesse anno foram commandantes da 3.ª Companhia, á qual pertenciamos, os capitães Arthur Neptuno Bolivar e Arthur Goffredo Soares.

Em Março de 1912 deixei o 52.º por ter effectuado matricula na Escola Militar, voltando sómente a elle em Agosto de 1915, por ter sido nelle classificado como Aspirante a Oficial só o deixando definitivamente a 31 de Dezembro de 1917, por ter sido já como 2.º tenente classificado no 6.º R. I.

Em 1915 nos exames de recruta, de Companhia e de Batalhão sobressaiu-se o 52.º de maneira admiravel, succedendo o mesmo no anno seguinte, quando então a 3.ª Companhia foi pelo Ministro da Guerra considerada a primeira sub-unidade do Exercito Brasileiro; era commandada pelo capitão Trajano Ferraz Moreira e tinha como subalternos os 1.º tenente Jonathas Salathiel Dias da Rocha, 2.º dito Eduardo Guedes Alcoforado e Aspirante A. S. dos Santos.

Nesse mesmo anno (1916) partiu o 52.º para Matto Grosso, fazendo parte da Expedição do commando do General Luiz Barbedo, sahindo-se então o batalhão de maneira brilhante e honrosa durante todo o tempo em que fez parte daquella Expedição. Era o Batalhão um corpo que estava num tal pé de disciplina que podia ser comparado a qualquer outro dos melhores exercitos; isso devia-se ao seu fiscal, o então major Octavio Coutinho principalmente, e aos commandantes de companhia, que eram os capitães Osorio da Cunha Telles, Trajano Ferraz Moreira e Guilherme Mariante. Deixando o General Barbedo o commando da Expedição, em seu boletim de despedida apenas elogiou ao 52.º de Caçadores e á Secção de

Metralhadoras da Cia. de Curtyiba, destaca em Corumbá sob o commando do 1.^º tenente Antonio P. de Sampaio.

Voltando ao Rio de Janeiro, deixou a fiscalização do 52.^º o major Coutinho, por ter sido promovido ao posto imediato, sendo substituído pelo major Antonio Ferreira de Oliveira Junior, que desde alferes servia no batalhão, tendo sido por muito tempo o ajudante, deixando então o 52.^º por efeito de promoção.

Foi com o coração confrangido que assisti o extinto 52.^º deixar definitivamente o seu antigo quartel da rua do Areal, afim de partir para Juiz de Fora... E assim extin-

guiu-se o 52.^º BATALHÃO DE CAÇADORES, corpo considerado de «elite» pela população carioca.

Essas sucessivas reorganizações e remodelações por que tem passado o nosso Exército, fazem que não se mantenha no mesmo a tradição dos corpos; felizmente, talvez por um mero acaso, dentre os muitos corpos do Exército Brazileiro, apenas existem dois que ainda conservam seus números de criação: o 1.^º Regimento de Cavalaria e o 1.^º Batalhão de Engenharia.

S. Paulo, 10-3-1925.

AMILCAR SALGADO DOS SANTOS

RECONHECIMENTO DO TERRENO

(Licções ministradas aos meus sargentos) (CONTINUAÇÃO)

XIV^a LICÇÃO

Desfiladeiros

Desfiladeiro — é toda posição de terreno apertada entre obstáculos naturais ou artificiais, que só permitem a passagem das tropas com uma frente pouco extensa. Pôdem ser, ou de flancos *accessíveis* ou de flancos *inacessíveis*.

Em face dessa definição, é claro que são desfiladeiros:

uma estrada no fundo de um valle ;
uma estrada no flanco de uma montanha ;
uma estrada cortando uma matta ;

uma estrada em aterro, atravessando um banhado, ou em desaterro, flanqueada por barrancas íngremes ;

uma ponte ;
um tunel.

Nestas condições, pôde dizer-se que os desfiladeiros participam das elevações e das depressões.

E, conforme a natureza de seus flancos — si formados por obstáculos difficilmente vencidos, ou impossíveis de o serem, qual, por ex., montanhas a pique ; precipícios ; porções d'água, corrente ou estagnada, invadáveis ou difficilmente transponíveis — são chamados de flancos *inacessíveis*; si pôdem ser

com relativa facilidade atingidos pelos flancos, porque não sejam protegidos por esses impecilhos, são desfiladeiros de flancos *accessíveis*.

Além dessa classificação, ainda se os pôde considerar de flancos *cobertos* ou de flancos *descobertos*, e, finalmente, ao mesmo tempo *coberto* por um flanco e *descoberto*, por outro, ou participando das duas condições simultaneamente.

Como desfiladeiros *descobertos* e *inacessíveis* podemos, pois, considerar as pontes e os diques ; e como *cobertos* e mais ou menos *accessíveis*, os collos nas montanhas ; os caminhos cruzados, as estradas que atravessam os bosques, as cidades, etc.

Chama-se *entrada* ou *cabeça* de desfiladeiro a extremidade a que se dirige a tropa para o atravessar, recebendo a denominação de *sairida* ou *desembocadura* a extremidade opposta.

Ha, quanto á sua natureza, duas sortes de desfiladeiros :

a) — *Desfiladeiros artificiais* — pontes, viaductos, etc., formados de obras d'arte por meio das quaes as vias de comunicação transpõem certos obstáculos do terreno, tales como cursos d'água, valles, etc. e ligando, assim, duas regiões praticaveis, e

b) — *Desfiladeiros formados pelas vias de comunicação* atravessando uma região des-

favorável á marcha das tropas, tales como encruzilhadas, colos restrictos, córtes, caminhos em valles estreitos ou no interior de florestas impraticaveis, estradas circumdadas de tapumes espessos e altos ou vallos profundos que impeçam á tropa de se lançar para os lados, etc.

Estes ultimos desfiladeiros, na sua maior parte, *naturaes*, são, em geral, extensos, e por isso mais perigosos de atravessar de que os artificiales.

A passagem de um desfiladeiro, quer na offensiva, quer em retirada, é sempre uma operação critica porque, ainda que pouco numerosa, uma tropa collocada em bôa posição, pôde deter uma grande columna nêla metida. A sahida de um longo desfiladeiro em preseuça do inimigo é tambem uma operação perigosa porque á tropa que desembocca é forçada a apresentar uma frente restricta, ao passo que o adversario pôde lhe oppôr uma frente muito mais extensa e, por conseguinte, meios de destruição mais consideraveis.

Os desfiladeiros são ocupados :

- 1) — Para permittir a passagem de uma columna, quer em marcha para a frente, quer em marcha de retirada ;
- 2) — Para impedir a sua passagem pelo inimigo ;
- 3) — Para forçar o adversario a um combate desvantajoso.

E' pôdem ser defendidos de tres maneiras :

- 1) — Atrás da desembocadura ;
- 2) — Adeante do desfiladeiro ;
- 3) — No seu interior.

Os desfiladeiros, implicando sempre operações decisivas dada a obrigatoria necessidade de os transpôr, e variando immensamente de condições em cada caso, comportam um estudo especial sobre os differentes modos de os atacar, segundo os objectivos e modo de defesa.

Do seu cabal e perfeito reconhecimento decorre, é obvio, o exito da operação que se tem em vista e que, pôde-se dizer, nelle assenta. E' por isso, de capital importancia, requerendo de seu encarregado, mais do que qualquer outro, profundo conhecimento da tactica das armas e longo tirocinio deste ramo do serviço militar.

Tendo em vista as condições supra expostas e as dêllas derivadas, um reconhecimento deve-lhe observar :

Direção geral — que deve ser indicada no caso das vias de communicação, o que já nos é conhecido. Mais do que nestas, entretanto, deve-se ter em vista as suas sinuosidades, si existirem.

Extensão — de que depende o tempo necessário para vencel-o.

Largura — que fixa o maximo da extensão da frente da columna. Deve-se ter em vista as suas variações de largura, caso não seja constante, e, assim, precisar bem os pontos onde se alarga e onde se constricta.

Estado — Sendo considerado como um meio de communicação, deve-se verificar si o desfiladeiro é praticavel ás diferentes armas e aos transportes ; em caso contrario, como adaptal-o. E' preciso verificar si os accidentes comuns ás viaturas darão logar á interrupção de transito das demais e á detenção da columna. Neste caso, tem-se de indicar quaes os trabalhos necessarios para obstruir o desfiladeiro ou para tornar o percurso possivel ou mais facil.

Natureza dos flancos — Em regiões montanhosas : rochedos, terrenos escarpados, despidos, cobertos de brenhas, sarças, urzes ou de bosques, etc., sens taludes. Em terrenos planos : banhados ou brejos, paúes, grandes sebes vivas, muros extensos, largos vallos, cursos d'água, etc.. Em qualquer dos casos informar si são accessiveis pela tropa que occupa o desfiladeiro ou em caso contrario, de que trabalhos dependerá esse acesso. Nos casos de pontes, túneis, etc., uma descripção perfeita destas obras dárte dispensa outros esclarecimentos.

Segundo a natureza dos flancos, os desfiladeiros são de duas especies :

a) — Aquelles em que é possivel ocupar-se, sobre os flancos, com infantaria e mesmo artilharia, posições favoraveis e dominantes donde se possa proteger a marcha de uma columna e no caso de insuccesso, retirar com segurança, e

b) — Aquelles em que esta vantajosa condição não pôde ser satisfeita. O reconhecimento deve indicar a que categoria pertence o desfiladeiro, descrevel-o, e suas adjacências, e precisar, si isso tiver logar, os pontos a ocupar sobre os flancos, os que o inimigo feria interesse em possuir para impedir a travessia e os que successivamente deveria

ocupar a guarda de retaguarda num caso de retirada.

Configuração das desembocaduras — Examinar-se-á si a entrada e a saída do desfiladeiro ficam em linha recta (circumstância desfavorável para desembocar) ou si, ao contrário, se mantêm desencontradas, o que impossibilita o tiro de enfiada; si se alarga ou si se estreita e, por conseguinte, si se pôde sahir com uma frente mais ou menos extensa do que na estrada; si se pôde ocupar, sobre os flancos, na saída, bôas posições que permittam proteger o desenvolvimento das forças transpositoras, e, sobretudo, examinar a configuração do terreno circunvizinho á saída para poder informar seguramente sobre:

a) — as facilidades ou dificuldades que apresenta para o desenvolvimento da tropa que desembocca;

b) — as posições que o inimigo teria interesse em ocupar para se oppôr á saída da columna. Estas posições são tanto mais vantajosas quanto maior desenvolvimento permitem ás tropas para maior numero de fogos convergirem sobre a saída.

Do mesmo modo se deve examinar o terreno vizinho á entrada, assim de bem reconhecer as posições a ocupar, seja para a defender, seja para a atacar.

Comunicações vizinhas — Verificar quais as existentes permittindo contornar o desfiladeiro. Tanto importa em constatar si toda a columna tem de atravessal-o ou si poderá ser fraccionada, isto é, si existem, e em que raio, comunicações outras que permittam esse fraccionamento. Neste caso, que efectivo pôderão, respectivamente, tomar este ou aquelle caminho.

Neste particular é preciso muita atenção e jamais deixar passar desapercebido o meios importante dos atalhos porque elle pôde, muita vez, permitir contornar o desfiladeiro e inutilizar, burlando-o, todos os trabalhos defensivos que porventura o adversario tivera podido levar a cabo para interdictar a passagem, e reciprocamente.

XV^a LIÇÃO

Campos, campinas, desertos, steppes

Geralmente planos e sem variedades notáveis, estes terrenos não dão margem a grandes trabalhos no reconhecimento. Quando

se fala numa campina, num deserto ou nas savannas já se têm, inteira, a descrição dos trâctos considerados, dada a uniforme e geral característica com que se apresentam.

Ao Chefe basta saber que nos encontramos em face de um litorâo para dispensar qualquer outra informação que ás necessidades de esclarecimentos se venha juntar. Entretanto, como pôdem conter determinados acidentes, quer naturaes, quer artificiales, que possam influir sobre a praticabilidade das diferentes armas, necessário se torna prestar-lhe os esclarecimentos que digam respeito á variedade desses possíveis accidentes; extensão, natureza do terreno, etc. e que pôdem influir sobre os deslocamentos a emprehender pela tropa. Assim, postos á margem os desertos e steppes e seus similares, nada mais teremos do que tratar dos campos e campinas, onde seguramente teremos de operar tuas nossas provaveis campanhas e, assim mesmo, encarando - os mais particularmente, sob o ponto de vista de sua viabilidade do que propriamente sobre a sua parca influencia nos dominios da tactica.

Nestas condições torna-se necessário percorrer - o em todas as direções para annotar si o cortam ribeiros, quebradas, vallas ou sângas, banhados e atoladouros (especialmente sobre o itinerario da marcha), caminhos ou trilhos (sua direcção) e, finalmente, a sua faixa circumdante, desde se encontre esta dentro do raio de accão da artilharia. É como se poderá informar sobre a natureza e configuração do solo. Tratando - se de campos de grandes extensões, este trabalho se limitará á faixa necessaria a preservar as tropas de qualquer eventualidade.

Deve - se ter em vista e assignalar precisamente os objectos notaveis encontrados taes como capões, rochedos, barrancos, ou precipícios; contrafortes, escarpados, brechas, cercas ou tapumes (sua natureza), dando, nestes casos, sua origem e direcção e salientando bem a sua importancia sob o ponto de vista de uma operação. De um modo geral todos os accidentes devem ser consignados no relatorio, não esquecendo estâncias, granjas, casas isoladas ou povoados, etc..

Em resumo, deve - se attender ao seguinte:

Extensão — Caso sejam de curtos horizontes, esclarecer sobre o comprimento (eixo maior) e sua orientação e largura (eixo menor), bem como indicar a forma geral do perimetro.

Configuração geral circumdante — Si é um terreno coberto, aberto, cortado, praticável, plano, accidentado, dominante, habitado, dificuldades de acesso, obstáculos, abrigos, pontos de apoio, etc., etc.

Natureza do campo — Verde, de bôas pastagens, secco, arenoso, sujo, ralo, queimado recentemente, pedregoso, frouxo, alagadiço, pantanoso, etc.

Assinalar os lagos, lagôas, paúes, etc., que tornam impraticável uma parte de terreno; obstáculos, abrigos e cortinas; ribeiros, canhadas, fossos, taludes, cercas, muros, árvores, seu valor como massa cobridora.

Considerações militares — As decorrentes dessas investigações, segundo o objectivo da missão.

XVI.^a LICÇÃO

Local para um bivaque

a) — *Recordemos, em primeiro lugar, algumas considerações táticas* — O bivaque já mais deve ser estabelecido sobre o próprio local onde se pretenda travar combate mas aítraz e assás perto, todavia, para que se tenha todo o tempo preciso para ocupar a posição de combate, em caso de ataque por parte do inimigo. O bivaque deverá, é claro, ser estabelecido fóra das vistas deste, e disporá de comunicações faceis para a praça de acção; estabelecer-se-á, em caso de necessidade, isto é, quando não nás existirem.

Uma importante vantagem para a frente e flancos expostos de bivaque será serem protegidos por um acidente do terreno ou por uma localidade fácil de defender.

Quando a artilharia ou cavallaria bivacam com a infantaria, esta se collocará do lado provável do ataque.

b) — *Considerações relativas ao repouso e à commodidade da tropa* — Apoiar-se tanto quanto possível às localidades e utilizar-as mesmo; proteger-se contra o sol e o vento, e, conseguintemente, apoiar-se aos bosques; collocar-se às proximidades de um curso d'água potável; procurar toda facilidade para se encontrar lenha e palha ou râmagens, forragens e todos os meios de subsistência.

Taes são as condições a considerar na escolha de um bivaque.

Pode-se, dado o caso, fraccionar um bivaque importante em muitos outros menores. Nas localidades é que se precisa procurar

encontrar a agua potável; os rios, lagos, etc., se aproveitará para os bebedoiros e cozinhas.

O bebedouro não distará mais de 100 passos de bivaque; sua agua será corrente, sempre que assim seja possível encontrar. É recomendável evitar os fundos limosos ou lamacentos, buscando sempre os formados de um pedregulho fino. Os cavallos devem poder entrar commodamente para a agua e, si for necessário, abaixa-se a margem e torna-se-a praticável por meio de revestimentos de molhos de madeira ou troncos. O ponto destinado ao bebedouro deve ser assás largo para que toda uma fileira de um pelotão possa fazer seus cavallos beber ao mesmo tempo. Por qualquer signal devem ser marcados os logares proprios a servirem de bebedouros. Sendo-se obrigado a fazer os animaes beber em fontes, é preciso ter o cuidado de estabelecer gamellas (poços) etc., para que um pelotão inteiro possa servir-se de uma só vez. Determinar-se-á a capacidade ou o conteúdo e o gasto ou escoamento das fontes, que, como os bebedouros, devem ser distribuidas pelos diferentes corpos da tropa.

c) — *Disposições para o bivaque* — A infantaria bivaca por batalhão, em columna dobrada; com 10 passos de intervallo entre os batalhões e 20 entre os regimentos.

Na cavallaria o regimento forma em columna cerrada a meia distancia. (1)

As linhas de cavalos ficam a 20 passos e a guarda da bandeira a 10 passos adéante da frente.

Os esquadrões ocupam 1 1/4 da frente do esquadrão. O estado maior do regimento bivaca a 20 passos á retaguarda; a 5 passos mais á retaguarda acham-se as viaturas e seus animaes; a 100 passos aítraz as latrinas. (2)

Os officiaes ficam a 5 passos sobre a lado opposto áquelle em que se acha a praça de reunir; as cozinhas a 25 passos da tropa, de lado opposto á direcção dominante dos ventos; a 10 passos das cozinhas, os cantineiros. O intervallo de cada regimento será de 20 passos.

Uma bateria bivaca de modo que sua primeira linha comprehende as peças e 2 fourgons de subsistencia, com 15 passos de intervallo; em segunda linha ficam os armões e outros dois fourgons.

Espaços necessários — (3) Para um batalhão em pé de guerra são precisos 200 passos e 100, com o efectivo de paz; 300 de

profundidade.. Um regimento de cavallaria ahj comprehendida a praça de reunião, occupa uma frente de 200 passos, uma profundidade de 290, si os 5 esquadrões estão juntos. Uma bateria montada tem uma frente de 50 passos e de 110 no pé de guerra, 180 de profundidade e 220 com o effectivo de guerra. Uma bateria a cavallo, 50 passos de frente, ou 110 no pé de guerra, uma profundidade de 200 a 240 passos, segundo o effectivo (paz ou guerra).

Haverá 20 passos de intervallo entre duas fracções de armas differentes. Quando se bivaca em duas linhas, o que se deve evitar o mais possivel, a frente da segunda linha achá-se, então, a 150 passos das cozinhas

para a infantaria e artilharia, a 50 passos das equipagens para a cavallaria. Não se installa latrinas entre as duas linhas.

(1) Esta formação foi modificada pelo recente projecto de lei sobre o serviço de campanha. A cavallaria bivaca em colunas de esquadrão (linha de colunass).

(2) O commandante do campo pode modificar o lugar das latrinas e cozinhas conforme a direcção do vento,

(3) Pode obter-se rapidamente, dum golpe de vista, as quantidades de espaços necessários para o bivaque. Basta ter uma pequena folha de papel resistente, na qual se recorta, segundo a escala de que se serve, os espaços necessários para um regimento (ou batalhão) d'infanteria, de cavallaria, para uma bateria. Collocar-se sobre a carta a abertura correspondente à unidade de que se trata e este processo muito facilitará a apreensão do espaço necessário.

(Continua)

CAP. DILERMANDO C. DE ASSIS

BESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO X—Avanço do Exercito

RECONHECIMENTO DE PIQUICIRY

O marechal Caxias, depois das operaçōes descriptas, tratou de reconhecer as novas posições a enfrentar.

Para isso, auxiliados pela esquadra, partiram os generaes Andrade Neves com a vanguarda, Osorio com o 3.^o corpo, e Jacintho Bittencourt com o 1.^o, o marechal Caxias verificando então que eram realmente formidáveis as linhas de defesa paraguayas, linhas que, artilhadas com 76 canhões, tinham a direita apoiada á bateria de Angustura, que defendia o rio, e a esquerda apoiada em espessas mattas e banhados difficilmente vadeaveis e defendidos por abatizes, além de profundos fossos de agua represada do arroio Piquiciry, que corria atrás das trincheiras e ainda lhes servia de defesa.

Os couraçados transpuzeram o *passo*, ficando os navios que protegeram a passagem nas proximidades de Angustura.

Na manhã do dia 2, os couraçados fundearam em frente a Villeta, de onde a população fugiu espavorida.

O reconhecimento de Piquiciry convenceu o marechal Caxias de que um ataque frontal combinado com outro ao flanco esquerdo seria imprudente e custaria de certo inauditos

sacrifícios ao exercito, de modo que decidiu elle a abertura de um caminho pelo Chaco, operação julgada impossível pelos adversarios e pelos proprios auxiliares do marechal.

Dizem que a celebre madame Lynch, amante do dictador Lopez, exclamára, sorrindo, ao ter noticia do plano do marechal Caxias : « Só houve um Aníbal ! »

Entretanto, o chefe brasileiro ordenou a operação e mandou que os generaes Argollo, com o 2.^o corpo, e Gelly e Obes, com o contingente argentino, se juntassem ao grosso do exercito, ficando em Humaytá o coronel Piquet com 1.500 homens para sua defesa.

A abertura do caminho era, de facto, uma operação de um arrojo extremado e com razão considerada impossível ; mas, após 23 dias de trabalhos insanos, de luctas terríveis com os obstaculos naturaes que se atropelavam naquelle medonho treinmedal, estava concluido o famoso caminho do Chaco, para o que mais de 30.000 troncos de palmeiras foram alli collocados como estiva, oito grandes pontes tendo sido construidas, inumeros pontilhões lançados e kilometros de pista abertos nas mattas !

Chefiou a comissão de denodados engenheiros, composta dos engenheiros Falcão

da Frota, Carlos Lassance, Sepulveda, Jourdan e varios officiaes dos batalhões de engenharia e pontoneiros, o coronel Rufino Euéas Gustavo Galvão, todos sob a direcção superior do general Argollo.

Durante a construcção do caminho, varios reconhecimentos foram realizados, o ultimo dos quaes a Villeta, onde os paraguayos se fortificavam, na persuação de que alli fosse o ponto de desembarque escolhido pelos brasileiros.

PASSAGEM DO CHACO

O marechal Caxias, deixando em Palmas, fazendo frente aos paraguayos nas linhas de Piquiciry, os contingentes argentino e oriental, reforçados com a 6.^a brigada de infantaria, o corpo de transportes, 1 secção de pontoneiros, o 1.^o regimento de artilharia a cavalo e o 3.^o batallão da mesma arma, respectivamente commandados pelos generaes Gelly e Obes e Henrique Castro, coronéis Mallet, Paranhos, Severiano e outros, transportou-se a 27 para o Chaco.

Iniciada a passagem, coube ainda a vanguarda da columna ao general Argollo, á frente do 2.^o corpo, que ás 2 horas da manhã de 5 de Dezembro embarcou, seguindo em demanda do porto de Santo Antonio, ponto de destino.

As demais tropas foram embarcando progressivamente durante o dia, inclusive a cavalaria, que havia seguido por terra até Santa Helena, permanecendo no Chaco apenas um destacamento, como garantia ás comunicações por alli.

Logo após o desembarque em Santo Antonio, o general Argollo destacou o coronel Niederauer em reconhecimento até o rio Itororó, mas esse official nada encontrou de importante.

Entretanto, reconhecendo pessoalmente o terreno, o marechal Caxias ordenou a occupaçao da ponte do Itororó, para isso destacando o mesmo coronel Niederauer, que, verificando dessa vez estar ella já ocupada pelo adversario, teve de retroceder, pois que a noite se approximava e seria imprudente qualquer operação nocturna em uma zona ainda desconhecida.

No dia seguinte deu-se uma das accões mais encarniçadas de toda a campanha — a celebre passagem de Itororó, como veremos adeante.

CONSIDERAÇÕES

A conducta do marechal Caxias, renunciando ao ataque de frente e flanco esquerdo de Piquiciry, foi sobremodo louvavel, pois que uma tal operação, de exito problemático, teria de custar incalculaveis sacrifícios ás tropas aliadas.

Mas o contornamento da posição, realizado pela passagem do Chaco, mediante a construcção de obras de engenharia verdadeiramente phantasticas e só acreditaveis depois de sua execução, ultrapassou a tudo quanto se pudesse imaginar a respeito de arrojo e de força de vontade do intrepido marechal e suas tropas.

A simples menção do famoso episodio é bastante para que desde logo se apprehenda a magnitude da empreza realizada e nos dispensa de commentala.

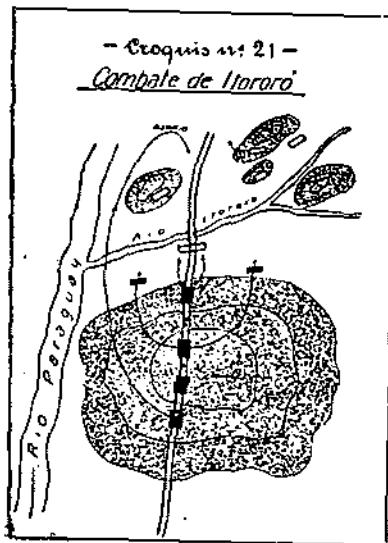
Com essa marcha estupenda do exercito aliado, tão simples na concepção quanto rude na execução, foram por terra todos os planos de resistencia dos paraguayos, que passaram pelo amargo dissabôr de ver perdidos todos os sacrificios inauditos que haviam feito na preparação e guarnecimento das terríveis linhas da Piquiciry, dentro das quaes elles contavam paralysar o impeto offensivo dos seus adversarios.

Mais uma vez a intelligencia, applicada com criterio e oportunidade, livrava o exercito aliado de perdas irreparaveis !

Quanto aos paraguayos, deixaram-se elles cegar pela confiança excessiva em suas fortificações, perdendo a occasião de hostilizar os seus adversarios por occasião da passagem do Chaco, o que seria de certo vantajoso e lhes seria facil, dada a sua capacidade excepcional nas surpresas e sortidas.

Além disso, esqueceram-se de que as fortificações são optimos pontos de apoio, mas nunca objectivo capital de uma tropa aguerrida e dirigida por um commando de élite.

COMBATE E PASSAGEM DE ITORORÓ



Ao romper dia, o exercito prosseguiu a marcha, rumo do Itororó, fazendo a vanguarda o coronel Fernando Machado, com 1 destacamento de cavalaria e a 5.^a brigada de infantaria.

Em seguida, marchavam os generaes Argollo, com o 2.^o corpo do exercito, e Jacintho Bittencourt, com o 1.^o.

O general Osorio, á frente do 3.^o corpo, marchou á retaguarda.

Desde cédo as avançadas começaram o tiroteio.

Para attingir a ponte era preciso atravessar um desfiladeiro, por entre espessa matta, mas o coronel Fernando Machado o transpoz, para isso ordenando uma carga de bayoneta deante da qual os paraguayos cederam terreno, passando-se para o lado oposto da ponte.

Nessa occasião, a artilharia inimiga rompeu o fogo, auxiliada pela fuzilaria, o que fez com que os atiradores brasileiros fossem rechassados, não ousando avançar.

Deante disso, o coronel Fernando Machado mandou explotar as mattas aos lados do caminho que se dirigia para a ponte e, nada tendo sido encontrado de anormal, avançou á testa da vanguarda, descendo o desfiladeiro na direcção da ponte, até que o fogo inimigo, recrudescendo novamente, o fez deter-se.

A planicie além da ponte era semeada de capões e os paraguayos haviam collocado a artilharia e a infantaria emboscadas nas mattas fronteiras ao desfiladeiro, a cavalaria estando á direita, dando pasto á cavalaria.

da, mas em condições de agir promptamente, pois que os animaes estavam encilhados e o pessoal attento.

Não poderiam ser melhor as posições ocupadas pelos paraguayos, pois que as tropas aliadas não podiam manobrar livremente e se veriam forçadas, para prosseguirem a marcha, a fazel-o sob o fogo mortifero delles.

Querendo reconhecer bem a situação, o coronel Fernando mandou o 1.^o Batalhão avançar, apezar do fogo intenso supportado, mas dentro em pouco a artilharia inimiga calou-se, e então surgiram do riacho e da matta fronteira á ponte varios batalhões de infantaria paraguayos que, agindo rapidamente, rechassaram o 1.^o Batalhão e retrocederam para seus esconderijos, de novo entrando em acção a artilharia.

Reorganisando-se, o 1.^o Batalhão renova a investida, mas a operação fracassou, pois que os fogos paraguayos convergiram para a ponte, desfiladeiro de 3 metros apenas de largura e por isso difficult de transpor.

Comprehendendo a gravidade da situação e sciente das condições admiraveis das posições paraguayas, o marechal Caxias ordenou que o general Argollo avançasse, batendo o inimigo apenas com a artilharia, até novas ordens.

Cumprindo a ordem, o general Argollo fez avançar 1 bateria do 2.^o regimento para perto da ponte e mandou abrir uma picada á esquerda e outra á direita do caminho, até a buranca do arroio, afim de augmentar a frente de ataque, ordenando ainda que a cavalaria e a infantaria se abrigassem na orla e no interior da matta, exceptos os infantes necessarios ao apoio da artilharia, que seguitam para a orla da matta na borda do arroio Itororó.

Infelizmente não foi possivel transportar mais de 2 cañhões por cada uma das picadas, as baterias não pôdendo romper a matta, mas mesmo assim rompeu-se o fogo violento quanto possível, o adversário respondendo com energia.

O marechal Caxias foi pessoalmente reconhecer as posições, subindo ao ponto culminante do cérro e verificando o quanto eram ellas admiraveis e difficults de enfrentar.

Mas era preciso agir, apezar disso. Às 10 horas da manhã, o general Argollo pediu permission para tentar nova investida, o marechal Caxias a concedendo.

Então o general Argollo determinou que o 1.^o, 13.^o, 34.^o e 48.^o batalhões carregas-

sem á bayoneta; e a columna se precipitou impetuosa contra o adversario, conseguindo o 1.^º batalhão arrebatar-lhe logo 2 canhões, mas a operação fracassou, pois que forças superiores, saíndo á frente da columna brasileira, a rechassaram até além da ponte.

Nova carga ordenada pelo general Argollo, apoiada então pelo 6.^º de cavallaria, comandado pelo coronel Niederauer, repellio os paraguayos para suas posições, pois o coronel Niederauer, contornando habilmente as adversarios, os atacou de flanco com extremado rigor.

Mas a cavallaria paraguaya, percebendo a situação perigosa de seus camaradas, carregou contra o intrepido coronel brasileiro em grande superioridade numerica, atirando-o com sua tropa de encontro a ponte e de envolta com a infantaria, nessa occasião cahindo morto o bravo coronel Fernando Machado.

A situação se apresentava grave, mas o marechal Caxias não perdia a calma.

Informado por um vaqueano da existencia de um *passo* a pouco mais de uma legua do local, o marechal ordenou que o general Argollo moderasse o ataque e que o general Osorio, com o 3.^º corpo, contornasse a direita paraguaya para atacar o adversario pela retaguarda.

Entretanto, passado o tempo mais que suficiente para que o general Osorio realisasse a operação, sem que se observasse do lado adversario nenhuma alteração, o marechal Caxias começou a inquietar-se, imaginando muito naturalmente que o adversario houvesse percebido o movimento e mandasse alguma columna forte deter o general Osorio. Nessas condições, ordenou que o general Argollo recrudecesse a luta novamente.

O general Gurjão, do 2.^º corpo, recebeu ordem então de investir contra os paraguayos, mas, tão depressa estes notaram o avanço do general Gurjão, recolheram-se á matta, iniciando contra elle terrível bombardeio, até que, alcançando elle as proximidades da posição, varios batalhões de infantaria, saídos repentinamente das mattas, o atacaram de flanco com o auxilio da cavallaria.

O combate travou-se com um encarniçamento indescriptivel, correndo a tomar parte nelle tambem o coronel Niederauer com sua cavallaria.

Retirados da acção, gravemente feridos, os generaes Argollo e Gurjão, o marechal

Caxias determinou o avanço do general Jacinto Machado Bittencourt, com parte de sua infantaria e o 6.^º, 7.^º, 13.^º e 20.^º de cavallaria.

Mal a infantaria do general Jacintho Bittencourt transpoz a ponte, os paraguayos atacaram-na pelos flancos, sendo, porém, rechassados pela cavallaria do coronel Niederauer, que ainda investiu contra a artilharia inimiga, arrebatando-lhe 4 canhões.

Após 4 longas horas de lucta encarniçada, a situação ainda era a mesma. Apenas os paraguayos haviam recebido grandes reforços de cavallaria e os brasileiros continuavam sem noticia do general Osorio.

Era preciso um golpe decisivo, e o marechal Caxias ainda dispunha de 1 brigada de infantaria e do seu piquete de intrepidos cavallarianos.

Ordenou elle, então, que o 46.^º e o 51.^º batalhões transpuzessem a terrível ponte e formassem quadrado imediatamente, enquanto que elle desembainhando a espada avançou como um raio pela ponte, dizendo as celebres palavras: «Quem fôr brasileiro que me acompanhe!». O que depois disso se passou seria difícil descrever!

Officiaes e soldados se lançaram com verdadeira furia contra as rígidas massas paraguayas, a lucta assumindo proporções extraordinarias, até que, mandando tocar o signal de — *commandante em chefe — carregar* — dentro em poucos minutos os paraguayos foram levados de roldão, fugindo desordenados rumo de Villeta, atropelados sempre pela heroica cavallaria do bravo coronel Niederauer, pouco depois auxiliada por um destacamento do general Andrade Neves, que avançara por ordem de Osorio, só então chegado ao campo de batalha, mas que pôde ainda participar do grandioso feito.

O tal *passo* que diziam existir a pouco mais de 1 legua da ponte de Itororó, o general Osorio só encontrou a 3 leguas e depois de uma lucta insana, pois que o guia se desorientara por completo.

Além disso, na sua marcha, o general Osorio teve de sustentar innumerias escaramuças com o adversario.

Nesse terrivel combate de Itororó, os paraguayos tiveram 1.200 baixas e os brasileiros 81 officiaes e 1.262 soldados feridos, além de 215 mortos.

CONSIDERAÇÕES

O combate de Itororó foi nm dos mais sangrentos de toda a campanha contra o

Paraguay e na qual a victoria foi arrancada pela força moral e pela bravura extrema dos intrepidos chefes brasileiros, a cuja frente se achava o grande marechal Caxias.

Sob o ponto de vista militar, a operação foi mal conduzida, pois que, uma vez que o coronel Niederauer não havia conseguido preceder o adversário na ocupação da ponte, se tornavam imprescindíveis um grande cuidado e uma sabia preparação do ataque.

A estreiteza do caminho a atravessar pela matta não permittia o aumento da frente de marcha da columnna atacante, que, sem poder desenvolver-se para o combate, seria fatalmente sacrificada pelo fogo regulado de artilharia inimiga, bem como pelo de sua infantaria.

Parece-nos que o coronel Fernando Machado agio imprudentemente, naturalmente levado pela sua bravura pessoal. Deveria elle atacar o adversário aproveitando-se do abrigo natural que lhe offerecia a matta, enquanto o general Argollo conseguisse fazer avançar a sua artilharia pelos flancos da estrada, como fez em parte, e o general Osorio, vadeando o arroio, alcançasse a retaguarda do adversario.

Só então, mediante um signal préviamente combinado com o general Osorio e quando este houvesse alcançado o ponto conveniente, deveria iniciar-se o ataque, que, desencadeado simultaneamente, teria perturbado o adversário, tornando-se facil a sua derrota completa.

Os factos, entretanto, se desenrolaram de modo muito diferente.

As investidas pela ponte foram prematuras, os reconhecimentos imperfeitos, a artilharia, muito pouca nos flancos, não preparou devidamente a acção e a falta de um perfeito serviço de ligação da columnna do general Osorio com o commando superior deu causa a suposições que não se devem verificarem.

Se o general Osorio mantivesse uma ligação continua com o marechal Caxias por meio de officiaes ou simples estafetas, de certo não teria este precipitados os acontecimentos, como fez, pois que ficaria informado de tudo e a tempo.

O combate de Itotoró foi, pois, mal conduzido, havendo mesmo falta de certa coordenação nas operações realizadas pelos elementos componentes da tropa, de modo que a victoria repousou apenas no excesso de bravura com que officiaes e soldados brasileiros sempre affrontaram os perigos.

A campanha contra o Paraguai, foi quasi toda feita a golpe de bravura e de despreendimento pela vida, os aliados, como aliás seus bravos adversarios, repellindo systematicamente a idéa de precaução, naturalmente receiosos de passarem por covardes.

Dahi a serie interminável de imprudências commettidas de parte a parte, e que, afinal, jámais redundavam em proveito importante para os contendores, que, ao contrario, sempre pagavam caro a teimosia.

Com relação aos paraguayos, delinearam elles a operação com grande acerto, começando pela ocupação, que se impunha da ponte do Itotoró.

Collocaram as suas tropas admiravelmente e souberam combinar com intelligencia as acções de suas armas.

Entretanto, para que a conducta não fosse impeccável, perderam elles a oportunidade de destroçarem a columnna do general Osorio, o que seria talvez possível se elles houvessem garantido sufficientemente a retaguarda de suas posições com os grandes recursos de que dispunham em cavalaria mesmo.

Demais, a coordenação verificada nas acções de suas armas quando successivas, desapparecia toda vez que se tornavam simultaneas.

(Continúa)

Cap. Nilo Val

Bibliographia

RELATORIO DOS TRABALHOS EXECUTADOS
PELA COMMISSÃO DE LIMITES PARANÁ-SANTA CATHARINA

MARECHAL ALBUQUERQUE SOUZA

Com uma dedicatoria que muito nos desvanecece recebemos, enviado por seu autor, um exemplar do relatorio supramencionado.

Contem o mesmo um relato, detalhado, criterioso e documentado de todos os trabalhos feitos pela Comissão de limites, desde sua nomeação até final.

Admiravelmente escripta e impressa constitue a obra em questão a melhor de todas as escolas para quem se dedica a assuntos semelhantes; pena é o seu feitio oficial não lhe permitir ser posta à venda.

Foi chefe da comissão o Snr. Marechal Antonio de Albuquerque Souza, que á mesma imprimiu o cunho de probidade, trabalho e esforço, que sempre o caracterizaram em todas as missões de que foi incumbido.

Com ella encerrou o distinto chefe sua carreira de engenheiro militar, uma existência toda ella devotada e útil ao Exército e ao Paiz.

Muito gratos.

TACTICA DE CAVALLARIA

MAJOR PEDRO CAVALCANTE

Gentilmente enviado por seu autor recebemos um folheto com o título supra. Em o mesmo se estuda a acção de um forte destacamento de cavalaria, enviado para impedir um desembarque de forças inimigas, que não deverão intervir em uma batalha, próximo a ferir-se. Essa acção foi objecto de um tema, dado na E. E. M., resolvido pelos officiaes alunos e criticado pelos instrutores da M. F.

O trabalho se recomenda, como mesmo declara o seu autor como — contribuição ao methodo de raciocínio na solução de um tema —; pena é não lhe fosse junta uma carta completa de Rio Claro, que permittiria melhor compreender-se a situação geral e que não esteja o mesmo exposto à venda.

Gratos.

TACTICA DAS PEQUENAS UNIDADES

Remetido por seus autores, os cap. Heitor Borges e Góes Monteiro, recebemos um livrinho com o título supra.

Contém o mesmo um tema de destacamento mixto dado em 1924 na E. E. M. para ser resolvido em domicílio pelos alunos da mesma escola e a competente solução, traduzida nas ordens respectivas.

Tem em seguida notas de aula tomadas pelos autores em 7 sessões de jogo da guerra, que foi organizado sobre o tema em questão, e dirigidas pelos tenentes-coroneis Chabrol e Barrand da M. F.

O livro é de utilidade real para todos os officiaes combatentes do Exército e muito especialmente para aquelles que se destinam ou já frequentam a E. A. O. ou a E. E. M.

Recomendam-o como obra útil e instructiva.

Recebemos e agradecemos:

Boletim do Club Naval — Abril a Setembro de 1924.

Revista Militar — Bolivia — Fevereiro e Março.

Alerta — Uruguai — Fevereiro.

Revista Marítima Brasileira — Janeiro e Fevereiro.

Revista Militar — Argentina — Março e Abril.

El Ejercito Nacional — Equador — ns. 22 e 23.

O Escoteiro — S. Paulo — Dezembro.

Union Ibero-americana — Madrid — Fevereiro.

Revista Militar — Paraguay — Março.

L'Aéronautique — Paris — Março e Abril.

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia — Janeiro e Fevereiro.

Revista de Medicina e hygiene militar — Fevereiro.

Vida Militar — Madrid — Abril.

Revista de engenharia do Mackenzie College — S. Paulo — Abril.

O Dragão da Independencia — Rio de Janeiro.

Memorial del Ejercito de Chile — Abril.

Revista del Circulo Militar del Perú — Janeiro.

O Memorial de Infanteria — Madrid — Abril.

Revista del Circulo Militar — San Salvador — Janeiro e Fevereiro.



EXPEDIENTE

A capa da revista mudou de cor

Avisamos aos nossos prezados assignantes que com o numero duplo, correspondente aos meses de Janeiro e Fevereiro, iniciou-se um novo semestre.

Para que nos seja possível continuar a publicar a revista é absolutamente necessário que sejam satisfeitos os pagamentos das assignaturas com relação ao semestre que ora se inicia *adiantadamente*.

Pedimos pois encarecidamente aos nossos representantes se entenderem com os assignantes no sentido de ser esta medida effectivada.

Como foi estabelecido o anno passado as assignaturas custam:

Officiaes e civis.....	Anno 18\$000
	Semestre. 9\$000

Alumnos e praças de pret..	Anno.... 10\$000
	Semestre. 5\$000

E' bem de ver que a presente nota não se relaciona com os assignantes que consignaram.

ANNUNCIOS

De ora em diante os preços dos annuncios serão os seguintes:

	Semestre
1 pagina.....	200\$000
1/2 "	100\$000
1/4 "	50\$000
1/8 "	25\$000